

COLEÇÃO LÉON DENIS

O problema do ser, do destino e da dor

O problema da Dor

- As potências da alma
- A consciência
- O livre-arbítrio
- A disciplina do pensamento
- O amor

pevit

O PROBLEMA DA DOR

COLEÇÃO LÉON DENIS



LÉON DENIS

**O problema do Ser,
do Destino e da Dor**

**O problema
da Dor**

O problema da dor

Copyright by © Petit Editora e Distribuidora Ltda. 2000

1ª edição: setembro/00 - 10.000 exemplares

Direção editorial:

Flávio Machado

Coordenação editorial:

Sílvia Sampaio Ribeiro

Tradução:

Renata Barboza da Silva

Simone T. Nakamura Bele da Silva

Textos doutrinários conferidos e anotados por:

Mário Rasteiro da Fonseca

Capa (criação):

Flávio Machado

Diagramação:

Marcio da Silva Barreto

Revisão:

Sandra Garcia Cortes

Leticia Castello Branco Braun

Fotolito da capa:

Diarte

Impressão:

Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Denis, Léon, 1846 - 1927.

O problema da dor: 3ª parte / Léon Denis;
[tradução Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura
Bele da Silva]. – São Paulo : Petit, 2000. – (Coleção O
problema do ser, do destino e da dor)

Título original: Le problème de la douleur.

ISBN 85-7253-066-5

1. Dor 2. Espiritismo – Filosofia I. Título.
II. Série.

00-1419

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Dor: Espiritismo: Filosofia 133.901

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopiadora ou outro meio, você está prejudicando a editora, o autor e você mesmo. Existem outras alternativas, caso você não tenha recursos para adquirir a obra. Informe-se, é melhor do que assumir débitos.

Impresso no Brasil, na primavera de 2000.

LÉON DENIS

O problema da Dor

Tradução
conforme edição de 1922
da União Espírita Francesa e Francófila

Estudos Experimentais sobre os Aspectos
Ignorados do Ser Humano – As Personalidades
Duplas – A Consciência Profunda – A Renovação
da Memória – As Vidas Anteriores e Sucessivas, etc.



Rua Atuaí, 383 - Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 - São Paulo - SP
Fone: (0XX11) 6684-6000
Endereço para correspondência:
Caixa Postal 67545 - Ag. Almeida Lima
03102-970 - São Paulo - SP

www.petit.com.br
petit@petit.com.br



LÉON DENIS (1846-1927)

Um dos mais extraordinários espíritas de todos os tempos.

Sucessor e propagador da obra de Allan Kardec, a qual ampliou em termos filosóficos.

Seus elevados conceitos doutrinários, alicerçados na mais pura moral cristã e nos ensinamentos dos espíritos, lançaram novas luzes sobre a Doutrina Espírita, que enfrentava, na época, a contestação e o desprezo de grupos religiosos e científico-materialistas. Léon Denis a todos respondia com a sua mais pura naturalidade, baseando-se nos ensinamentos do Cristo e na mais alta inspiração dos seus mentores, que, como ele próprio confessava, nessas horas nunca o abandonaram.

Era também um orador excepcional que sempre atraía multidões. Sua vida era regrada pelos exemplos do Divino Mestre, tendo para todos e a qualquer momento sempre uma palavra de ânimo, quando não a própria ajuda material que para ele mesmo já era escassa.

Atrás de si deixou o exemplo da caridade, da renúncia e do trabalho.

Sua obra doutrinária é básica e enfoca os problemas da angústia e da dor, a destinação do homem e a maneira de compreender e equacionar os obstáculos da vida terrena.

Destacamos as seguintes obras de sua autoria: *Depois da morte*, *Cristianismo e Espiritismo*, *Joana D'Arc médium*, *O porquê da vida* e *No invisível*. Desencarnou trabalhando, aos 81 anos.



SUMÁRIO

Introdução	7
1 – A vontade	19
2 – A consciência, o sentido íntimo	28
3 – O livre-arbítrio	47
4 – O pensamento	54
5 – A disciplina do pensamento e a reforma do caráter	60
6 – O amor	68
7 – A dor	76
8 – Revelação pela dor	91
Profissão de fé do século 20	104
Testemunhos científicos	107



Esta introdução é a mesma para os três volumes da Coleção Léon Denis (*O problema do ser*, *O problema do destino* e *O problema da dor*).

INTRODUÇÃO

Uma observação dolorosa surpreende o pensador na velhice. Ela se torna ainda mais lastimável em conseqüência das impressões experimentadas em seu giro pelo mundo espiritual, e ele então reconhece que o ensinamento ministrado pelas instituições humanas em geral – religiões, escolas, universidades –, se nos ensinam muitas coisas supérfluas, em compensação não nos ensinam quase nada do que mais temos necessidade de conhecer para a nossa conduta: a direção da existência terrestre e a preparação para o além.

Apesar de ter sido escrito em 1908, o leitor notará ao longo deste e dos demais livros desta coleção que o autor estava tão bem assessorado pela espiritualidade que esta obra é tão atual quanto se tivesse sido escrita nos dias de hoje.

Aqueles a quem cabe a alta missão de esclarecer e guiar a alma humana parecem ignorar sua natureza e seus verdadeiros destinos.

Nos meios universitários, uma completa incerteza ainda reina sobre a solução do problema mais importante com que o homem se defronta no decorrer de sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. Uma boa parte dos professores e pedagogos afasta sistematicamente de suas lições tudo o que se refere ao problema da vida, às questões de seu objetivo e finalidade.

Encontramos a mesma dificuldade nos líderes religiosos. Por suas afirmações desprovidas de provas, conseguem comunicar às almas sobre as quais têm responsabilidade apenas uma crença que não responde mais à lógica de uma crítica sã nem às exigências da razão.

A rigor, na universidade, assim como na Igreja, modernamente a alma encontra somente obscuridade e contradição em tudo que



diz respeito ao problema de sua natureza e de seu futuro. É a esse estado de coisas que é preciso atribuir, em grande parte, os males de nosso tempo: a incoerência das idéias, a desordem da consciência, a anarquia moral e social.

A educação dispensada às gerações é complicada: não lhes esclarece o caminho da vida e não as estimula para as lutas da existência. O ensino clássico habilita a cultivar, a ornar a inteligência, mas não ensina a agir, a amar, a se dedicar nem a alcançar uma concepção do destino que desenvolva as energias profundas do eu e oriente nossos impulsos, nossos esforços, para um objetivo elevado. No entanto, essa concepção é indispensável a todo ser, a toda sociedade, porque é o sustentáculo, a consolação suprema nas horas difíceis, a fonte das virtudes atuantes e das altas inspirações.

Carl du Prel* relata o seguinte fato¹:

“Um dos meus amigos, professor da universidade, sentiu a dor de perder sua filha, o que reavivou nele o problema da imortalidade. Ele se dirigiu aos seus colegas, professores de filosofia, esperando encontrar consolação em suas respostas. Teve uma amarga decepção: havia pedido pão e lhe ofereciam pedra; procurava uma afirmação e respondiam-lhe com um ‘talvez’.”

Francisque Sarcey, modelo completo do professor da universidade, escreveu²: *“Estou na Terra. Ignoro absolutamente como vim e como fui lançado aqui. Ignoro ainda mais como sairei daqui e o que acontecerá quando sair”*.

Não se pode confessar mais francamente: a filosofia da escola, após tantos séculos de estudo e trabalho, ainda é apenas uma doutrina sem luz, sem calor, sem vida³. A alma de nossos filhos, sacudida entre sistemas diversos e contraditórios – o positivismo de Augusto Comte, o naturalismo de Hegel, o materia-

* Carl du Prel (1839-1899): destacado filósofo alemão e um dos importantes pensadores modernos, grande defensor das idéias espíritas no seu tempo contra os materialistas. Deixou muitas obras publicadas (Nota do Editor).

1 - Carl du Prel. *La mort et l'au-delà (A morte e o além)*.

2 - *Petit Journal*, “Crônica”, 7 de março de 1894.

3 - A propósito dos exames universitários, M. Ducros, sub-reitor da Faculdade de Aix, escreveu no *Journal des Débats (Jornal dos Debates)*, em 3 de maio de 1912: “Parece que existe entre o discípulo e as coisas como que um anteparo, não sei que nuvem de palavras aprendidas, fatos dispersos e opacos. É sobretudo na filosofia que se prova esta triste impressão”.



lismo de Stuart Mill, o ecletismo de Cousin*, etc. –, flutua incerta, sem ideal, sem um objetivo preciso.

Daí o desânimo precoce e o pessimismo desanimador, doenças das sociedades decadentes, ameaças terríveis para o futuro, às quais se acrescenta o ceticismo amargo e zombeteiro de tantos jovens que acreditam apenas no dinheiro e honram apenas o sucesso.

O ilustre professor Raoul Pictet assinala esse estado de espírito na introdução de sua última obra sobre as ciências psíquicas⁴. Ele fala do efeito desastroso produzido pelas teorias materialistas sobre a mentalidade de seus alunos e conclui assim:

“Esses pobres jovens admitem que tudo o que se passa no mundo é efeito necessário e fatal de condições primárias, em que a vontade não intervém. Consideram que sua própria existência é, forçosamente, joguete da fatalidade inevitável, à qual estão ligados, de pés e mãos atados. Esses jovens param de lutar logo que encontram as primeiras dificuldades. Não acreditam mais em si mesmos. Tornam-se túmulos vivos, onde guardam, confusamente, suas esperanças, seus esforços, seus desejos, fossa comum de tudo o que lhes fez bater o coração até o dia do envenenamento. Tenho visto esses cadáveres diante de suas carteiras e no laboratório, e têm-me causado pena.”

Tudo isso não é somente aplicável a uma parte de nossa juventude, mas também a muitos homens de nosso tempo e de nossa geração, nos quais podemos constatar um sintoma de cansaço moral e de abatimento.

F. Myers** também o reconhece: *“Há como que uma inquietude, um descontentamento, uma falta de confiança no verdadeiro valor da vida. O pessimismo é a doença moral de nosso tempo”*⁵.

Note que, apesar de este livro ter sido escrito no início do século 20 (a 1ª edição é de 1908), o assunto ainda é bastante atual nos dias de hoje.

* Augusto Comte (francês), J.G. Friedrich Hegel (alemão), J. Stuart Mill (inglês) e Victor Cousin (francês): filósofos de grande influência. Positivismo, naturalismo e materialismo são doutrinas filosóficas; ecletismo é um método que consiste em reunir teses de doutrinas diversas (N.E.).

4 - *Étude critique du matérialisme et du spiritualisme, pour la physique expérimentale (Estudo crítico do materialismo e do espiritualismo pela física experimental)*.

** Friedrich Myers (1834-1901): professor da Universidade de Cambridge (Inglaterra). Seus estudos contribuíram para o entrelaçamento da ciência com a idéia de um Criador. No meio científico defendeu postulados espíritas, como as vidas sucessivas e a reencarnação. Ferrenho opositor do materialismo, é considerado uma das *inteligências brilhantes* de sua época (N.E.).

5 - F. Myers. *Human personality (Personalidade humana)*.



As teorias de além-Reno*, as doutrinas de Nietzsche, de Schopenhauer, Haeckel**, dentre outros, muito contribuíram para desenvolver esse estado de coisas. Sua influência se espalha por toda parte. Deve-se atribuir a eles, em grande parte, esse lento trabalho, obra obscura de ceticismo e desencorajamento que se desenvolve na alma contemporânea.

É tempo de reagir com vigor contra essas doutrinas funestas e de procurar, fora da órbita oficial e das velhas crenças, novos métodos de ensino que respondam às imperiosas necessidades do momento presente. É preciso preparar os espíritos para as necessidades, os combates da vida atual e das vidas futuras; é preciso, sobretudo, ensinar o ser humano a se conhecer, a desenvolver, em vista de seus objetivos, as forças latentes que nele dormem.

Até aqui, o pensamento esteve limitado a círculos estreitos: religiões, escolas ou sistemas que se digladiam e se combatem reciprocamente. Daí essa divisão profunda das idéias, essas correntes violentas e contrárias que perturbam e transtornam o meio social.

Aprendamos a sair desses círculos rígidos e a dar livre expansão ao pensamento. Cada sistema contém uma parte de verdade; nenhum contém a realidade por completo. O universo e a vida possuem aspectos bastante variados, bastante numerosos para que algum sistema possa abarcar todos. Dentre essas concepções absurdas, é preciso recolher os fragmentos de verdade que elas contêm, aproximá-los e colocá-los de acordo. Depois, unindo-os aos novos e múltiplos aspectos da verdade que descobrimos a cada dia, caminharmos rumo à unidade majestosa e à harmonia do pensamento.

A crise moral e a decadência de nossa época provêm, em grande parte, do fato de o espírito humano ter se imobilizado durante muito tempo. É preciso tirá-lo da inércia, das rotinas seculares, levá-lo às mais elevadas altitudes, sem perder de vista as bases sólidas que vêm oferecer-lhe uma ciência engrandecida e renovada. É essa ciência do amanhã que trabalhamos para que

* O autor, ao usar o termo além-Reno, refere-se à Alemanha (N.E.).

** Nietzsche, Schopenhauer, Haeckel: os dois primeiros filósofos e o último biólogo alemães (N.E.).



seja constituída. Ela nos fornecerá o critério indispensável, os meios de verificação e de comparação sem os quais o pensamento, entregue a si mesmo, sempre correrá o risco de se perder.

*

A perturbação e a incerteza que verificamos no ensino repercutem e se encontram, como dissemos, em toda ordem social.

Por toda parte, há um estado de crise inquietante. Sob a superfície brilhante de uma civilização refinada, esconde-se um mal-estar profundo. A irritação cresce nas classes sociais. O conflito de interesses, a luta pela vida tornam-se, dia a dia, mais ásperos. O sentimento do dever tem-se enfraquecido na consciência popular a tal ponto que muitos homens nem mesmo sabem onde está o dever. A lei do número, ou seja, da força cega, domina mais do que nunca. Retóricos* mentirosos dedicam-se a desencadear as paixões, os maus instintos da multidão, a espalhar teorias nocivas, às vezes criminosas. Depois, quando a maré sobe e o vento sopra em tempestade, eles se escondem e afastam de si toda responsabilidade.

Onde está, então, a explicação desse mistério, dessa contradição notável entre as aspirações generosas de nosso tempo e a realidade brutal dos fatos? Por que um regime que havia despertado tantas esperanças ameaça chegar à anarquia, à ruptura de todo o equilíbrio social?

A implacável lógica vai nos responder: a democracia, radical ou socialista, nas massas profundas e em seu espírito dirigente, inspirando-se nas doutrinas negativistas, podia chegar somente a um resultado negativo para a felicidade e a elevação da humanidade. Tal o ideal, tal o homem; tal a nação, tal o país!

As doutrinas negativistas, em suas conseqüências extremas, levam fatalmente à anarquia, ou seja, ao vácuo, ao nada social. A história humana já teve, diversas vezes, essa dolorosa experiência.

Enquanto se tratou de destruir os restos do passado, de dar o último golpe nos privilégios que restavam, a democracia serviu-se habilmente de seus meios de ação. Porém, hoje, o que importa é construir a cidade do futuro, o vasto edifício que deve

* Retórico: nesse caso, orador que faz discurso pomposo e sem conteúdo (N.E.).

abrigar o pensamento das gerações. E, diante dessas tarefas, as doutrinas mostram sua insuficiência e revelam sua fragilidade; vemos os melhores operários se debaterem em uma espécie de impotência material e moral.

Nenhuma obra humana pode ser grande e durável se não se inspirar, na teoria e na prática, em seus princípios e em suas aplicações, nas leis eternas do universo. Tudo o que é concebido e edificado fora das leis superiores se constrói na areia e afunda.

Acontece que as doutrinas do socialismo atual têm um erro essencial. Elas querem impor uma regra em contradição com a natureza da verdadeira lei da humanidade: o nível igualitário.

A evolução gradual e progressiva é a lei fundamental da natureza e da vida. É a razão de ser do homem, a norma do universo. Posicionar-se contra ela, substituir-lhe por outro fim, seria tão insensato quanto querer parar o movimento da Terra ou o fluxo e refluxo das marés.

O lado mais fraco da doutrina socialista é a ignorância absoluta do homem, de seu princípio essencial, das leis que dirigem o seu destino. E quando se ignora o homem individual, como se poderia governar o homem social?

A origem de todos os nossos males está em nossa falta de saber e em nossa inferioridade moral. Toda sociedade permanecerá fraca e dividida enquanto a desconfiança, a dúvida, o egoísmo, a inveja e o ódio a dominarem. Não se transforma uma sociedade por meio das leis. As leis e as instituições não seriam nada sem os costumes, sem as crenças elevadas. Quaisquer que sejam a forma política e a legislação de um povo, se ele possui bons costumes e convicções firmes, será sempre mais feliz e mais poderoso do que um outro povo de moralidade inferior.

Para melhorar a forma de uma sociedade, sendo ela o resultado das forças individuais, boas ou más, é preciso agir inicialmente sobre a inteligência e a consciência dos indivíduos.

Porém, para a democracia socialista, o homem interior, o homem da consciência individual, não existe; a coletividade o absorve por completo. Os princípios que adota não passam de uma negação de toda filosofia elevada e de toda causa superior. Não se procura outra coisa a não ser conquistar direitos. Entretanto, o gozo dos direitos não pode ser obtido sem a prática dos



deveres. O direito sem o dever, que o limita e o corrige, produz apenas novas aflições, novos sofrimentos.

Eis por que o impulso formidável do socialismo não faz nada mais do que deslocar os apetites, as ambições, as causas das doenças e substituir as opressões do passado por um despotismo* novo, ainda mais intolerável. Vemos isso no exemplo da Rússia.

Já podemos medir a extensão dos desastres causados pelas doutrinas negativistas. O determinismo, o materialismo, ao negar a liberdade humana e a responsabilidade, minam as próprias bases da ética universal. O mundo moral não passa de um anexo da fisiologia, ou seja, o reinado, a manifestação da força cega e irresponsável. Os espíritos de elite professam o niilismo metafísico**, e a massa humana, o povo, sem crenças, sem princípios determinados com exatidão, fica entregue a homens que exploram suas paixões e especulam com suas ambições.

O positivismo***, apesar de ser menos absoluto, não é menos prejudicial em suas conseqüências. Por sua teoria do desconhecido, suprime as noções de objetivo e de larga evolução. Ele pega o homem na fase atual de sua vida, simples fragmento de seu destino, e o impede de ver para diante e para trás de si; método estéril e perigoso, feito, parece, para cegos de espírito e que se tem proclamado, muito falsamente, como a mais bela conquista do espírito moderno.

Esse é o estado atual da sociedade. O perigo é imenso e se alguma grande renovação espiritualista e científica não se produzisse, o mundo acabaria na incoerência e na confusão.

Nossos homens de governo já sentem o que lhes custa viver numa sociedade em que as bases essenciais da moral estão abaladas, em que as leis são brandas, frágeis ou superficiais, em que tudo se confunde, até mesmo a noção elementar do bem e do mal.

* Despotismo: sistema de governo que se funda no poder de dominação sem freios (N.E.).

** Nihilismo metafísico: doutrina materialista segundo a qual só haverá progresso e avanço para o homem após a destruição social dos conhecimentos ligados à crença, que se baseiam em um poder criador de onde derivam a vida e todas as coisas (N.E.).

*** Positivismo: doutrina filosófica do francês Augusto Comte (1798-1875) baseada na investigação científica. Ensina que é pelo conhecimento científico (aplicação da ciência) que se resolvem os problemas sociais. Essa filosofia teve, de início, grande influência sobre os militares, políticos e intelectuais brasileiros no século 18. A divisa "Ordem e Progresso", da bandeira brasileira, é um conceito da filosofia positivista. Do positivismo deriva o que conhecemos hoje como sociologia (N.E.).



É verdade que as Igrejas, apesar de suas fórmulas antiquadas e de seu espírito contrário ao progresso, ainda agrupam ao redor de si muitas almas sensíveis; porém, tornaram-se incapazes de afastar o perigo pela impossibilidade em que se colocaram de fornecer uma definição precisa do destino humano e do além, apoiada em fatos comprovados.

A humanidade, cansada de dogmas* e de especulações sem provas, mergulhou no materialismo ou na indiferença. Não há salvação para o pensamento, senão por uma doutrina baseada na experiência e no testemunho dos fatos.

De onde virá essa doutrina? Que poder nos livrará do abismo em que nos arrastamos? Que ideal novo virá dar ao homem a confiança no futuro e o fervor pelo bem? Nas horas trágicas da História, quando todos pareciam desesperados, o socorro nunca faltou. A alma humana não pode afundar inteiramente e morrer. No momento em que as crenças do passado se esgotam, uma concepção nova da vida e do destino, baseada na ciência dos fatos, reaparece. A grande tradição revive sob formas engrandecidas, mais jovens e mais belas. Ela mostra a todos um futuro cheio de esperança e de promessas. Saudemos o novo reino da idéia vitoriosa da matéria e trabalhemos para preparar seus caminhos!

A tarefa a cumprir é grande, e a educação do homem deve ser totalmente refeita. Essa educação, como vimos, nem a universidade nem a Igreja estão em condições de fornecer, uma vez que não possuem mais as sínteses necessárias para esclarecer a marcha das novas gerações. Apenas uma doutrina pode oferecer essa síntese: a do Espiritismo; ela já sobe no horizonte do mundo intelectual e parece iluminar o futuro.

A essa filosofia, a essa ciência livre, independente, desprovida de toda pressão oficial, de todo compromisso político, as descobertas contemporâneas trazem a cada dia novas e preciosas contribuições. Os fenômenos do magnetismo, da radioatividade, da telepatia são aplicações de um mesmo princípio, manifestações de uma mesma lei que rege, ao mesmo tempo, o ser e o universo.

* Dogma: ensinamento, conceito ou regra formulada por dirigente religioso ou associação religiosa por meio do qual se impõem aos seus seguidores de forma autoritária e indiscutível as regras de conduta e sua maneira de interpretar os textos sagrados (N.E.).

Mais alguns anos de trabalho paciente, de experimentação conscienciosa, de pesquisas contínuas, e a nova educação terá encontrado sua fórmula científica, sua base essencial. Esse acontecimento será o maior fato da História desde o aparecimento do Cristianismo.

A educação, sabemos, é o fator mais poderoso do progresso; ela contém a origem do futuro. Mas, para ser completa, deve se inspirar no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude*, em sua evolução crescente em direção aos cimos da natureza e do pensamento.

Os mestres dirigentes da humanidade têm um dever imediato a cumprir. É o de recolocar o espiritualismo na base da educação, de trabalhar para refazer o homem interior e a saúde moral. É preciso despertar a alma humana, adormecida por uma teoria destrutiva, mostrar-lhe seus poderes ocultos, fazê-la ter consciência de si mesma, para realizar seu glorioso destino.

A ciência moderna analisou o mundo exterior; suas descobertas no universo objetivo são profundas: isso será sua honra e sua glória; mas ainda não sabe nada sobre o universo invisível e o mundo interior. É esse o império ilimitado que lhe resta conquistar. Saber por quais laços o homem se liga ao conjunto, descer às sinuosidades** misteriosas do ser, onde a sombra e a luz se misturam como na caverna de Platão***, percorrer seus labirintos, os redutos secretos, procurar conhecer o “eu” moral e o “eu” profundo, a consciência e a subconsciência: não há estudo mais necessário que esse. Enquanto as escolas e as academias não o tiverem introduzido em seus programas, nada terão feito pela educação definitiva da humanidade.

Porém, já vemos surgir e constituir-se uma psicologia totalmente maravilhosa e imprevista da qual vão derivar uma nova concepção do ser e a noção de uma lei superior, que engloba e resolve todos os problemas da evolução e do futuro.

* Plenitude: qualidade daquilo que é completo, inteiro (N.E.).

** Sinuosidade: que apresenta curvas irregulares. Nesse caso, que não se manifesta com franqueza (N.E.).

*** No seu livro *A República*, Platão desenvolve a idéia de *O mito da caverna*, na qual um espectador, apreciando as imagens refletidas no fundo da caverna onde está, julga ver o que é real, quando o que de fato vê são imagens que vêm de um mundo exterior, que ele não vê. A vida na Terra seria, assim, a imagem refletida na parede do fundo da caverna, onde nós estamos vivendo; é ilusória. E a vida real é a do Espírito, que nós não vemos, mas que existe (N.E.).



Um tempo se acaba; novos tempos se anunciam. A hora em que estamos é de crise, de parto doloroso. As formas esgotadas do passado empalidecem e se desfazem para dar lugar a outras, de início vagas e confusas, mas que se definem cada vez mais. Nelas se esboça o pensamento crescente da humanidade.

O espírito humano está em trabalho, por toda parte, sob a aparente decomposição das idéias e dos princípios. Em tudo, na ciência, na arte, na filosofia e até mesmo no seio das religiões, o observador atento pode constatar que uma lenta e trabalhosa gestação se faz. A ciência, especialmente, lança em abundância sementes de ricas promessas. O século que começa será o de poderosas descobertas.

As formas e as concepções do passado, dizíamos, não são suficientes. Por mais respeitável que pareça essa herança, apesar do sentimento piedoso com que se podem considerar os ensinamentos legados por nossos pais, sente-se, geralmente, compreende-se, que eles não foram suficientes para desfazer o mistério sufocante do porquê da vida.

Entretanto, atualmente, pode-se viver e agir com mais intensidade do que nunca. Mas é possível viver e agir plenamente sem ter consciência do objetivo a ser atingido? O estado da alma contemporânea pede, reclama, uma ciência, uma arte, uma religião de luz e liberdade que venham dissipar-lhe as dúvidas, libertá-la das velhas servidões e das misérias do pensamento, guiá-la para os horizontes radiosos aonde se sente levada por sua própria natureza e pelo impulso de forças irresistíveis.

Muito se fala sobre progresso, mas o que se entende por progresso? É uma palavra vazia e sonora na boca dos oradores,

Quando Léon Denis escreveu este livro, ele se referia ao século que se iniciava. Realmente, houve a expansão de vários setores, principalmente da ciência e da tecnologia. O Espiritismo, por sua vez, encontrou no Brasil terreno propício para se desenvolver. Estamos para iniciar um novo século, que será o século da descoberta da espiritualidade.

para a maior parte dos materialistas, ou possui um sentido determinado? Vinte civilizações passaram sobre a Terra, iluminando com suas luzes a marcha da humanidade. Seus grandes focos brilharam na noite dos séculos e depois se apagaram. E o homem ainda não distingue, atrás dos horizontes limitados de seu pensamento, o além sem limites para



onde o destino o leva; sem condições de solucionar o mistério que o rodeia, usa sua força nas obras da Terra e foge aos esplendores de sua tarefa espiritual, que fará sua verdadeira grandeza.

A fé no progresso não caminha sem a fé no futuro, no futuro de cada um e de todos. Os homens só progridem e só avançam se acreditarem nesse futuro e se marcharem com confiança, com certeza, para o ideal entrevisto.

O progresso não consiste somente nas obras materiais, na criação de máquinas poderosas e de todo equipamento industrial; não consiste, igualmente, em descobrir processos novos de arte, de literatura ou de formas de eloquência. Seu objetivo mais alto é agarrar, atingir a idéia primordial, a idéia-mãe que fecundará toda a vida humana, a fonte elevada e pura de onde derivarão, ao mesmo tempo, as verdades, os princípios, os sentimentos que inspirarão as obras importantes e as nobres ações.

É tempo de compreendê-lo: a civilização só poderá engrandecer-se, a sociedade só poderá subir, se um pensamento sempre mais elevado, se uma luz mais viva vierem inspirar, esclarecer os espíritos e tocar os corações, renovando-os. Somente a idéia e o pensamento levam à ação. Somente a vontade de realizar a plenitude do ser, cada vez melhor, cada vez maior, pode nos conduzir aos cimos longínquos em que a ciência, a arte e toda obra humana, em uma palavra, encontrarão sua expansão, sua regeneração.

Tudo nos diz isso: o universo é regido pela lei de evolução; é isso o que entendemos pela palavra progresso. E nós mesmos, em nosso princípio de vida, em nossa alma e nossa consciência, estamos sempre submetidos a essa lei. Não se pode desconhecer hoje essa força soberana que conduz a alma e suas obras através do infinito do tempo e do espaço, rumo a um objetivo sempre mais elevado; mas uma lei assim só pode concretizar-se por nossos esforços.

Para fazer obra útil, para cooperar com a evolução geral e recolher dela todos os frutos, é preciso antes aprender a distinguir, a reconhecer a razão, a causa e o objetivo dessa evolução, saber aonde ela conduz, a fim de participar, na plenitude das forças e das faculdades que dormem em nós, dessa ascensão grandiosa.



Nosso dever é o de traçar o caminho à humanidade futura da qual ainda faremos parte integrante, como nos ensina a comunhão das almas, a revelação dos grandes instrutores invisíveis, do mesmo modo que a natureza ensina, por suas milhares de vozes e pela renovação eterna de todas as coisas, àqueles que sabem estudá-la e compreendê-la.

Vamos rumo ao futuro, rumo à vida sempre renascente, pelo caminho imenso que nos abre o Espiritismo!

Tradições, ciências, filosofias, religiões, iluminai-vos com uma chama nova; sacudi vossos velhos sudários* e as cinzas que os cobrem. Escutai as vozes reveladoras do túmulo, elas nos trazem uma renovação do pensamento com os segredos do além, que o homem tem necessidade de conhecer para melhor viver, melhor agir e melhor morrer!

LÉON DENIS

* Sudário: espécie de lençol com o qual antigamente se envolviam os corpos dos mortos para o sepultamento. Mortalha (N.E.).





OS PODERES DA ALMA

1

A VONTADE

O estudo do ser, a que nos dedicamos no primeiro livro desta coleção, intitulado *O problema do ser*, nos deixou entrever a poderosa rede de forças, de energias escondidas em nós. Mostrou-nos que todo o nosso futuro, em seu desenvolvimento ilimitado, lá está contido em gérmen*. As causas da felicidade não se encontram em lugares determinados do espaço; estão em nós, nas profundezas misteriosas da alma.

É o que confirmam todas as grandes doutrinas:

“O reino dos céus está dentro de vós”, disse o Cristo.

O mesmo pensamento é expresso sob uma outra forma nos Vedas**: “Trazes em ti um amigo sublime que não conheces”.

A sabedoria persa não é menos afirmativa: “Viveis no meio de armazéns cheios de riqueza e morreis de fome à porta” (Suffis Ferdousis).

Todos os grandes ensinamentos concordam sobre este ponto: é na vida interior, no desabrochar de nossas potências, de nossas faculdades, de nossas virtudes, que está a fonte das felicidades futuras.

Olhemos atentamente para o interior de nós mesmos; fechemos nosso entendimento às coisas externas e, depois de

* Gérmen: rudimento de um novo ser (N.E.).

** Vedas: livros sagrados para os hindus (N.E.).



havermos habituado nossos sentidos psíquicos à obscuridade e ao silêncio, veremos surgir luzes inesperadas, ouviremos vozes fortificantes e consoladoras. Mas há poucos homens que sabem ler em si, explorar essas jazidas onde dormem tesouros inestimáveis. Esbanjamos nossa vida em coisas banais, ociosas; percorremos o caminho da existência sem saber nada de nós mesmos, dessas riquezas psíquicas, cuja valorização nos proporcionaria alegrias inumeráveis.

Há em toda alma humana dois centros, ou melhor, duas esferas de ação e de expressão: uma, a exterior, manifesta a personalidade, o eu, com suas paixões, suas fraquezas, sua mobilidade, sua insuficiência. Enquanto ela regular nossa conduta, teremos a vida inferior, semeada de provas e de males.

A outra, a interior, profunda, imutável, é, ao mesmo tempo, a sede da consciência, a fonte da vida espiritual, o templo de Deus em nós. Somente quando esse centro de ação domina o outro, quando seus impulsos nos dirigem, é que se revelam nossos poderes ocultos e que o Espírito se afirma em seu brilho e sua beleza. É por ele que estamos em comunhão com “esse Pai que reside em nós”, segundo a palavra do Cristo, esse Pai que é o foco de todo amor, o princípio de todas as grandes ações.

Por um, perpetuamo-nos nos mundos materiais onde tudo é inferioridade, incerteza e dor; pelo outro, ascendemos aos mundos celestes, onde tudo é paz, serenidade e grandeza. É somente pela manifestação crescente do Espírito Divino em nós que chegamos a vencer o eu egoísta e a nos associar plenamente à obra universal e eterna, a criar uma vida feliz e perfeita.

Como poremos em movimento esses poderes interiores e os orientaremos para um ideal elevado? Pela vontade! O uso persistente, tenaz dessa faculdade soberana nos permitirá modificar nossa natureza, vencer todos os obstáculos, dominar a matéria, a doença e a morte.

É pela vontade que dirigimos nossos pensamentos para um objetivo preciso. Na maioria dos homens, os pensamentos fluem sem parar. Sua mobilidade constante, sua variedade infinita oferecem pequeno acesso às influências superiores. É preciso saber se concentrar, colocar seu eu em sintonia com o pensamento divino. Então se produz a fecundação da alma humana pelo Espírito Divino que a envolve e penetra, a torna apta a realizar



nobres tarefas, prepara-a para a vida no além, cujos esplendores entrevê enfraquecidamente desde este mundo. Os Espíritos elevados vêem e ouvem entre si os pensamentos que são harmonias penetrantes, enquanto os nossos são, na maioria das vezes, apenas discordância e confusão. Aprendamos a nos servir de nossa vontade e, por ela, a unir nossos pensamentos a tudo o que é grande, à harmonia universal, cujas vibrações enchem o espaço e embalam os mundos.

*

A vontade é o maior de todos os poderes. Em sua ação, ela é comparável a um ímã. A vontade de viver, de desenvolver em si a vida, atrai para nós novos recursos vitais. Está aí o segredo da lei de evolução. A vontade pode agir com intensidade sobre o corpo fluídico, ativar suas vibrações e, dessa forma, apropriá-lo a um modo sempre mais elevado de sensações, prepará-lo para um estágio mais alto de existência.

O princípio de evolução não está na matéria; está na vontade, cuja ação se estende tanto à ordem invisível das coisas quanto à ordem visível e material. Essa é simplesmente uma consequência daquela. O princípio superior, o motor da existência, é a vontade. A Vontade Divina é o grande motor da vida universal.

O que importa acima de tudo é compreender que podemos realizar tudo no domínio psíquico. Nenhuma força permanece estéril quando se exerce de um modo constante, visando a um objetivo coerente com o direito e a justiça.

É o que se dá com a vontade; ela pode agir igualmente no sono e na vigília, porque a alma corajosa, que estabeleceu para si mesma um objetivo, procura-o com tenacidade em ambas as fases de sua vida e determina assim uma corrente poderosa que mina lenta e silenciosamente todos os obstáculos.

Com a preservação dá-se o mesmo que com a ação. A vontade, a confiança, o otimismo são outras tantas forças preservadoras, outras tantas muralhas opostas em nós a toda causa de problema, de perturbação interior e exterior. Bastam, às vezes, por si sós, para desviar o mal, enquanto o desânimo, o temor, o mau humor nos desarmam, nos expõem a ele sem defesa. O simples fato de olhar de frente o mal, o perigo e a dor, e a resolução de afrontá-los, de vencê-los, diminuem-lhes a importância e o efeito.



Os americanos têm, sob o nome de *mind cure* (cura mental) ou ciência cristã, aplicado esse método à terapêutica, e não se pode negar que os resultados obtidos são consideráveis. Esse método se resume na seguinte fórmula: “O pessimismo torna fraco; o otimismo torna forte”. Ela consiste na eliminação gradual do egoísmo, na união completa com a Vontade Suprema, fonte das forças infinitas. Os casos de cura são numerosos e se apóiam sobre testemunhos irrecusáveis⁶.

Foi esse, de resto, em todos os tempos e de formas diversas, o princípio da saúde física e moral.

Na ordem física, por exemplo, não se destroem os *infusórios**, os infinitamente pequenos que vivem e se multiplicam em nós; mas ganham-se forças para lhes resistir. Da mesma forma, na ordem moral, nem sempre é possível afastar as misérias da sorte; mas pode-se adquirir força para suportá-las; superá-las com esforço mental; dominá-las de forma que percam todo o caráter ameaçador para se transformar em auxiliares do nosso progresso e do nosso bem.

Demonstramos em outras obras, ao nos apoiarmos em fatos recentes, o poder da alma sobre o corpo na sugestão e auto-sugestão⁷. Lembraremos apenas alguns outros exemplos ainda mais concludentes:

Louise Lateau, a estigmatizada** de Bois-d’Haine – cujo caso foi estudado por uma comissão da Academia de Medicina da Bélgica – ao meditar sobre a paixão de Cristo, fazia-se sangrar à vontade nos pés, nas mãos e do lado esquerdo. A hemorragia durava algumas horas⁸.

Pierre Janet observou casos semelhantes em Salpêtrière, em Paris. Uma extática apresentava estigmas nos pés quando estavam presos a um aparelho⁹.

6 - Ver W. James, reitor da Universidade de Harvard, *L’expérience religieuse (A experiência religiosa)*. Tradução francesa de Abauzit.

* Infusório: o autor refere-se aos micróbios, bactérias, vírus que vivem no organismo humano, e não aos microscópicos animais ciliados também assim chamados (N.E.).

7 - Ver *Depois da morte*, capítulo 32, e *No invisível*, capítulo 15.

** Estigmatizado: que tem marcas, sinais, cicatrizes (N.E.).

8 - Doutor Warlomont. *Louise Lateau, la stigmatisée de Bois-d’Haine (Louise Lateau, a estigmatizada de Bois-d’Haine)*. Bruxelas, 1873.

9 - P. Janet. “Une extatique” (“Uma extática”). *Boletim do Instituto de Psicologia*, julho, agosto e setembro de 1901.



Louis Vivé, em suas crises, dava a si mesmo a ordem de sangrar em horas determinadas e o fenômeno se produzia com exatidão.

Fatos idênticos se encontram em alguns sonhos, assim como nos sinais ditos genéticos ou marcas de nascimento¹⁰. Em todos os domínios da observação, encontramos a prova de que a vontade impressiona a matéria e pode submetê-la à sua vontade. Essa lei se manifesta com mais intensidade ainda no campo da vida invisível. É em virtude das mesmas regras que os Espíritos criam as formas e os atributos que nos permitem reconhecê-los nas sessões de materialização.

Pela vontade criadora dos grandes Espíritos e, acima de tudo, do Espírito Divino, toda uma vida maravilhosa se desenvolve e se estende, de grau em grau, ao infinito, nas profundezas do cosmo, vida incomparavelmente superior a todas as maravilhas criadas pela arte humana, e tanto mais perfeita quanto mais se aproxima de Deus.

Se o homem conhecesse a extensão dos recursos que há nele, talvez ficasse deslumbrado com isso; em vez de se acreditar fraco e de temer o futuro, compreenderia a sua força, sentiria que ele próprio pode criar esse futuro.

Cada alma é um foco de vibrações que a vontade impulsiona. Uma sociedade é um agrupamento de vontades que, quando estão unidas, dirigidas para um mesmo objetivo, constituem um centro de forças irresistíveis. A humanidade é um foco ainda mais poderoso que vibra através da imensidade.

Pela educação e exercício da vontade, certos povos chegam a resultados que parecem prodigiosos.

A energia mental, o vigor de espírito dos japoneses, seu desprezo pela dor e sua impassibilidade diante da morte causaram espanto aos ocidentais e se afiguram como uma espécie de revelação. Os japoneses se habitua desde a infância a dominar suas impressões, a nada deixar perceber dos desgostos, das decepções, dos sofrimentos por que passam, a permanecer impenetráveis, a nunca se lastimar, a nunca se encolerizar, a sempre receber bem os revezes.

10 - Ver, entre outros, *Boletim da Sociedade Psíquica de Marselha*, outubro de 1903.



Uma educação assim retempera os ânimos e assegura o sucesso em todas as coisas. Na grande tragédia da existência e da História, o heroísmo representa o papel principal, e é a vontade que faz os heróis.

Esse estado de espírito não é privilégio dos japoneses. Os hindus, por meio do que chamam de hatha-yoga ou exercício da vontade, chegam também a suprimir em si o sentimento da dor física.

Pode-se julgar por aí como a educação mental e o objetivo dos orientais são diferentes dos nossos. Tudo, para eles, tende a desenvolver o homem interior, sua vontade, sua consciência, em vista dos vastos ciclos da evolução que lhes são abertos, enquanto o ocidental adota de preferência como objetivo os bens imediatos, limitados pelo círculo da vida presente. Os objetivos a atingir, nos dois casos, são divergentes, e essa divergência resulta de um conceito essencialmente diferente do papel do ser no universo. Por muito tempo os orientais consideraram com espanto misturado à piedade nossa agitação febril, nossa admiração pelas coisas contingentes* e sem futuro, nossa ignorância das coisas estáveis, profundas, indescritíveis, que constituem a verdadeira força do homem. Daí o contraste notável que oferecem as civilizações do Ocidente e do Oriente. A superioridade pertence evidentemente àquela que abraça os horizontes mais vastos e se inspira nas verdadeiras leis da alma e de seu futuro. Ela pode ter parecido atrasada aos observadores superficiais, enquanto as duas civilizações evoluíram paralelamente sem se chocarem muito. Mas depois que as necessidades da existência e a pressão crescente dos povos do Ocidente forçaram os asiáticos a entrar na corrente do progresso moderno – e é o caso dos japoneses – pode-se ver que as qualidades elevadas dessa raça, ao se manifestarem no domínio material, puderam igualmente lhe assegurar a supremacia. Se esse estado de coisas se acentua, como é de prever, se o Japão conseguir arrastar consigo todo o Extremo Oriente, é possível que a dominação do mundo mude de eixo e passe de uma raça para a outra, sobretudo se o Ocidente persistir em não se interessar pelo que constitui o mais

* Contingente: que pode ou não ocorrer, pode ser ou não ser. Incerto. Acaso (N.E.).

alto objetivo da vida humana e a se contentar com um ideal inferior e quase bárbaro.

Mesmo ao limitar o campo de nossas observações aos povos da raça branca, devemos constatar também que as nações de vontade mais firme, mais tenaz, vão pouco a pouco tomando predominio sobre as outras. É o caso dos povos anglo-saxônicos. Vemos o que a Inglaterra pôde realizar, no decorrer do tempo, para a execução de seu plano de ação. A própria Alemanha, com seu espírito de método, soube manter sua união, apesar dos revezes. E os Estados Unidos tomam um lugar cada vez mais importante no concerto dos povos.

A França, pelo contrário, é, em geral, uma nação de vontade instável. Passamos de uma idéia à outra com extrema mobilidade, e esse defeito não é estranho aos acontecimentos de nossa História. Os primeiros impulsos são, para nós, admiráveis; o entusiasmo é vibrante. Mas se empreendemos com facilidade uma obra, nós a abandonamos por vezes muito rapidamente, quando o pensamento já a vai edificando e os elementos vão se juntando silenciosamente ao seu redor. Assim o mundo apresenta numerosos traços meio apagados de nossa ação passageira, de nossos esforços interrompidos muito depressa.

O pessimismo e o materialismo, que se expandem cada vez mais entre nós, tendem ainda a diminuir as qualidades generosas de nossa gente que a História tinha revelado. Os profundos recursos do espírito nacional se atrofiam, falta de uma educação forte e de um ideal elevado.

Aprendamos a criar uma vontade poderosa. Fortifiquemos ao redor de nós os espíritos e os corações, se não quisermos ver nosso país numa decadência irremediável.

*

Querer é poder! O poder da vontade é sem limites. O homem consciente de si mesmo, de suas fontes latentes, sente crescer suas forças em razão de seus esforços. Ele sabe que tudo o que deseja de bem e de bom deve se realizar cedo ou tarde, inevitavelmente, seja no presente, seja na seqüência de suas existências, quando seu pensamento se puser de acordo com a Lei Divina. E é nisso que se cumpre a palavra celeste: "A fé move montanhas".



Não é consolador e belo poder dizer: “Sou inteligência e vontade livres, a mim mesmo me fiz, inconscientemente, através das idades; edifiquei lentamente minha individualidade e minha liberdade, e agora conheço a grandeza e a força que estão em mim. Eu me apoiarei sobre elas; não as deixarei ocultar uma única dúvida, mesmo por um instante, e com elas, com a ajuda de Deus e de meus irmãos, os Espíritos, elevar-me-ei acima de todas as dificuldades; vencerei o mal em mim; libertar-me-ei de tudo o que me encadeia às correntes grosseiras, para tomar meu vôo para os mundos felizes”.

Vejo claramente o caminho que se desenrola e que sou chamado a percorrer; ele se dilata por uma extensão que não tem fim. Mas para me conduzir nesse caminho infinito tenho um guia seguro: é a compreensão da lei da vida, do progresso e do amor que rege todas as coisas. Aprendi a me conhecer, a acreditar em mim e em Deus. Assim, possuo a chave de toda elevação. E nesse caminho imenso que se abre diante de meus passos, continuarei firme, inabalável em minha vontade de crescer e de me elevar mais alto; e com a ajuda de minha inteligência, que é fiel a Deus, atrairei para mim todas as riquezas morais e participei de todas as maravilhas do cosmo.

Minha vontade chama-me: “Adiante, sempre adiante; cada vez mais conhecimento, mais vida, vida divina!” Com ela conquistarei essa plenitude da existência, construirei para mim uma personalidade melhor, mais radiante e mais amorosa. Saio para sempre do estado inferior do ser ignorante, inconsciente de seu valor e de seu poder; afirmo-me na independência e na dignidade de minha consciência e estendo a mão a todos os meus irmãos ao lhes dizer:

“Despertai de vosso sono pesado; desatai o véu material que vos encobre. Aprendei a vos conhecer, a conhecer os poderes que estão em vós e a utilizá-los. Todas as vozes da natureza, todas as vozes do além vos exclamam: ‘Levantai-vos e marchai! Apressai-vos para a conquista de vossos destinos!’

“A todos vós que vos curvaís sob o peso da vida, julgando-vos fracos e sós, vos entregais à tristeza, ao desespero, ou que aspiraís ao nada, venho dizer: ‘O nada não existe; a morte é um novo nascimento, um encaminhamento para novas tarefas, novos



trabalhos, novas colheitas. A vida é uma comunhão universal e eterna que liga Deus a todos os seus filhos’.

“Vós todos que vos acreditais vencidos pelo sofrimento e decepções, pobres seres aflitos, corações partidos pelo vento áspero das provas, Espíritos esmagados, dilacerados pela roda de ferro da adversidade, venho vos dizer: ‘Não há alma incapaz de renascimento e de florações novas. Basta-vos querer e sentireis despertar em vós forças desconhecidas. Acreditai em vós, em vosso rejuvenescimento em novas vidas; acreditai em vossos destinos imortais. Acreditai em Deus, Sol dos sóis, foco imenso cuja centelha brilha em vós e pode se tornar uma ardente e generosa chama!’

“Sabei que todo homem pode ser bom e feliz; para vir a sê-lo, basta querer com energia e continuidade. Essa concepção mental do ser, elaborada na obscuridade das existências dolorosas, preparada pela lenta evolução das idades, desabrochará na luz das vidas superiores, e todos adquirirão essa magnífica individualidade que nos está reservada.

“Dirigi incessantemente vosso pensamento para esta verdade: podeis tornar-vos o que quiserdes ser, e sabeis querer ser sempre maiores e melhores. Está aí a noção do progresso eterno e o meio de realizá-lo; está aí o segredo da força mental de onde decorrem todas as forças magnéticas e físicas. Quando tiverdes conquistado esse domínio sobre vós mesmos, não tereis mais que temer os recuos nem as quedas, nem as doenças, nem a morte; tereis feito de vosso eu pequeno e frágil uma individualidade alta, estável, poderosa!”





2

A CONSCIÊNCIA, O SENTIDO ÍNTIMO



Victor Hugo (1802 – 1885): é o mais célebre poeta e romancista francês e dos maiores da humanidade. Em vida lutou pela justiça e pela igualdade, tendo sofrido a pena de exílio, que aceitou com serenidade. Defendeu as idéias reencarnacionistas de Allan Kardec contra os detratores da doutrina nascente. Era conhecedor dos fenômenos espíritos.

Nossos estudos anteriores demonstraram: a alma é uma emanção, uma partícula do Absoluto. Suas vidas sucessivas têm por objetivo a manifestação cada vez mais grandiosa do que há de divino nela, o aumento do domínio que é chamada a exercer dentro e fora de si, com a ajuda de seus sentidos e de suas energias latentes.

Pode-se alcançar esse resultado por procedimentos diversos: pela ciência, pela meditação, pelo trabalho ou pelo aperfeiçoamento moral. O melhor procedimento é utilizar todos esses modos de aplicação, é completá-los uns com os outros; porém, o mais eficaz é o exame de consciência e a introspecção.

Acrescentemos o desapego às coisas materiais, a vontade firme de melhorar a si mesmo, a união com Deus, em espírito e verdade, e veremos que toda religião verdadeira, toda filosofia profunda encontram aí sua fonte e se resumem nessas fórmulas. O resto, doutrinas, formas de culto, ritos e práticas, são apenas vestimentas exteriores que disfarçam aos olhos das multidões a alma das religiões.

Victor Hugo escrevia no *Postscriptum de ma vie*: “É dentro de nós que é preciso olhar o exterior... Ao nos curvamos sobre esse poço, nosso Espírito, avistamos, a uma distância de abismo, em círculo estreito, o mundo imenso”.



Emerson dizia igualmente: “A alma é superior ao que se pode saber dela e mais sábia do que qualquer uma de suas obras”.

A alma se liga, na sua essência, à grande Alma universal e eterna, da qual ela é como uma vibração. Essa origem e essa participação da divina natureza explicam as necessidades irresistíveis do Espírito evoluído: necessidade de infinito, de justiça, de luz, necessidade de sondar todos os mistérios, de saciar a sede nos mananciais vivos e inesgotáveis, cuja existência ele pressente, mas não chega a descobrir no plano de suas vidas terrestres.

Daí provêm nossas aspirações mais elevadas, nosso desejo de saber nunca satisfeito, nosso sentimento do belo e do bem; daí as luzes súbitas que iluminam de tempos em tempos as trevas da existência, e esses pressentimentos, essa previsão do futuro, relâmpagos fugitivos no abismo do tempo, que brilham às vezes para algumas inteligências.

Sob a superfície do eu, superfície agitada pelos desejos, esperanças e temores, está o santuário onde reina a consciência integral, calma, pacífica, serena, o princípio da sabedoria e da razão, de que a maior parte dos homens tem consciência apenas pelas surdas impulsões ou por vagos reflexos pressentidos.

Todo o segredo da felicidade e da perfeição está na identificação, na fusão em nós desses dois planos ou focos psíquicos. No seu desconhecimento reside a causa de todos os nossos males, de todas as nossas misérias morais.

Na *Crítica da razão pura*, o grande filósofo de Koenigsberg* demonstrou que a razão humana, ou seja, essa razão superficial de que falamos, por si mesma nada pode perceber, nada pode provar do que diz respeito às realidades do mundo transcendental, às origens da vida, ao Espírito, à alma, a Deus.

Essa argumentação nos leva lógica e necessariamente a esta conseqüência: que existe em nós um princípio, uma razão mais profunda, que, por meio da revelação interior, nos inicia nas verdades e nas leis do mundo espiritual.

* O grande filósofo a que o autor se refere é Emmanuel Kant (1724-1804) (N.E.).



William James* o reconhece nestes termos: “O eu consciente faz um só com um eu maior do qual lhe vem a ação”¹¹. E mais adiante:

“Os prolongamentos do eu consciente estendem-se muito além da sensação e da razão. Quando nossas tendências para o ideal têm sua origem nesse além, é porque nele estamos enraizados mais profundamente do que no mundo visível.”

A consciência é, como diz W. James, o centro da personalidade, centro permanente, indestrutível, que persiste e se mantém no decorrer de todas as transformações do indivíduo. A consciência não é somente a faculdade de perceber, mas é também o sentimento que temos de viver, de agir, de pensar, de querer. Ela é uma e indivisível. A pluralidade de seus estados não prova nada, como já vimos, contra essa unidade. Esses estados são sucessivos como as percepções que se ligam, e não são simultâneos. Para demonstrar que existe em nós vários centros autônomos de consciência, seria preciso provar também que há percepções simultâneas e diferentes, mas isso não é possível e não pode ser.

Todavia, a consciência, em sua unidade, apresenta, como sabemos, vários planos e vários aspectos. Física, confunde-se com o que a ciência chama de *sensorium*, ou seja, a faculdade de concentrar as sensações exteriores, de coordená-las, de defini-las, de perceber-lhes as causas e determinar os efeitos disso. Pouco a pouco, pelo próprio fato da evolução, essas sensações se multiplicam, apuram-se, e a inteligência intelectual acorda. Daí em diante, seu desenvolvimento não terá mais limites, uma vez que poderá estender-se a todas as manifestações da vida infinita. Então despertarão o sentimento e o julgamento, e a alma a si mesma compreenderá. Tornar-se-á ao mesmo tempo sujeito e objeto. Na multiplicidade e na variedade de suas ações mentais, sempre terá consciência do que pensa e quer.

O eu se afirma e engrandece, e a personalidade se completa pela manifestação da consciência moral ou espiritual. A faculdade de perceber os efeitos do mundo sensível se exercerá por meios

* William James (1842-1910): psicólogo norte-americano de grande projeção, reitor da Universidade de Harvard (N.E.).

11 - William James. *L'expérience religieuse*.

mais elevados. Converter-se-á na possibilidade de sentir as vibrações do mundo moral, de distinguir as suas causas e as suas leis.

É por meio dos sentidos interiores que o ser humano percebe os fatos e as verdades da ordem transcendental. Os sentidos físicos enganam; distinguem apenas a aparência das coisas e não seriam nada sem o *sensorium*, a sede da sensação, que agrupa, centraliza suas percepções e as transmite à alma; essa registra tudo e tira o efeito útil, mas abaixo desse *sensorium* superficial há um outro mais profundo, que distingue e considera as regras e as coisas do mundo metafísico. É esse sentido profundo, desconhecido, inutilizado pela maioria dos homens, que certos experimentadores designaram sob o nome de consciência subliminal*.

A maioria das grandes descobertas foi apenas a confirmação, na ordem física, das idéias percebidas pela intuição ou pelo sentido íntimo. Por exemplo, Newton tinha concebido havia muito tempo a teoria da atração universal, quando a queda de uma maçã revelou aos seus sentidos materiais a demonstração objetiva.

Assim como existe em nós um organismo e um *sensorium* físico que nos colocam em relação com os seres e as coisas do plano material, do mesmo modo há um sentido espiritual, por meio do qual certos homens penetram, já em vida, no domínio do mundo invisível. Depois da morte, desde que o véu da carne tenha caído, esse sentido se tornará o centro único de nossas percepções.

É na extensão e na liberação crescente desse sentido espiritual que está a lei de nossa evolução psíquica, a renovação do ser, o segredo de sua iluminação interior e progressiva. Por ele nos desapegamos do relativo e do ilusório, de todas as contingências materiais, para nos vincularmos cada vez mais ao imutável e absoluto.



Isaac Newton (1642-1727): matemático, físico e astrônomo inglês. Até o momento presente, as leis da física que tratam da mecânica celeste, a gravitação planetária, baseiam-se nas suas descobertas. Deixou trabalhos importantíssimos também no campo da óptica e da geometria. Seu nome está entre o dos grandes gênios da humanidade.

* Subliminal ou subliminar: nesse caso, abaixo do limiar, abaixo de um patamar. Inferior.

Em psicologia diz-se que um estímulo é subliminar quando não é suficientemente intenso para que dele o indivíduo tome conhecimento, e que só à custa de muitas repetições é que se alcança o efeito desejado. É um dos recursos usados em propaganda (N.E.).



Por isso a ciência experimental será sempre insuficiente, apesar das vantagens que oferece e das conquistas que realiza, se não for complementada pela intuição, por essa espécie de adivinhação interior que nos faz descobrir as verdades essenciais. Há uma maravilha que supera todas as do exterior; essa maravilha somos nós mesmos; é esse espelho oculto no homem e que reflete todo o universo.

Aqueles que se dedicam ao estudo exclusivo dos fenômenos, na busca das formas mutáveis e dos fatos exteriores, procuram muitas vezes bem longe essa certeza, esse princípio que está neles. Deixam de escutar as vozes íntimas, de consultar as faculdades de entendimento que se desenvolvem e se purificam no estudo silencioso e recolhido. É por isso que as coisas do invisível, do impalpável, do divino, imperceptíveis para tantos sábios, são percebidas algumas vezes pelos simples. *O mais belo livro está em nós mesmos*; o infinito nele se revela. Feliz daquele que nele pode ler!

Todo esse domínio permanece fechado ao positivista, que desdenha da única chave, o único instrumento com a ajuda do qual pode penetrar nele e se cansa em experimentar, por meio de seus sentidos físicos e de instrumentos materiais, o que escapa a toda medida objetiva. Assim, o homem dos sentidos exteriores raciocina a respeito do mundo e dos seres metafísicos como um surdo raciocina sobre as regras da melodia, e um cego, sobre as leis da óptica. Mas quando o sentido íntimo o despertar e iluminar, a ciência terrestre, antes tão grande a seus olhos, imediatamente diminuirá ao ser comparada com essa luz que o inundará.

O ilustre psicólogo americano William James, reitor da Universidade de Harvard, declara-o nestes termos¹²:

“Posso colocar-me na atitude do homem da ciência e imaginar vivamente que não existe nada fora da sensação e das leis da matéria. Mas não posso fazê-lo sem ouvir uma advertência interior: ‘Tudo isso é fantasmagoria!’ Toda experiência humana, em sua viva realidade, me impele irresistivelmente a sair dos estreitos limites no qual pretende encerrar-nos a ciência. O mundo real é diversamente constituído, é muito mais rico e mais complexo que o da ciência.”

12 - *L'expérience religieuse.*



Depois de Myers e Flournoy, cujas opiniões citamos, W. James estabelece, por sua vez, que a psicologia oficial não pode mais continuar a desconhecer esses limites da consciência profunda, colocados sob a consciência normal. Ele o diz assim¹³:

“Nossa consciência normal é apenas um gênero particular de consciência, separada, como por uma fina membrana, de vários outros que aguardam o momento favorável para entrar em jogo. Podemos atravessar a vida sem suspeitar de sua existência; mas, na presença do estímulo conveniente, parecem reais e completos.”

E mais adiante:

“Quando um homem tende conscientemente para um ideal, é a princípio para qualquer coisa de vago e impreciso. E, entretanto, bem no fundo de seu organismo, existem forças que crescem e vão num sentido determinado; os fracos esforços que esclarecem sua consciência suscitam esforços subconscientes, aliados vigorosos que trabalham na sombra; mas essas forças orgânicas convergem para um resultado que muitas vezes não é o mesmo, e que é sempre mais bem determinado do que o ideal imaginado, meditado, reclamado pela consciência nítida.”

Tudo isso confirma: a causa inicial, o princípio da sensação, não está no corpo, mas na alma. Os sentidos físicos são apenas a manifestação exterior e grosseira, o prolongamento na superfície do ser dos sentidos íntimos e ocultos.

O *Chicago Chronicle*, de dezembro de 1905, relata um caso extraordinário de manifestação do sexto sentido. Trata-se de uma jovem de 17 anos, cega e surda-muda desde os seis anos, e para a qual se desenvolveu, desde essa época, uma faculdade nova:

“Ella Hopkins pertence a uma boa família de Utica, Nova York. Há três anos foi colocada por seus pais em uma instituição de Nova York destinada à instrução de surdos-mudos. Como as outras crianças daquela casa, ensinaram-lhe a ler, a ouvir e a se exprimir por meio dos dedos.

“Ella não somente aprendeu rapidamente essa linguagem, mas chegou a perceber o que se passa à sua volta, tão facilmente como se tivesse seus sentidos normais. Sabe quem entra e sai,

13 - Idem, p. 329 e 178.





César Lombroso: (1836-1909): médico e professor da Universidade de Turim (Itália). Destacado criminalista, escreveu várias obras sobre a personalidade criminoso, tornando-se famoso. Foi durante muitos anos crítico e adversário do Espiritismo, porém reformulou suas idéias sobre a Doutrina e disse: “É dever da ciência prestar atenção nos fenômenos espíritas. Depois de os estudar, sou forçado a formular minha convicção de que são importantes. Lamento tê-los combatido, mas devemos prestar atenção às fraudes que se apresentam como fenômenos espíritas”.

se é pessoa conhecida ou estranha. Segue e percebe a conversa em voz baixa no aposento onde se encontra e, a pedido, a reproduz fielmente pela escrita. Não se trata de uma leitura de pensamento direto, uma vez que a menina não compreende o pensamento das pessoas presentes senão quando lhe dão uma expressão verbal.

“Mas essa faculdade tem intermitências e se mostra por vezes sob outros aspectos.

“A memória de Ella é das mais notáveis. O que aprendeu uma vez, e aprende depressa, nunca é esquecido. Sentada diante de sua máquina de escrever, os olhos fixos, como se vissem, com um interesse intenso no teclado, do qual se serve com extrema precisão, tem toda a aparência de uma jovem inteligente, em plena posse de suas faculdades normais. Os olhos

são claros e expressivos, a fisionomia animada e instável. Ninguém diria que Ella é cega, surda e muda.

“Acreditamos que o diretor da instituição, M. Currier, está habituado ao desabrochar de faculdades anormais nesses pobres aflitos, uma vez que não lhe causa surpresa o caso da menina. ‘Estamos todos – diz ele – conscientes de certas coisas, sem a participação aparente dos sentidos comuns... Os que são privados de dois ou três desses sentidos, e forçados a contar com o desenvolvimento de outras faculdades para substituí-los, vêm naturalmente estas se desenvolverem e se fortalecerem’.

“Há, na mesma classe de Ella, duas outras meninas igualmente cegas, surdas e mudas, que possuem também esse ‘sexto sentido’, ainda que em menor grau. Faz gosto ver as três comunicarem-se rapidamente pelo pensamento, apenas com o contato dos seus dedos.”

A esses fatos acrescentaremos um testemunho de alto valor, o do professor César Lombroso, da Universidade de Turim, que escreveu na revista italiana *Arena* (junho de 1907):



“Em 1891 eu me debati, em minha prática médica, contra um dos fenômenos mais curiosos que já tinha visto. Tive de tratar a filha de um alto funcionário de minha cidade natal, em que subitamente se manifestara, na época da puberdade, um violento acesso de histeria, acompanhado de sintomas para os quais nem a patologia nem a fisiologia** podiam dar a explicação. Havia momentos em que os seus olhos perdiam totalmente a faculdade de ver, e, em compensação, ‘via’ com os ouvidos. Ela era capaz de ‘ler’ com os olhos vendados quaisquer linhas impressas que se apresentassem aos seus ouvidos. Quando se colocava uma lupa entre seu ouvido e a luz solar, experimentava uma espécie de queimadura nos olhos; exclamava que queria cegá-la... Ainda que esses fatos não fossem novos, não eram menos singulares. Confesso que, pelo menos, me pareciam inexplicáveis pelas teorias fisiológicas e patológicas estabelecidas até então. Uma única coisa me parecia bem clara: é que esse estado colocava em ação, numa pessoa inteiramente normal até então, forças estranhas em relação com sentidos desconhecidos.”*

Eis um outro exemplo de desenvolvimento dos sentidos psíquicos, para o qual chamamos a atenção do leitor. A pessoa de quem vamos falar é considerada uma das maravilhas da nossa época¹⁴.

Helen Keller é também uma menina cega, surda e muda. Ela possui na aparência apenas o sentido do toque para se comunicar com o mundo exterior. E, entretanto, pode conversar em três línguas com seus visitantes; sua bagagem intelectual é considerável; possui um sentido estético que lhe permite apreciar obras de arte e as harmonias da natureza. Pelo simples contato das mãos, distingue o caráter e a disposição de espírito das pessoas que encontra. Com a ponta dos dedos colhe a palavra nos lábios e lê nos livros apalpando as letras grafadas especialmente impressas para ela (método braile). Ela se eleva à concepção das coisas mais abstratas, e sua consciência se ilumina com a clareza que tira das profundezas de sua alma.

* Patologia: ramo da medicina que se ocupa da natureza e das modificações estruturais e funcionais produzidas pela doença no organismo (N.E.).

** Fisiologia: parte da biologia que investiga as funções orgânicas, processos ou atividades vitais, como o crescimento, a nutrição, a respiração, etc. (N.E.).

14 - Ver a obra de Gérard Harry sobre Helen Keller.



Escutemos o que nos diz a senhora Maeterlinck, depois da visita que lhe fez em Wrentham, nos Estados Unidos:

“Helen Keller é um ser superior; vê-se sua razão tão equilibrada, tão poderosa e tão sã, sua inteligência tão clara e tão bela, que o problema logo se transforma. Já não se procura ser compreendido, mas compreender.

“Helen possui profundos conhecimentos de álgebra, matemática, um pouco de astronomia, latim e grego; lê Molière e Anatole France e se exprime no idioma deles; também lê Goethe, Schiller, Heine em alemão, Shakespeare, Rudyard Kipling, Wells em inglês e escreve como filósofa, psicóloga e poetisa.”

Seu biógrafo, Gérard Harry, assegura que a intensidade de suas percepções lhe confere as aptidões de uma leitora de pensamento. Evidentemente nos encontramos diante de um ser muito evoluído, de volta à cena do mundo com tudo o que adquiriu nos séculos percorridos.

O caso de Helen prova que, por trás dos órgãos atrofiados momentaneamente, existe uma consciência desde muito tempo familiarizada com as noções do mundo exterior. Há aí, ao mesmo tempo, uma demonstração das vidas anteriores da alma e da existência de seus sentidos próprios, independentes da matéria, dominando-a e sobrevivendo a toda desagregação corporal.

Para desenvolver, purificar a percepção de uma maneira geral, é preciso primeiramente acordar o sentido interior, o sentido espiritual. A mediunidade nos demonstra que há seres humanos muito mais dotados, em relação à visão e audição interiores, que certos Espíritos vivendo no espaço, e cujas percepções são extremamente limitadas em consequência da sua pouca evolução.

Quanto mais os pensamentos e os atos são puros e desinteressados, em uma palavra, quanto mais a vida espiritual é intensa e predomina sobre a vida física, mais os sentidos interiores crescem. O véu que nos esconde o mundo fluídico torna-se transparente e, por trás dele, a alma percebe um maravilhoso conjunto de harmonias e de belezas. Ao mesmo tempo, torna-se mais apta a recolher e transmitir as revelações, as inspirações dos seres superiores, porque o desenvolvimento dos sentidos internos coincide geralmente com uma extensão das faculdades do Espírito, com uma atração mais enérgica das radiações etéreas.



Cada plano do universo, cada círculo da vida corresponde a um número de vibrações que se acentuam e se tornam mais rápidas, mais sutis, à medida que se aproximam da vida perfeita. Os seres dotados de um fraco poder de radiação não podem perceber formas de vida que lhes são superiores. Mas todo Espírito é capaz de obter, pela educação da vontade e dos sentidos interiores, um poder de vibração que lhe permite agir sobre os planos mais extensos. Encontramos uma prova da intensidade desse modo de emissão mental no fato de que moribundos, ou pessoas em perigo de morte, conseguiram impressionar telepaticamente, a grandes distâncias, muitas pessoas ao mesmo tempo¹⁵.

Na realidade, cada um de nós poderia, se quisesse, comunicar-se a toda hora com o mundo invisível. Somos Espíritos: pela vontade, podemos comandar a matéria e nos libertar desses laços para viver em uma esfera mais livre, a esfera da vida superconsciente. Para isso, uma coisa é necessária: espiritualizar-se, voltar-se à vida do Espírito por uma concentração perfeita de nossas forças interiores. Então nos encontramos face a face com uma ordem de coisas que nem o instinto, nem a experiência, nem mesmo a razão podem perceber.

A alma, em sua expansão, pode quebrar a muralha da carne que a prende e comunicar-se por seus sentidos próprios com os mundos superiores e divinos. É o que têm feito os videntes e os verdadeiros santos, os grandes místicos de todos os tempos e de todas as religiões.

*

A mediunidade, em suas formas tão variadas, é também a resultante da superexcitação do psíquico, que permite aos sentidos da alma entrar em ação e sobrepor-se, por um momento, aos sentidos físicos e perceber o que é imperceptível para os outros homens. Ela se caracteriza e se desenvolve segundo as aptidões que têm o sentido íntimo de predominar, de um modo ou de outro, e se manifestar por um dos caminhos habituais da sensação. O Espírito que deseja comunicar-se reconhece à primeira vista o órgão específico que, no médium, lhe servirá de intermediário e age sobre esse ponto. Assim é a palavra, ou a

15 - Ver *Annales des Sciences Psychiques (Anais das Ciências Psíquicas)*, outubro de 1906.



escrita pela ação mecânica da mão, ou é o cérebro, quando se trata da mediunidade intuitiva. Nas incorporações temporárias, é uma espécie de possessão e de adaptação de seus sentidos espirituais aos sentidos físicos do médium.

A faculdade mais comum é a clarividência, ou seja, a percepção, estando os olhos fechados, do que se passa ao longe, seja no tempo, seja no espaço, no passado ou no futuro. É a penetração do Espírito do clarividente nos meios fluídicos, onde se registram os fatos realizados e onde se elaboram os planos das coisas futuras. Na maioria das vezes, a clarividência se exerce inconscientemente, sem nenhuma preparação. Nesse caso, ela resulta da evolução natural do médium; mas pode também ser provocada, do mesmo modo que a visão espírita, a vidência*. Sobre esse assunto, o coronel De Rochas** se exprime da seguinte maneira¹⁶:

“Mireille descrevia-me assim os efeitos que sentia decorrentes de minhas magnetizações:

‘Quando estou acordada, minha alma está encarcerada no meu corpo, e sou como uma pessoa que, encerrada no pavimento térreo de uma torre, vê o mundo exterior apenas através das cinco janelas dos sentidos, cada uma com um vidro de cor diferente. Quando me magnetiza, livra-me pouco a pouco de minhas correntes, e minha alma, que aspira sempre a se elevar, sobe a escada da torre, escada sem janelas, e não percebo que você me guia até o momento em que chego à plataforma superior. Aí, minha vista se estende em todas as direções com um sentido único muito aguçado, que me coloca em relação com objetos que eu não podia perceber através das janelas da torre.’”

Pode-se desenvolver também a clarividência, a audição das vozes interiores, modo de comunicação possível com os Espíritos. Uma outra manifestação da mediunidade é a leitura dos aconte-

* Vidência: faculdade mediúnic que permite aos médiuns ver os espíritos e o ambiente espiritual em que eles se encontram (veja *O Livro dos Médiuns*, capítulo 14) (N.E.).

** Coronel A. de Rochas: engenheiro e matemático francês, coronel do exército de seu país. Notável pesquisador dos fenômenos espíritas e do magnetismo. Deixou publicadas várias obras de grande valor nas quais aborda as suas pesquisas, sempre tendo como base a sobrevivência da alma e os fenômenos anímicos. A propósito, a palavra anímico deriva de animismo, que é um fenômeno psíquico pelo qual a pessoa leva ao passado os próprios sentimentos, de onde recolhe as impressões de que se vê possuída (N.E.).

16 - A. de Rochas. *Les vies successives (Vidas sucessivas)*.



cimentos registrados, fotografados de algum modo num objeto antigo ou moderno. Por exemplo, um pedaço de arma, uma medalha, um fragmento de sarcófago, uma pedra proveniente de uma ruína evocarão, na alma do vidente, toda uma seqüência de imagens referentes aos tempos e lugares a que esses objetos pertenceram. É o que se chama de *psicomетria*.

Acrescentamos ainda os sonhos simbólicos, os premonitórios e mesmo os pressentimentos obscuros que nos advertem de um perigo de que não desconfiamos.

Muitas pessoas, já dissemos, têm, sem saber, a possibilidade de se comunicar com seus amigos desencarnados. São as almas verdadeiramente religiosas, ou seja, idealizadoras, nas quais as provas, os sofrimentos, um longo encadeamento moral apuraram os sentidos sutis, tornando-as mais sensíveis às vibrações dos pensamentos exteriores. Muitas pessoas me procuram para solicitar do além avisos, conselhos, indicações que não me são possíveis oferecer-lhes. Eu lhes recomendo, então, a seguinte experiência, que, às vezes, dá bom resultado. Concentrai-vos no isolamento e no silêncio. Elevai vossos pensamentos para Deus; chamai vosso Espírito protetor, esse guia tutelar que a Providência liga a nós na viagem da vida. Interrogai-o sobre as questões que vos preocupam, desde que sejam dignas dele, livres de todo o interesse vil; depois, esperai! Escutai em vós mesmos atentamente e, ao cabo de algum tempo, nas profundezas de vossa consciência, ouvireis como o eco enfraquecido de uma voz longínqua, ou antes, perceberéis as vibrações de um pensamento misterioso, que acabará com as vossas dúvidas, dissipará vossas tristezas, vos acalentará, vos consolará.

Aí está, de fato, uma das formas da mediunidade, e uma das mais belas. Todos podem praticá-la e participar dessa comunhão entre vivos e mortos que está destinada a se propagar um dia a toda a humanidade.

Pode-se até, dessa forma, se comunicar com o plano divino. Em circunstâncias difíceis de minha vida, quando hesitava entre resoluções contrárias a respeito da tarefa que me foi confiada, de difundir as verdades consoladoras da Doutrina Espírita, apelando para a Entidade Suprema, ouvia sempre ressoar em mim uma voz grave e solene que me ditava meu dever. Clara e distinta,



contudo, essa voz parecia provir de um ponto muito afastado. Seu acento de ternura comovia-me até as lágrimas.

*

A intuição é, na maioria das vezes, apenas uma das formas empregadas pelos habitantes do mundo espiritual para nos transmitir seus avisos, suas instruções. Outras vezes, é a revelação da consciência profunda à consciência normal. No primeiro caso, pode ser considerada inspiração. Pela mediunidade, o Espírito inspira suas idéias no entendimento do transmissor. Este fornecerá a expressão, a forma, a linguagem e, na medida de seu desenvolvimento cerebral, o Espírito encontrará nele meios mais ou menos seguros e suficientes para comunicar seu pensamento em toda sua extensão e brilho.

O pensamento do Espírito agente é uno em seu princípio de emissão, mas varia em suas manifestações, de acordo com o estado mais ou menos perfeito dos instrumentos que emprega. Cada médium marca com o cunho de sua personalidade a inspiração que lhe vem do mais alto. Quanto mais o intelecto do indivíduo esteja cultivado e espiritualizado, quanto mais os instintos materiais estejam subjugados, melhor transmitirá o pensamento superior com pureza e fidelidade.

A larga corrente de um rio não pode fluir por um estreito canal; do mesmo modo que o Espírito inspirador não alcançará êxito em transmitir pelo organismo do médium senão aquelas suas concepções que por ele puderem passar. Por um grande esforço mental, sob a excitação de uma força exterior, o médium poderá exprimir concepções superiores ao seu próprio saber; mas, ao expressar as idéias sugeridas, empregará seus termos favoritos, seus modos de dizer habituais, ainda que o Espírito que por ele se manifesta lhe dê, por instantes, mais amplitude e elevação à linguagem.

Vemos, assim, quantas dificuldades, quantos obstáculos o organismo humano opõe à transmissão fiel e perfeita das concepções da alma, e como é necessária uma longa preparação, uma educação dedicada para amoldá-lo e adaptá-lo às necessidades da inteligência que quer se manifestar. E isso não se aplica somente ao Espírito desencarnado que quer se manifestar com a ajuda de um intermediário, um médium, mas também ao Espírito



encarnado, cujas concepções profundas nunca conseguem vir plenamente à tona no plano terrestre, como o afirmam todos os homens de gênio e, particularmente, os compositores e os poetas.

A princípio, a inspiração é consciente; mas desde que a ação do Espírito se acentua, o médium se encontra sob a influência de uma força que o faz agir independentemente de sua vontade. Ou melhor, uma espécie de torpor o invade; seus olhos se velam e perde a consciência de si mesmo para passar a uma dominação invisível. Nesse caso, o médium não é mais do que um instrumento, um aparelho de recepção e de transmissão. Assim como uma máquina obedece à corrente elétrica que a aciona, o médium obedece à corrente dos pensamentos que o invadem.

No exercício da mediunidade intuitiva, no estado de vigília, muitos se confundem diante da impossibilidade de distinguir as idéias que nos são próprias das que nos são sugeridas. Entretanto, é fácil reconhecer as idéias que nos são inspiradas pelos Espíritos. Elas brotam espontaneamente, de improviso, como clares súbitos emanando de um foco desconhecido; enquanto nossas idéias pessoais, as que provêm do fundo de nosso ser, estão sempre à nossa disposição e ocupam, de modo permanente, nosso intelecto. Não somente as idéias inspiradas surgem como por encantamento, mas se seguem, encadeiam-se por si mesmas e se exprimem com rapidez, às vezes de maneira febril.

Quase todos os autores, escritores, oradores e poetas são médiuns em certos momentos: possuem a intuição de uma assistência oculta que os inspira e participa de seus trabalhos. Eles mesmos o confessam.

Thomas Paine escrevia:

“Não há ninguém que, tendo-se ocupado dos progressos do espírito humano, não tenha observado que há duas classes bem distintas do que se chama idéias ou pensamentos: as que são produzidas em nós mesmos pela reflexão e as que se precipitam de si mesmas em nosso espírito. Tomei para mim como regra sempre acolher com cortesia esses visitantes inesperados e investigar, com todo o cuidado de que era capaz, se eles eram merecedores de minha atenção. Declaro que é a esses hóspedes estranhos que devo todos os conhecimentos que possuo.”

Emerson fala nesses termos do fenômeno da inspiração:



“Os pensamentos não me vêm sucessivamente, como em um problema de matemática, mas penetram por si mesmos em meu intelecto, semelhantes a uma luz que brilha nas trevas da noite. A verdade aparece-me não pelo raciocínio, mas pela intuição.”

A rapidez com a qual Walter Scott, o bardo d’Aven, escrevia seus romances, causava espanto aos seus contemporâneos. Eis a explicação que ele dá de si mesmo:

“Vinte vezes iniciei o trabalho, depois de ter composto o plano, e nunca me foi possível segui-lo. Meus dedos trabalham independentes de meu pensamento; é assim que, depois de ter escrito o segundo volume de Woodstock, não tinha a menor idéia de como a história se encaminhava para uma catástrofe no terceiro volume.”

Falando de *L’antiquaire* (*O antiquário*), ainda disse:

“Tenho um plano geral; mas logo que pego a caneta, ela corre tão rápida sobre o papel, a tal ponto que muitas vezes sou tentado a deixá-la ir sozinha, para ver se escreverá tão bem como quando é dirigida pelo meu pensamento.”

Novalis, cujos *Fragments* (*Fragmentos*) e *Disciples de Saïs* (*Discípulos de Saïs*) ficarão entre os mais elevados pensamentos do espírito humano, escreveu:

“Parece ao homem que ele está empenhado em uma conversação, e que algum ser desconhecido e espiritual o determina, de uma maneira maravilhosa, a desenvolver os pensamentos mais evidentes. Essa entidade deve ser superior e homogênea, pois se coloca em relação ao homem de uma maneira que não é possível a um ser submisso aos fenômenos.”

Lembremos também a célebre inspiração de Jean-Jacques Rousseau descrita por ele próprio:

“Eu ia ver Diderot, então prisioneiro em Vincennes; tinha no bolso o jornal Mercure de France, que me coloquei a folhear ao longo do caminho. Deparei com a questão da Academia de Dijon, que motivou meu primeiro escrito. Se nunca alguma coisa se pareceu com uma inspiração sutil, foi o movimento que se operou em mim com essa leitura. De repente, senti o espírito deslumbrado por mil luzes; multidões de idéias vivas se apresentavam ao mesmo tempo, com uma força e uma confiança que me lançaram numa perturbação inexplicável. Senti minha cabeça tomada por um atordoamento semelhante à embriaguez. Uma



violenta palpitação oprimia meu peito; não podendo mais respirar ao andar, encostei-me a uma das árvores da avenida, e passei ali meia hora em uma tal agitação que, ao levantar-me, percebi toda a frente de meu paletó molhada de lágrimas sem ter notado que houvesse chorado. Oh! Se alguma vez me tivesse sido possível escrever a quarta parte do que vi e experimentei sob aquela árvore, com que clareza teria feito ver todas as contradições do sistema social, com que força teria exposto todos os abusos de nossas instituições; com que simplicidade teria demonstrado que o homem é naturalmente bom... Tudo o que pude reter daquela massa de grandes verdades que em um quarto de hora me iluminaram foi facilmente disseminado em meus três principais escritos, a saber: este primeiro discurso, o Da desigualdade, e o Tratado da educação... Todo o resto foi perdido.”*

O caso de inspiração mediúnica mais extraordinária, talvez, dos tempos modernos, é o de Andrew Jackson Davis, chamado também de “o vidente de Poughkeepsie”. Esse personagem apareceu na aurora do espiritualismo americano como uma espécie de apóstolo de grande destaque. Graças a uma faculdade que não teve rival, pôde exercer uma influência excepcional em sua época, nos Estados Unidos.

Retiramos os seguintes detalhes da obra da senhora Emma Harding, intitulada: *Espiritualismo americano moderno***:

“Com 15 anos, o jovem Davis tornou-se, primeiramente, célebre em Nova York e em Connecticut por sua habilidade em diagnosticar doenças e prescrever remédios, graças a uma espantosa faculdade de clarividência. O jovem curador possuía um grau de

* Este primeiro discurso: refere-se ao *Discurso*, texto em que o filósofo discute a questão se o progresso das ciências e das artes contribuiu para corromper ou depurar os costumes (N.E.).

** Espiritualismo americano moderno: começou em Hydesville (EUA) com as irmãs Fox, Margaret (14 anos) e Kate (11 anos), partindo dos fenômenos ocorridos em 1848. O Espiritismo iniciou-se com as mesas falantes com Allan Kardec (1853) em Paris, embora 50 anos antes o senhor Charles Renard, também francês, mantinha conversações com os Espíritos, e das mesas falantes se têm notícias em todos os povos desde a China milenar.

O espiritualismo trata das manifestações da alma ou do Espírito de forma teórica, dogmática, e para tanto vale-se de elementos de todas as áreas do conhecimento, por isso fez várias escolas ou correntes de opiniões.

O Espiritismo (Doutrina Espírita) demonstra essas mesmas manifestações positivamente, comprovando-as, como o faz qualquer ciência (veja *O Livro dos Médiuns*, parte segunda, capítulo 2, item 60) (N.E.).



cultura intuitiva que compensava a ausência total de instrução, e uma facilidade de apresentação que não era de esperar de sua origem muito humilde, pois era filho e aprendiz de um modesto sapateiro.

“A sua origem e os meios limitados de seus pais tinham privado o jovem Davis de qualquer oportunidade de adquirir cultura, salvo durante cinco meses em que tinha freqüentado a escola da cidade com os rudes camponeses dos distritos afastados. Davis tinha então 18 anos quando anunciou que era instrumento de uma fase nova e espantosa de poder espiritual, começando por uma série de conferências destinadas a produzir um efeito considerável sobre o mundo científico e as opiniões religiosas da humanidade.

“Em cumprimento dessa profecia, Davis começou uma série de conferências, às quais assistiam pessoas de alta posição e de grande conhecimento em literatura e ciência. Assim se produziu o vasto conjunto de mensagens literárias, científicas, filosóficas e históricas, intitulado Divinas revelações da natureza.

“O caráter maravilhoso dessa obra, emanando de uma pessoa completamente incapaz de produzi-la em circunstâncias comuns, causou a mais profunda admiração em toda a sociedade.

“As Revelações foram logo seguidas da Grande harmonia, da Idade presente e da Vida interior. Outras volumosas produções vieram se juntar às conferências de Davis, a seus trabalhos de editor, às associações e à sua larga influência pessoal, e provocaram uma revolução completa nos Estados Unidos, no espírito de uma classe numerosa de pensadores chamados advogados da filosofia harmônica. Essa revolução deve incontestavelmente sua origem ao ‘pobre’ aprendiz de sapateiro.

“Milhares de pessoas, que o viram examinando doentes ou em suas exposições científicas, testemunharam a espantosa elevação de espírito de Davis em seu estado mediúnico. Seus manuscritos foram muitas vezes submetidos à investigação das mais brilhantes inteligências do país, que se certificaram, de modo indiscutível, da impossibilidade de ele ter os conhecimentos que demonstrava em seu estado mediúnico. O resultado mais claro da vida desse personagem fenomenal foi a revelação de que a



alma do homem pode comunicar-se com os Espíritos do outro mundo e com os deste também, e trabalhar para adquirir conhecimentos que se estendem muito além da esfera terrestre.”

*

Falemos resumidamente do método a seguir para o desenvolvimento da sensibilidade psíquica ou mediunidade. Consiste em isolar-se em certas horas do dia ou da noite, suspender a atividade dos sentidos exteriores, afastar de si as imagens e os ruídos da vida exterior. Isso é possível mesmo nos ambientes sociais mais humildes e entre pessoas comuns. É preciso, por assim dizer, concentrar-se sobre si mesmo e, na calma e no recolhimento do pensamento, fazer um esforço mental para ver e ler no grande livro misterioso que está em nós. Nesses momentos, afastai de vosso espírito tudo o que é passageiro, terrestre, instável. As preocupações de ordem material criam correntes vibratórias horizontais que resultam em obstáculo às radiações etéreas e restringem nossa percepção. Ao contrário, a meditação, a contemplação, o esforço constante para o bem e o belo formam correntes ascensionais que estabelecem a relação com os planos superiores e facilitam a penetração das emanções divinas em nós. Por esse exercício repetido e prolongado, o ser interior se encontra, pouco a pouco, iluminado, fecundado, regenerado. Essa obra de preparação é longa e difícil; por vezes necessita de toda uma existência. Assim, nunca é cedo demais para começar. Seus bons efeitos não tardarão a se fazer sentir.

Tudo o que perderdes em sensações de ordem inferior ganhareis em percepções supraterrrestres, em equilíbrio moral e mental, em alegria do espírito. Vossa sensibilidade interior adquirirá uma delicadeza, uma percepção extraordinária; chegareis a vos comunicar um dia com as mais altas esferas espirituais. As religiões procuraram constituir esses poderes por meio da comunhão e da prece. Mas a prece das igrejas, conjunto de fórmulas decoradas e repetidas mecanicamente durante horas inteiras, é impotente para dar à alma o impulso necessário e estabelecer o laço fluídico, o fio condutor pelo qual a relação se estabelecerá. É preciso um chamado, um laço mais vigoroso, uma concentração, um recolhimento mais profundo. É por isso que sempre recomendamos a



prece improvisada, o grito da alma que, em sua fé e seu amor, se lança com todas as forças acumuladas em si para o objeto de seu desejo.

Em vez de convidar, de evocar os Espíritos celestes a descer até nós, aprenderemos assim a desprender-nos e subir até eles.

Contudo, algumas precauções são necessárias. O mundo espiritual está povoado de entidades de todas as ordens, e quem nele penetra deve possuir uma perfeição suficiente, ser inspirado por sentimentos muito elevados para se pôr a salvo de todas as sugestões do mal, e por isso deve ter um mentor seguro e esclarecido. É pelo progresso moral que se obtém a autoridade, a energia necessária para se impor com respeito aos inúmeros Espíritos levianos e atrasados que existem ao nosso redor. A plena posse de nós mesmos, o conhecimento profundo e tranqüilo das leis eternas nos preservam dos perigos, das armadilhas, das ilusões do além; proporcionam-nos os meios de controlar as forças em ação no plano espiritual.





3

O LIVRE-ARBÍTRIO

A liberdade é a condição necessária à alma humana, que sem ela não poderia construir seu destino. É em vão que os filósofos e os teólogos argumentaram longamente a respeito dessa questão. Ou melhor, a obscureceram, com suas teorias e falsos argumentos, sujeitando a humanidade à servidão, em vez de a conduzir à luz libertadora. A noção é simples e clara. Os druidas* a haviam formulado desde os primeiros tempos de nossa História. Ela é expressa nesses termos, nas *Tríades*: “*Há três unidades primitivas: Deus, a luz e a liberdade*”.

À primeira vista, a liberdade do homem parece muito restrita ao círculo de fatalidades em que transita: necessidades físicas, condições sociais, interesses ou instintos. Mas, ao considerar a questão mais de perto, vê-se que essa liberdade é sempre suficiente para permitir à alma quebrar esse círculo e escapar das forças opressivas.

A liberdade e a responsabilidade são correspondentes no ser e aumentam com sua elevação. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e sua moralidade; sem ela, seria apenas uma máquina cega, um brinquedo das forças ambientes. A noção de moralidade é inseparável da de liberdade.

A responsabilidade é estabelecida pela ação da consciência que nos aprova ou nos condena segundo a natureza de nossos atos. A sensação de remorso é uma prova mais evidente do que todos os argumentos filosóficos. Para todo Espírito, por menos evoluído que seja, a lei do dever brilha como um farol em meio às

* Druidas: antigos sacerdotes entre os gauleses e bretões (N.E.).



neblinas das paixões e dos interesses. Assim, vemos todos os dias homens, nas mais humildes e difíceis situações, preferirem aceitar duras provas a se rebaixarem a cometer atos indignos.

Se a liberdade humana é limitada, é pelo menos correspondente ao desenvolvimento, porque o progresso não é outra coisa senão a extensão do livre-arbítrio no indivíduo e na coletividade. A luta entre a matéria e o Espírito tem precisamente por objetivo libertar esse último, cada vez mais, do jugo das forças cegas. A inteligência e a vontade chegam a predominar, pouco a pouco, sobre o que parece ser, aos nossos olhos, a fatalidade. O livre-arbítrio é, portanto, o desabrochar da personalidade e da consciência. Para ser livre, é preciso querer sê-lo e se esforçar para isso, libertando-se da escravidão da ignorância e das baixas paixões, substituindo o império das sensações e dos instintos pelo da razão.

Isso só se pode obter pela educação e preparação constante das faculdades humanas: libertação física pela limitação dos apetites; libertação intelectual pela conquista da verdade; libertação moral pela procura da virtude. **Está aí a obra dos séculos.** Mas em todos os graus de sua elevação, na repartição dos bens e dos males da vida, ao lado do encadeamento das causas, sem prejuízo dos destinos que nosso passado nos impõe, há sempre lugar para a livre vontade do homem.

*

Como conciliar nossa liberdade com a presciência* divina? Diante do conhecimento antecipado que Deus tem de todas as coisas, pode-se verdadeiramente compreender a liberdade humana? Questão complexa e árdua na aparência, que já fez correr rios de tinta, e cuja solução é, contudo, simples. Mas o homem não ama as coisas simples. Ele prefere o obscuro, o complicado, e aceita a verdade só depois de ter esgotado todas as formas de erro.

Deus, cuja ciência infinita abrange todas as coisas, conhece, além da natureza de cada homem, seus impulsos e tendências, de acordo com as quais o homem decidirá agir. Nós mesmos, conhecendo o caráter de uma pessoa, podemos facilmente prever em que sentido, numa certa circunstância, ela se decidirá, seja de acordo com o interesse, seja de acordo com o dever. Uma

* Presciência: qualidade daquele que sabe com antecipação; que prevê o futuro (N.E.).



resolução não pode nascer do nada; está forçosamente ligada a uma série de causas e de efeitos anteriores, da qual deriva e que a explica. Deus conhece cada alma em suas menores particularidades e, com certeza, pode rigorosamente deduzir, do conhecimento que tem dessa alma e das condições em que é chamada a agir, as determinações que ela tomará livremente.

Notemos que não é a previsão de nossos atos que os provoca. Se Deus não pudesse prever nossas resoluções, elas não deixariam por isso de seguir seu livre curso.

É assim que a liberdade humana e a providência divina se conciliam e se combinam, quando se considera o problema à luz da razão.

O círculo no qual se exerce a vontade do homem é, aliás, muito restrito para que, em qualquer caso, ele possa impedir a ação divina, cujos efeitos se desenrolam na imensidade sem limites. O fraco inseto, perdido num canto do jardim, ainda que desarranjando uns poucos átomos ao seu alcance, não conseguiria perturbar a harmonia do conjunto e atrapalhar a obra do Divino Jardineiro.

*

A questão do livre-arbítrio tem uma importância fundamental e de graves conseqüências para toda a ordem social, por sua ação e repercussão na educação, na moralidade, na justiça, na legislação, etc. Por isso vemos duas correntes opostas de opiniões: a que nega o livre-arbítrio e a que o admite com restrição.

Os argumentos dos fatalistas e dos deterministas se resumem assim: "*O homem é submisso aos impulsos de sua natureza, que o dominam e o obrigam a querer, a se determinar em um sentido mais do que em outro. Por conseguinte, não é livre.*"

A escola oposta, a que admite a livre vontade do homem, em face desse sistema negativo, defende a teoria das causas indeterminadas. Seu mais brilhante representante em nossa época é o senhor Renouvier.

As afirmações desse filósofo foram confirmadas mais recentemente pelos belos trabalhos de Wundt sobre a *apercepção**, de Alfred Fouillée sobre a *idéia-força* e de Boutroux sobre a *contingência da lei natural*.

* Apercção: intuição. Faculdade de apreender pela consciência uma idéia ou formular juízo. Na psicologia: a assimilação de novas experiências (N.E.).



Os elementos que a revelação espírita nos faz conhecer sobre a natureza e o futuro do ser dão à teoria do livre-arbítrio uma comprovação definitiva. Vêm arrancar da consciência moderna a influência nociva do materialismo e orientar o pensamento para uma concepção do destino, que terá por efeito, como disse Du Prel, recomençar a vida interior da civilização.

Até agora, tanto do ponto de vista teológico quanto do determinista, a questão tinha ficado quase insolúvel. Não podia ser de outro modo, uma vez que cada um desses sistemas partia do dado inexato de que o ser humano tem a percorrer uma única existência terrestre. A questão muda ao se alargar o círculo da vida e ao se considerar o problema à luz da doutrina dos renascimentos. Assim, cada ser conquista sua própria liberdade no decorrer da evolução a que deve submeter-se.

Suprida, a princípio pelo instinto, que desaparece pouco a pouco para dar lugar à razão, nossa liberdade é muito limitada em nossas primeiras etapas e em todo o período primário de nossa educação. Ela só toma uma extensão considerável quando o Espírito adquire a compreensão da lei. E sempre, em todos os graus de sua evolução, na hora das resoluções importantes, será assistido, guiado, aconselhado por inteligências superiores, pelos Espíritos evoluídos e mais esclarecidos do que ele.

O livre-arbítrio, a livre vontade do Espírito, se exerce sobretudo na hora da reencarnação. Ao escolher tal família, tal meio social, ele sabe de antemão quais são as provas que o esperam, mas compreende igualmente a necessidade dessas provas para desenvolver suas qualidades, atenuar seus defeitos, renunciar aos seus preconceitos e vícios. Essas provas podem ser também a consequência de um passado trágico, que é preciso apagar, e ele as aceita com resignação, com confiança, porque sabe que seus grandes irmãos do além não o abandonam nas horas difíceis.

O futuro aparece-lhe então, não em seus detalhes, mas em seus traços mais salientes, ou seja, na medida em que esse futuro é a resultante de atos anteriores. É isso que se pode chamar de fatalidade ou “predestinação” que alguns homens são levados a ver em todas as vidas. São simplesmente, como vimos, os efeitos ou as reações das ações de vidas anteriores. Na realidade, não há nada de fatal e, qualquer que seja o peso das responsabilidades em que se tenha incorrido, pode-se sempre atenuar,



modificar o destino com obras de devotamento, de bondade, de caridade, por um longo sacrifício ao dever.

*

A questão do livre-arbítrio, portanto, tem uma grande importância do ponto de vista jurídico. Levando em conta o direito de repressão e de preservação social, é muito difícil precisar, em todos os casos julgados pelos tribunais, a extensão das responsabilidades individuais. Só seria possível fazê-lo se pudéssemos estabelecer o grau de evolução dos culpados. A Doutrina Espírita nos forneceria os meios para isso. Mas a justiça humana, pouco versada nessas matérias, permanece cega e imperfeita em suas decisões e sentenças.

Muitas vezes o mau, o criminoso, é na realidade apenas um Espírito jovem e ignorante que a razão não teve tempo de amadurecer. “*O crime – disse Duclos – é sempre o resultado de um falso julgamento*”. É por isso que as penalidades infligidas deveriam ser estabelecidas de modo que obrigassem o condenado a refletir, a se instruir, a se esclarecer, a se emendar. A sociedade deve corrigir com amor e sem ódio, senão ela mesma se tornará culpada*.

Nós já demonstramos, as almas são iguais no ponto de partida. Elas são diferentes em seus graus infinitos de adiantamento: umas jovens; outras velhas e, por conseguinte, diversamente desenvolvidas em moralidade e sabedoria, de acordo com sua idade. Seria injusto esperar do Espírito infantil méritos iguais aos de um Espírito que viu e aprendeu muito. Daí uma grande diferenciação nas responsabilidades.

* O Direito Romano, de onde deriva toda a nossa legislação ocidental, por originar-se do paganismo, era de uma severidade extrema com os criminosos. Os condenados eram tratados com crueldade desumana. O Cristianismo, que vinha ensinar “não faças a ninguém o que não queres que te façam”, e teria que percorrer uma longa e demorada estrada, está fadado a atenuar, como já podemos ver nos nossos dias, em parte, essa questão, e exterminá-la de maneira definitiva, num futuro próximo.

“Jesus faz o homem refletir sobre uma nova idéia, a da aplicação misericordiosa da lei” – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 10. No julgamento da mulher adúltera, diz o divino Mestre à condenada: “vai e não peques mais” (João 8: 3-11).

Uma sociedade que se diz civilizada não pode simplesmente impor ao condenado a cela, porque isso não resolve a questão da criminalidade, não traz benefícios para nenhuma das partes e é prejudicial a ambos. O autor diz: “A sociedade deve corrigir com amor e sem ódio, senão ela mesma se tornará culpada”.

Presentemente se discute em todo o mundo ocidental a abolição da pena de morte onde ela é aplicada e a reformulação das leis penais; em várias partes do mundo há admiráveis exemplos de aplicação de penas alternativas, que não implicam reclusão e “obrigam o condenado a refletir, a se instruir, a se esclarecer, a se emendar”, como recomendou o autor nesta obra. Devemos notar que este livro foi escrito em 1908 e contém idéias muito avançadas para aquela época (N.E.).





Sócrates (470 a.C.): filósofo grego considerado o pai da filosofia. Precursor do Cristianismo e do Espiritismo (veja *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – “Introdução”). A exemplo de Jesus também não deixou nada escrito de seu próprio punho, tendo sido seus ensinamentos divulgados e difundidos pelos seus discípulos, especialmente por Platão.

O ser só estará verdadeiramente maduro para a liberdade no dia em que as leis universais, exteriores a ele, se tornarem interiores e conscientes em razão de sua própria evolução. No dia em que ele se compenetrar da lei e fizer dela a norma de suas ações, terá atingido o ponto moral em que o homem possui, domina e governa a si mesmo.

Daí em diante não terá mais necessidade do constrangimento e da autoridade sociais para se dirigir. E dá-se com a coletividade o que se dá com o indivíduo. Um povo é verdadeiramente livre, digno da liberdade, se aprendeu a obedecer a essa lei interior, lei moral, eterna e universal, que não emana do poder

de uma casta nem da vontade das multidões, mas de um poder mais alto. Sem a disciplina moral que cada um deve se impor, as liberdades públicas são apenas uma ilusão. Tem-se a aparência, mas não os costumes de um povo livre. A sociedade permanece exposta, pela violência de suas paixões e pela intensidade de seus apetites, a todas as complicações, a todas as desordens.

Tudo o que se eleva para a luz se eleva para a liberdade. Esta se expande, plena e inteira, na vida superior. A alma sofre tanto mais o peso das fatalidades materiais quanto mais atrasada e mais inconsciente é, e torna-se tanto mais livre quanto mais se eleva e se aproxima do divino. Em seu estado de ignorância, é uma felicidade para ela estar submetida a uma direção. Mas, quando sábia e perfeita, goza de sua liberdade na luz divina.

Em tese geral, todo homem, ao atingir o estado da razão, é livre e responsável, na medida de seu adiantamento. Devemos excluir os casos em que, vítima de uma causa qualquer, física ou moral, doença ou obsessão*, o homem perde o uso de suas faculdades. Não se pode desconhecer que o físico exerce, às vezes, uma grande influência sobre o moral. Entretanto, na luta entre eles, as almas fortes sempre triunfam. Sócrates dizia que

* Obsessão: influência de um espírito desencarnado, malévolo, sobre um encarnado. Pode haver obsessão também de encarnado para encarnado e de encarnado para desencarnado (N.E.).



tinha sentido germinar em si os instintos mais perversos e que os tinha domado. Havia para esse filósofo duas correntes de forças contrárias: uma orientada para o mal, a outra para o bem; e era a última que predominava.

Há também causas secretas que, muitas vezes, agem sobre nós. Às vezes a intuição vem combater o raciocínio. Impulsos partidos da consciência profunda nos determinam num sentido não previsto. Não é a negação do livre-arbítrio, é a ação da alma em sua plenitude, intervindo no curso de seu destino, ou então pode ser a influência de nossos mentores espirituais, ou ainda a intervenção de uma inteligência que, vinda de mais longe e mais alto, procura arrancar-nos às contingências inferiores e levar-nos para as altitudes. Mas em todos esses casos é somente nossa vontade que rejeita ou aceita e decide em última instância.

Em resumo, em vez de negar ou afirmar o livre-arbítrio, conforme a escola filosófica que se aceite, seria mais exato dizer: O homem é o artesão de sua liberdade. Ele atinge o estado completo de liberdade apenas pela cultura interior e pela valorização de suas potências ocultas. Os obstáculos que encontra em seu caminho são apenas meios de o obrigar a sair de sua indiferença e a utilizar suas forças latentes. Todas as dificuldades materiais podem ser vencidas.

Somos todos solidários, e a liberdade de cada um de nós se liga à liberdade dos outros. Ao se libertar das paixões e da ignorância, cada homem liberta seus semelhantes. Tudo o que contribui para eliminar da inteligência as trevas e fazer recuar o mal torna a humanidade mais livre, mais consciente de si mesma, de seus deveres e de seus poderes.

Elevemo-nos à consciência de nosso papel e de nosso objetivo e seremos livres. Asseguraremos com os nossos esforços, nossos ensinamentos e nossos exemplos, o triunfo da vontade, assim como do bem, e em vez de formarmos seres passivos curvados sob o peso da matéria, expostos à incerteza e à inércia, teremos feito almas verdadeiramente livres, libertas das cadeias da fatalidade e planando sobre o mundo pela superioridade das qualidades conquistadas.





4

O PENSAMENTO

O pensamento é criador. Assim como o pensamento do Eterno projeta sem parar no espaço os germens dos seres e dos mundos, também o do escritor, do orador, do poeta, do artista faz brotar incessante florescência de idéias, de obras, de concepções que vão influenciar, impressionar para o bem ou para o mal, conforme sua natureza, a multidão humana.

É por isso que a missão dos obreiros do pensamento, que trabalham com a palavra, é ao mesmo tempo grande, temível e sagrada.

É grande e sagrada, porque o pensamento dissipa as sombras do caminho, resolve os enigmas da vida e traça o caminho da humanidade, sua chama aquece as almas e embeleza os desertos da existência. É temível, porque seus efeitos são poderosos tanto para a descida quanto para a ascensão.

Mais cedo ou mais tarde, toda criação do espírito reverte ao seu autor com suas conseqüências, acarretando-lhe, conforme o caso, o sofrimento, uma diminuição, uma privação da liberdade ou ainda satisfações íntimas, uma dilatação, uma elevação de seu ser.

A vida presente é, como sabemos, um simples episódio de nossa longa história, um fragmento da grande cadeia que se desenrola para todos através da imensidade. E, constantemente, recaem sobre nós, em brumas ou claridades, os resultados de nossas obras. A alma humana percorre seu caminho cercada de uma atmosfera radiosa ou sombria, povoada pelas criações de seu pensamento. E é isso, na vida do além, sua glória ou desonra.



*

Para dar ao pensamento toda a sua força e amplitude, nada é mais eficaz do que a investigação dos grandes problemas. Por bem dizer, é preciso sentir com veemência; para saborear as sensações elevadas e profundas, é preciso remontar à fonte de onde deriva toda a vida, toda a harmonia, toda a beleza.

O que há de nobre e de elevado no domínio da inteligência emana de uma causa eterna, viva e pensante. Quanto mais largo é o vôo do pensamento para essa causa, tanto mais alto ele plana, mais radiosas também são as claridades entrevistas, mais inebriantes as alegrias sentidas, mais poderosas as forças adquiridas, mais geniais as inspirações! Depois de cada vôo, o pensamento torna a descer, vivificado, esclarecido, ao campo terrestre, para retomar a tarefa na qual continuará a desenvolver-se, porque é o trabalho que faz a inteligência, como é a inteligência que faz a beleza, o esplendor da obra realizada.

Eleva teu olhar, ó pensador, ó poeta! Lança teu brado de apelo, de aspiração, de prece! Diante do mar de reflexos variáveis, à vista dos brancos cimos longínquos ou do infinito estrelado, não passaste nunca horas de êxtase e de embriaguez em que a alma se sente mergulhada num sonho divino, quando a inspiração chega poderosa como um relâmpago, rápido mensageiro do céu à Terra?

Escuta bem! Nunca ouviste no fundo do teu ser vibrações de harmonia confusas, rumores do mundo invisível, vozes que te acalentam e preparam o pensamento para as intuições supremas? Há em todo poeta, artista ou escritor germens de mediunidade, inconscientes, insuspeitos e que aguardam apenas o momento para aflorar; para eles, o operário do pensamento entra em relação com a fonte inesgotável e recebe sua parte da revelação. Sua missão é exprimir em obras essa revelação de estética apropriada à sua natureza, ao gênero de seu talento, que farão penetrar na alma das multidões uma vibração das forças divinas, uma radiação das verdades eternas.

É na comunhão freqüente e consciente com o mundo dos Espíritos que os gênios do futuro hão de encontrar os elementos de sua obra. Desde hoje, a penetração dos segredos de sua dupla vida vem oferecer ao homem o socorro e a luz que as



religiões enfraquecidas não saberiam mais lhe proporcionar. Em todos os domínios, a idéia espírita vai fecundar o pensamento em atividade.

A ciência lhe deverá uma renovação completa de suas teorias e de seus métodos. Dever-lhe-á a descoberta das forças incalculáveis e a conquista do universo oculto. A filosofia alcançará um conhecimento mais extenso e mais preciso da personalidade humana. Esta, no transe e na exteriorização, é como uma cripta* que se abre, cheia de coisas estranhas, e onde está guardada a chave do mistério do ser.

As religiões do futuro encontrarão no Espiritismo as provas da progressão dos Espíritos e dos mundos e as regras da vida no além, e ao mesmo tempo também o princípio de uma união estreita das duas humanidades, visível e invisível, em sua ascensão para o Pai comum. A arte, sob todas as suas formas, descobrirá nele fontes inesgotáveis de inspiração e de emoção.

O homem do povo, nas horas de cansaço, beberá nele a coragem moral. Compreenderá que a alma pode desenvolver-se tão bem pelo trabalho humilde quanto pela obra majestosa, e que nenhum dever é desprezível; que a inveja é irmã do ódio e que, muitas vezes, o ser é menos feliz no luxo do que na modéstia. O poderoso aprenderá nele a bondade, com o sentimento de solidariedade que nos liga a todos pelas nossas vidas sucessivas e pode nos constringer a renascer em condições humildes para adquirir as virtudes dos simples.

O descrente achará nele a fé; o desanimado, a esperança duradoura e as enérgicas resoluções; todos aqueles que sofrem encontrarão a idéia grandiosa de que uma lei de justiça preside a todas as coisas; que não há, em nenhum domínio, efeito sem causa, parto sem dor, vitória sem combate, triunfos sem rudes esforços, mas que, acima de tudo, reina uma perfeita e majestosa harmonia, e que ninguém está abandonado por Deus, do qual é uma parcela.

Assim se opera, lentamente, a renovação da humanidade, tão nova ainda, tão ignorante de si mesma, mas cujo desejo se

* Cripta: nesse caso, galeria subterrânea na qual se encontravam os cristãos perseguidos na época em que o Cristianismo era proibido (N.E.).



dirige pouco a pouco para a compreensão de sua tarefa e de seu objetivo, ao mesmo tempo que desenvolve seu campo de exploração e a perspectiva de um futuro infinito. E, em breve, eis que ela avançará, mais consciente de si mesma e de sua força, consciente de seu magnífico destino. A cada etapa transposta, vendo e querendo mais, sentindo brilhar e se avivar o foco que está nela, vê também as trevas recuarem, os sombrios enigmas do mundo se fundirem e se resolverem, e o caminho se iluminar com um raio poderoso.

Juntamente com as sombras, desfazem-se pouco a pouco os preconceitos, os terrores vão; as contradições aparentes do universo se dissipam, e a harmonia se faz em todas as coisas. Então a confiança e a alegria penetram nessas almas, o homem sente desenvolver seu pensamento e seu coração. E avança sempre, pelo caminho das idades, para o fim de sua obra; mas sua obra não tem fim, pois cada vez que a humanidade se eleva para um ideal novo, julga ter alcançado o ideal supremo, quando, na realidade, só atingiu a crença ou o sistema correspondente ao seu grau de evolução. Mas a cada vez, também, de seus avanços, de seus sucessos, decorrem-lhe felicidade e forças novas, e encontra a recompensa de seu trabalho e de sua angústia no próprio trabalho, na alegria de viver e de progredir, que é a lei dos seres, numa comunhão mais íntima com o universo, numa posse um pouco mais completa do bem e do belo.

*

Ó escritores, artistas, poetas, vós, cujo número aumenta todos os dias, cujas obras se multiplicam e sobem como a maré, muitas vezes belas pela forma, mas fracas no fundo, superficiais e materiais, quanto talento não gastais com coisas medíocres! Quantos esforços desperdiçados ou perdidos em serviço de paixões nocivas, de volúpias inferiores e interesses vis!

Quando vastos e magníficos horizontes se desdobram, quando o livro maravilhoso do universo e da alma se abre, de par em par diante de vós, e que o gênio do pensamento vos convida para nobres tarefas, para obras cheias de seiva, fecundas para o adiantamento da humanidade, vós vos satisfazeis muitas vezes com estudos fúteis e estéreis, com trabalhos em que a consciência se empobrece, a inteligência se enfraquece e se perde, e nos quais os sentidos e os instintos impuros são exaltados.



Quem de vós contará a epopéia da alma, lutando pela conquista de seus destinos no imenso ciclo das idades e dos mundos; suas dores e alegrias, suas quedas e ascensões, a descida aos abismos da vida, o bater de asas para a luz, os sacrifícios, os holocaustos que são um resgate, as missões redentoras, a participação cada vez maior nas concepções divinas?

Quem cantará também as poderosas harmonias do universo, harpa gigantesca vibrando sob o pensamento de Deus, o canto dos mundos, o ritmo eterno que embala a gênese dos astros e das humanidades?

Ou então a lenta elaboração, a dolorosa gestação da consciência desde os estados inferiores, a construção laboriosa de uma individualidade, de um ser moral? Quem dirá da conquista da vida, sempre mais plena, maior, mais serena, mais esclarecida pelos raios do alto, a marcha de cimo em cimo, em busca da felicidade, do poder e do amor puro? Quem cantará a obra do homem, lutador imortal, erguendo em meio às suas dúvidas, suas discórdias, suas angústias e suas lágrimas o edifício harmônico e sublime de sua personalidade pensante e consciente? Sempre adiante, sempre mais longe, sempre mais alto! Responderão: “Não sabemos”. E perguntarão: “Quem nos ensinará estas coisas?”

Quem? As vozes interiores e as vozes do além! Aprendei a abrir, a folhear, a ler o livro oculto em vós, o livro das metamorfoses do ser. Ele vos dirá o que tendes sido e o que sereis. Ele vos ensinará os maiores mistérios, a criação do eu pelo esforço constante, a ação soberana que, no pensamento silencioso, faz germinar a obra e, conforme vossas aptidões, vosso talento, vos fará pintar as telas mais belas, esculpir as formas mais ideais, compor as sinfonias mais harmoniosas, escrever as mais belas páginas, realizar os mais belos poemas.

Tudo está aí, ao redor de vós! Tudo fala, tudo vibra, o visível e o invisível, tudo canta e celebra a glória de viver, a alegria de pensar, de criar, de associar-se à obra universal. Esplendores dos mares e do céu estrelado, majestade dos cimos, perfumes das flores, sons misteriosos das florestas, melodias da terra e do espaço, vozes do invisível que falam no silêncio da noite, voz da consciência, eco da voz divina, tudo é ensinamento e revelação para quem sabe ver, escutar, compreender, pensar, agir!



Depois, acima de tudo, a visão suprema, a visão sem formas, o pensamento incriado, verdade total, harmonia final das essências e das leis, que, desde o fundo de nosso ser até a mais longínqua estrela, liga tudo e todos em sua unidade resplandecente. É a cadeia da vida, que se eleva e se desenrola no infinito, escada dos poderes espirituais que levam a Deus os chamados do homem pela prece e ao homem trazem a resposta de Deus pela inspiração.

E agora, uma última questão: por que, no meio do imenso labor e da abundante produção intelectual que caracterizam nossa época, se encontram tão poucas obras fortes e de concepções geniais? Porque deixamos de ver as coisas divinas pelos olhos da alma! Porque paramos de amar e de acreditar!

Remontemos às fontes celestes e eternas: é o único remédio para a nossa anemia moral. Dirijamos nosso pensamento para as coisas solenes e profundas. Que a ciência se ilumine e se complete pelas intuições da consciência e as faculdades superiores do Espírito. O Espiritismo a auxiliará.





5 A DISCIPLINA DO PENSAMENTO E A REFORMA DO CARÁTER

O pensamento, dizíamos, é criador. Não atua somente ao redor de nós, influenciando nossos semelhantes para o bem ou para o mal; age sobretudo em nós. Gera nossas palavras, nossas ações, e com ele construímos, a cada dia, o edifício grandioso ou miserável de nossa vida presente e futura. Modelamos nossa alma e seu envoltório com os nossos pensamentos; estes produzem formas, imagens que se imprimem na matéria sutil de que o corpo fluídico é formado. Assim, pouco a pouco, nosso ser se povoa de formas frívolas ou austeras, graciosas ou terríveis, grosseiras ou sublimes; a alma se enobrece, se adorna de beleza ou cria uma atmosfera de feiúra.

Não há assunto mais importante do que o estudo do pensamento, de seus poderes, de sua ação. Ele é a causa inicial de nossa elevação ou de nosso rebaixamento; prepara todas as descobertas da ciência, todas as maravilhas da arte, mas também todas as misérias e todas as vergonhas da humanidade. Conforme a impulsão que lhe é dada, funda ou destrói as instituições como os impérios, os caracteres como as consciências. O homem só é grande, só tem valor pelo seu pensamento; é por ele que suas obras radiantes se perpetuam no decorrer dos séculos.

A Doutrina Espírita, muito melhor do que todas as doutrinas, nos permite perceber, compreender melhor toda a força da projeção do pensamento. É o princípio da comunhão universal. Vemos o pensamento agir no fenômeno espírita, facilitando-o ou dificultando-o; seu papel nas sessões espíritas é sempre



considerável. A telepatia nos demonstrou que as almas podem impressionar-se, influenciar-se a quaisquer distâncias. É o meio de que se servem as humanidades do espaço para se comunicar entre si através das imensidades siderais. Em todos os campos das atividades sociais, em todos os domínios do mundo visível ou invisível, a ação do pensamento é soberana. Não é menor sua ação, repetimos, em nós mesmos, modificando constantemente nossa natureza íntima.

As vibrações de nossos pensamentos, de nossas palavras, ao se renovarem no sentido sublime, nobre e uniforme, expulsam de nós os elementos que não podem vibrar em harmonia com elas; atraem elementos similares que acentuam as tendências do ser. Uma obra, muitas vezes inconsciente, elabora-se; mil obreiros misteriosos trabalham na sombra; nas profundezas da alma, todo um destino se esboça; em sua ganga* o diamante oculto se purifica ou perde o brilho.

Se meditarmos sobre assuntos elevados, sobre a sabedoria, o dever, o sacrifício, nosso ser se impregna pouco a pouco das qualidades de nosso pensamento. Eis por que a prece improvisada, ardente, o impulso da alma para as potências infinitas, tem tanta virtude. Nesse diálogo solene do ser com a sua causa, uma ligação com o alto nos invade, e sentimentos novos despertam. A compreensão, a consciência da vida aumentam e sentimos, melhor do que se pode exprimir, a nobreza e a grandeza até da mais humilde das existências. A prece, a comunhão pelo pensamento com o universo espiritual e divino, é o esforço da alma para a beleza e a verdade eternas; é a entrada por um instante nas esferas da vida real e superior, a vida que não tem limites.

Se, ao contrário, nosso pensamento é inspirado pelos maus desejos, pela paixão, pela inveja, pelo ódio, as imagens que cria sucedem-se, acumulam-se em nosso corpo fluídico e o tornam tenebroso. Assim, podemos, à vontade, fazer em nós a luz ou a sombra. É o que afirmam várias comunicações dos Espíritos. *Somos o que pensamos* e por essa razão devemos pensar com força, vontade, persistência. Mas quase sempre nossos pensa-

* Ganga: resíduo, em geral não aproveitável, de uma jazida, o qual pode, em certos casos, conter substâncias economicamente úteis (N.E.).



mentos passam constantemente de um assunto a outro. Pensamos raramente por nós mesmos, refletimos os mil pensamentos incoerentes do meio em que vivemos. Poucos homens sabem viver de seu próprio pensamento, beber nas fontes profundas, nesse grande reservatório de inspirações que cada um traz em si, mas que a maioria ignora. Assim criamos um envoltório povoado das mais disparatadas formas. Nosso Espírito é como uma casa aberta a todos os que passam. Os raios do bem e as sombras do mal se confundem num caos perpétuo. É o incessante combate da paixão e do dever em que, quase sempre, a paixão sai vitoriosa. Antes de tudo, é preciso aprender a controlar nossos pensamentos, a discipliná-los, a lhes imprimir uma direção precisa, um objetivo nobre e digno.

O domínio dos pensamentos acarreta o controle dos atos, porque se uns são bons, outros o serão igualmente, e toda a nossa conduta se encontrará regulada por um encadeamento harmônico. Porém, se nossos atos são bons e nossos pensamentos maus, pode haver aí apenas uma falsa aparência do bem, e continuaremos a trazer em nós um foco malfazejo, cujas influências se farão sentir cedo ou tarde, fatalmente, sobre nossa vida.

Às vezes observamos uma contradição surpreendente entre os pensamentos, os escritos e as ações de alguns homens, e somos levados, por isso, a duvidar de sua boa-fé, de sua sinceridade. Muitas vezes não há mais do que uma falsa interpretação de nossa parte. Os atos desses homens resultam da impulsão surda dos pensamentos e das forças do passado que estão ainda atuando neles. Suas aspirações presentes, mais elevadas, seus pensamentos, mais generosos, serão realizados em atos futuros. Assim tudo se combina e explica quando se consideram as coisas do ponto de vista largo da evolução; enquanto tudo permanece obscuro, incompreensível e contraditório com a teoria de uma vida única para cada um de nós.

*

É bom viver em contato pelo pensamento com os escritores de gênio, com os autores verdadeiramente grandes de todos os tempos e de todos os países, ao ler, ao meditar sobre suas obras e impregnar todo o nosso ser da substância de sua alma. A radiação de seus pensamentos despertará em nós efeitos seme-



lhantes e produzirá, com o tempo, as modificações de nosso caráter pela própria natureza das impressões sentidas.

É preciso escolher nossas leituras com cuidado, depois amadurecê-las e assimilar-lhes a idéia principal. Em geral, lê-se muito, lê-se ativamente e não se medita. Seria preferível ler menos e refletir mais no que se lê. É um meio seguro de fortificar nossa inteligência, de recolher os frutos da sabedoria e da beleza que podem conter nossas leituras. Nisso, como em todas as coisas, o belo atrai e gera o belo, do mesmo modo que a bondade atrai a felicidade, e o mal atrai o sofrimento.

O estudo silencioso e recolhido é sempre fecundado pelo desenvolvimento do pensamento. É no silêncio que se elaboram as obras fortes. A palavra é brilhante, mas muitas vezes degenera em propósitos estéreis, às vezes maléficos; com isso o pensamento se enfraquece e a alma esvazia-se. Enquanto na meditação o Espírito se concentra, volta-se para o lado sério e solene das coisas, a luz do mundo espiritual o banha com suas ondas. Há ao redor do pensador grandes seres espirituais que só querem inspirá-lo; é na alvorada das horas tranqüilas, ou então sob a luz discreta da sua lâmpada de trabalho, que melhor podem entrar em comunicação com ele. Em toda parte e sempre, uma vida oculta se mistura com a nossa vida.

Evitemos as discussões ruidosas, as palavras vãs, as leituras frívolas. Sejamos moderados na leitura de jornais, pois ao nos fazer passar sem parar de um assunto a outro, torna o Espírito ainda mais instável. Vivemos numa época de anemia intelectual, que é causada pela raridade de estudos sérios, pela procura abusiva da palavra pela palavra, da forma enfeitada e vazia, e sobretudo pela insuficiência dos educadores da mocidade. Apliquemo-nos às obras mais substanciais, a tudo o que pode nos esclarecer sobre as leis profundas da vida e facilitar nossa evolução. Pouco a pouco se edificarão em nós uma inteligência, uma consciência mais forte, e nosso corpo fluídico se iluminará com os reflexos de um pensamento alto e puro.

Já dissemos, a alma encerra profundezas onde o pensamento raramente desce, porque mil objetos exteriores o ocupam sem parar. Sua superfície, como a de um mar, é muitas vezes agitada; mas por baixo se estendem regiões inacessíveis às



tempestades. Aí dormem esses poderes ocultos que esperam nosso chamado para emergir e aparecer. O chamado se faz raramente ouvir, e o homem se agita em sua extrema pobreza, ignorando os tesouros inapreciáveis que repousam nele.

É preciso o choque das provas, as horas tristes e desoladas para lhe fazer compreender a fragilidade das coisas exteriores e conduzi-lo na procura de si mesmo, para a descoberta de suas verdadeiras riquezas espirituais.

É por isso que as grandes almas se tornam tanto mais nobres e mais belas quanto mais duras são suas dores. A cada infelicidade que se abate sobre elas, dão a sensação de se haver aproximado um pouco mais da verdade e da perfeição, e a esse pensamento experimentam como que um a prazer amargo. Levantou-se uma nova estrela no céu de seu destino, uma estrela cujos raios trêmulos penetram no santuário de sua consciência, iluminam-lhe os abismos ocultos. Nas inteligências de alta cultura, as angústias fazem sementeira: cada dor é um sulco de onde brota um manancial de virtude e de beleza.

Há momentos em nossa vida, quando morre nossa mãe, quando se desmorona uma esperança ardentemente acariciada, quando se perde a mulher, o filho amado, cada vez que se quebra um dos laços que nos ligam a este mundo, uma voz misteriosa se levanta das profundezas de nossa alma, voz solene que nos fala de mil leis mais majestosas, mais veneráveis que as da Terra, e todo um mundo ideal se entrebre. Mas os barulhos de fora abafam-na bem depressa, e o ser humano recai quase sempre em suas dúvidas, suas hesitações, na banal vulgaridade de sua existência.

*

Não há progresso possível sem uma observação atenta de si mesmo. É preciso vigiar todos os nossos atos impulsivos, a fim de chegar a saber em que sentido devemos dirigir nossos esforços para nos aperfeiçoar. Primeiramente, regular a vida física, reduzir as necessidades materiais ao necessário, a fim de assegurar a saúde do corpo, esse instrumento indispensável ao nosso trânsito terrestre. Depois, disciplinar as impressões, as emoções; exercitar-se para dominá-las, para utilizá-las como agentes de nosso aperfeiçoamento moral. Aprender, sobretudo,



a esquecer, a renunciar a si mesmo, a retirar de nós todo sentimento de egoísmo. *A verdadeira felicidade neste mundo está na proporção do esquecimento próprio.*

Não basta crer e saber, é preciso viver nossa crença, ou seja, fazer penetrar na prática cotidiana da vida os princípios superiores que adotamos. É preciso habituar-se a se comunicar pelo pensamento e pelo coração com os Espíritos elevados, portadores da revelação, e com todas as almas da elite que serviram de guias à humanidade, viver com eles na intimidade de cada dia, inspirar-se em seu saber e sentir sua influência pela percepção íntima que desenvolve nossas relações com o mundo invisível.

Entre essas grandes almas, é bom escolher uma como exemplo, a mais digna de nossa admiração, e em todas as circunstâncias difíceis, em todos os casos em que nossa consciência vacila entre dois rumos a tomar, inquirir-nos sobre como ela resolveria e agir do mesmo modo.

Assim, construímos pouco a pouco, de acordo com esse modelo, um ideal moral que se refletirá em todos os nossos atos. Todo homem, na humilde realidade de cada dia, pode modelar em si uma consciência sublime. A obra é difícil e lenta, mas temos os séculos para realizá-la.

Concentremos firmemente nossos pensamentos para poder dirigi-los, pela vontade, para o ideal sonhado. Meditemos nele todos os dias, a uma certa hora escolhida, pela manhã, por exemplo, quando tudo é calmo e repousa ainda ao redor de nós, esse momento a que o poeta chama “hora divina”, quando a natureza fresca e descansada acorda para as claridades do dia. Nas horas matinais, a alma, pela prece e meditação, desperta com o mais fácil impulso para as alturas, de onde se pode ver e compreender que tudo – a vida, os atos, os pensamentos – é ligado a alguma coisa de grande e eterno e que habitamos um mundo em que os poderes invisíveis vivem e trabalham conosco. Na vida mais simples, na tarefa mais modesta, na existência mais apagada, revelam-se então valores mais profundos, uma reserva de ideal, fontes possíveis de beleza. Cada alma pode fazer para si, por seus pensamentos, uma atmosfera espiritual tão bela e tão resplandecente como nas paisagens mais encantadoras; e na morada mais simples e modesta há abertura para Deus e para o infinito!



*

Em todas as nossas relações sociais e com nossos semelhantes é preciso que nos lembremos constantemente disso: os homens são viajantes em marcha, ocupando pontos diversos na escala da evolução, pela qual todos subimos. Por conseguinte, não devemos exigir nem esperar nada que não esteja em relação com o grau de adiantamento deles.

A todos devemos tolerância, benevolência e mesmo o perdão; pois se nos causam prejuízo, se zombam de nós e nos ofendem, é quase sempre em virtude da falta de compreensão e de saber, causada por um desenvolvimento insuficiente. Deus pede aos homens somente o que puderam adquirir pelos seus lentos e penosos trabalhos. Não temos o direito de exigir mais. Já não fomos semelhantes aos mais atrasados deles? Se cada um de nós pudesse ler em seu passado o que foi, o que fez, quanto não seria maior nossa indulgência para as faltas dos outros! Às vezes, também temos necessidade da mesma indulgência que lhes devemos. Sejamos severos para conosco e tolerantes para com os outros. Instruamo-los, esclareçamo-los, guiemo-los com doçura: é o que a lei da solidariedade nos ensina.

Enfim, é preciso saber suportar todas as coisas com paciência e serenidade. Seja qual for o procedimento de nossos semelhantes para conosco, não devemos conceber nenhuma animosidade, nenhum ressentimento; mas, ao contrário, aproveitar todas as causas de aborrecimento ou de aflição para a nossa própria educação moral. Nenhum revés poderia nos atingir se por nossas vidas anteriores e faltosas não tivéssemos dado margem à maldade. Eis o que é preciso muitas vezes dizer. Chegaremos, assim, a aceitar sem amargura todas as provas, ao considerá-las como uma reparação do passado ou como um processo de aperfeiçoamento.

De grau em grau chegaremos a essa calma de espírito, à posse de nós mesmos, à confiança absoluta no futuro, que dão a força, a quietude, a satisfação íntima e nos permitem ficar firmes em meio às mais duras provas.

Quando chega a idade, as ilusões, as vãs esperanças caem como folhas mortas; mas as altas verdades aparecem com mais brilho, como estrelas no céu de inverno, em meio aos ramos nus de nossos jardins.



Pouco importa que a circunstância da vida não nos tenha oferecido nenhuma glória, nenhum sorriso, nenhum raio de alegria, se tiver enriquecido nossa alma com mais uma virtude, com alguma beleza moral. As vidas simples e difíceis são às vezes as mais fecundas, enquanto as vidas suntuosas nos prendem muitas vezes e por muito tempo na corrente formidável das responsabilidades.

A felicidade não está nas coisas exteriores ou nos acasos, mas somente em nós mesmos, na vida interna que soubermos criar. Não importa que o céu esteja escuro sobre nossa cabeça e a maldade, ao redor de nós, se tivermos a luz na frente, a alegria do bem e a liberdade moral no coração. Porém, se eu tiver vergonha de mim mesmo, se o mal houver invadido meu pensamento, se o crime e a traição habitarem em mim, todos os favores, todas as felicidades da Terra não me restituirão a paz silenciosa e a alegria da consciência. O sábio cria para si mesmo, desde este mundo, um refúgio seguro, um lugar sagrado, um retiro profundo onde não chegam as discórdias e as contradições de fora. Do mesmo modo, na vida espiritual, o cumprimento do dever e a realização da justiça são de ordem totalmente íntima. Cada alma traz em si sua luz ou sua sombra, seu paraíso ou seu inferno. Mas lembremo-nos de que não há nada de irreparável: a situação atual em que se encontra o Espírito atrasado, inferior, é apenas um ponto quase imperceptível na imensidão de seus destinos.





6

o AMOR

O amor, como a maioria o entende na Terra, é um sentimento, um impulso do ser que o leva para outro ser com o desejo de se unir. Mas, na realidade, o amor reveste formas infinitas, desde as mais vulgares às mais sublimes. Princípio da vida universal, proporciona à alma, em suas mais altas e puras manifestações, essa intensidade de radiação que aquece, vivifica tudo o que o rodeia; é por ele que a alma se sente estreitamente ligada ao poder divino, foco ardente de toda vida, de todo amor.

Acima de tudo, Deus é amor; por amor criou os seres, para associá-los às suas alegrias, à sua obra. O amor é um sacrifício; Deus tirou de si a vida para dá-la às almas. Ao mesmo tempo que receberam o princípio vital, receberam o princípio afetivo que germinará e desabrochará na vivência dos séculos de provas, até que, por sua vez, tenham aprendido a doar-se, isto é, sacrificar-se pelas outras pessoas. Assim, longe de se diminuírem, se engrandecem, se enobrecem e se aproximam do foco supremo.

O amor é uma força inesgotável; renova-se sem parar e enriquece ao mesmo tempo quem dá e quem recebe. É pelo amor, sol das almas, que Deus age ativamente no mundo; por ele atrai para si todos os pobres seres atrasados nos antros da paixão, os Espíritos cativos na matéria; ele os eleva e os arrasta na espiral da ascensão infinita para os esplendores da luz e da liberdade.

O amor conjugal, o amor materno, o amor filial ou fraternal, o amor da pátria, da raça, da humanidade são refrações, raios do



amor divino, que abraça, penetra todos os seres e, ao se difundir neles, faz surgir e florir mil formas variadas, mil florações esplêndidas de amor.

Até as profundezas do abismo da vida, as radiações do amor divino infiltram-se e vão acender para os seres mais rudimentares, pela afeição à companheira e aos filhos, as primeiras claridades que, nesse meio de egoísmo feroz, serão como a alvorada indecisa e a promessa de uma vida mais alta.

É o apelo do ser ao ser, é o amor que provocará, no fundo das almas embrionárias, os primeiros frutos do desprendimento, da piedade, da bondade. Mais acima, na escala evolutiva, iniciará o ser humano nas primeiras felicidades, nas únicas sensações de felicidade perfeita que lhe são dadas para desfrutar na Terra, sensações mais fortes e mais doces que todas as alegrias físicas, e conhecidas somente das almas que sabem amar verdadeiramente.

Assim, de etapa em etapa, sob a influência e o esplendor do amor, a alma se desenvolverá, se engrandecerá, verá alargar-se o círculo de suas sensações. Lentamente, o que nela era apenas paixão, desejo carnal, se purificará, se transformará em sentimento nobre e desinteressado. A afeição a um só, ou a alguns, se tornará a afeição a todos, à família, à pátria, à humanidade. E a alma adquirirá a plenitude de seu desenvolvimento quando estiver apta a compreender a vida celeste, que é toda amor, e a participar dela.

O amor é mais forte que o ódio, mais forte que a morte. Se Cristo foi o maior dos missionários e dos profetas, se teve tanto domínio sobre os homens, é porque trazia em si um reflexo mais poderoso do amor divino. Jesus passou pouco tempo na Terra; três anos de evangelização lhe bastaram para que o seu domínio se estendesse a todas as nações. Não foi pela ciência nem pela arte da oratória que ele seduziu e cativou as multidões; foi pelo amor. E depois de sua morte, seu amor permaneceu no mundo como um foco sempre vivo, sempre ardente. Por isso, apesar dos erros e faltas dos que falaram em seu nome, apesar de tanto sangue derramado por ele, de tantas fogueiras acesas, tantos véus estendidos sobre seu ensinamento, o Cristianismo permaneceu a mais bela, a maior de todas as religiões. Ele disciplinou,



afeiçoou a alma humana, suavizou o caráter feroz dos bárbaros, arrancou raças inteiras da sensualidade ou da bestialidade.

O Cristo não é o único exemplo a mostrar. De um modo geral, pode-se, em nossa esfera, constatar que das almas sublimes se desprendem radiações, emanções regeneradoras, que constituem uma atmosfera de paz, uma espécie de proteção, de preservação, de providência particular. Todos aqueles que vivem sob essa benéfica influência moral sentem uma calma, um repouso de espírito, uma espécie de serenidade, que dá um antegoço das quietudes celestes. Essa sensação é mais evidente ainda nas sessões espíritas dirigidas e inspiradas por almas superiores; muitas vezes nós mesmos a experimentamos na presença das entidades que presidiam aos trabalhos de nosso grupo de Tours¹⁷.

Essas impressões se mostram cada vez mais vivas quanto mais se afastam dos planos inferiores, onde reinam os impulsos egoístas e fatais, e se sobem os degraus da gloriosa hierarquia espiritual, aproximando-se do Foco Divino. Pode-se constatar assim, por uma experiência que vem completar nossas intuições, que cada alma é um sistema de forças e um gerador de amor, cujo poder de ação aumenta com a elevação.

Desse modo, ainda se explicam e se afirmam a solidariedade e a fraternidade universais. Um dia, quando a verdadeira noção do ser se desprender das dúvidas e das incertezas que obsidiam o pensamento humano, compreender-se-á essa grande fraternidade ligando as almas. Sentir-se-á que todas são envolvidas pelo magnetismo divino, pelo grande sopro de amor que enche os espaços.

Além desse poderoso laço, as almas constituem também agrupamentos separados, famílias que se formaram pouco a pouco no decorrer dos séculos, pela comunhão das alegrias e das dores experimentadas. A verdadeira família é a espiritual; a da Terra é apenas uma imagem, uma redução enfraquecida, como o são as coisas desse mundo comparadas às do céu. A verdadeira família se compõe de Espíritos que subiram juntos os rudes atalhos do destino para se compreenderem e se amarem.

17 - Ver *No invisível*, capítulo 19.



Quem conseguirá descrever os sentimentos íntimos e ternos que unem esses seres, as alegrias indescritíveis nascidas da fusão das inteligências e das consciências, a união fluídica das almas sob o olhar de Deus?

Esses agrupamentos espirituais são os centros abençoados, nos quais todas as paixões terrestres se apaziguam, os egoísmos se desvanecem, os corações se dilatam e nos quais vêm se fortalecer e se consolar todos aqueles que sofreram, quando, libertos pela morte, tornaram a juntar-se com os bem-amados, reunidos para festejar seu retorno.

Quem poderá descrever os êxtases que proporciona a efusão do amor divino às almas purificadas, que chegaram aos cumes da luz? E os noivados celestes pelos quais dois Espíritos se ligam para sempre no seio das famílias do além, reunidas para consagrar, por um rito solene, essa união simbólica e indestrutível? Tal é o himeneu* verdadeiro, o das almas irmãs que Deus reúne por um fio de ouro para a eternidade. Com essas festas de amor, os Espíritos que aprenderam a se tornar livres e a usar de sua liberdade fundem-se num mesmo fluido, sob o olhar comovido de seus irmãos. Daí em diante seguirão em suas peregrinações pelos mundos; caminharão, de mãos dadas, sorrindo à desgraça e tirando de sua ternura comum a força para suportar todas as infelicidades, todas as amarguras. Algumas vezes, separados pelos renascimentos, conservarão a intuição secreta de que seu isolamento é apenas passageiro: depois das provas da separação, entrevêem a alegria do regresso ao seio das imensidades.

Entre os que caminham neste mundo, solitários, curvados sob o fardo da vida, há os que conservam no fundo do coração a vaga lembrança de sua família espiritual. Esses sofrem cruelmente a nostalgia da vida espiritual e do celeste amor, e nada, entre as alegrias da Terra, pode distraí-los e consolá-los. Seu pensamento vai muitas vezes, durante a vigília, e mais ainda durante o sono, reunir-se aos seres queridos que os esperam na paz serena do além. O sentimento profundo das compensações que os aguardam explica sua força moral na luta e sua aspiração por um mundo melhor. E a esperança semeia de flores vigorosas os atalhos desertos que eles percorrem.

* Himeneu: festa de noivado. Casamento (N.E.).



*

Todo poder da alma se resume em três palavras: querer, saber, amar!

Querer, ou seja, dirigir toda a sua atividade, toda a sua energia para o objetivo a atingir; desenvolver sua vontade e aprender a direcioná-la.

Saber, porque, sem o estudo aprofundado, sem o conhecimento das coisas e das leis, o pensamento e a vontade podem se extraviar no meio das forças que procuram conquistar e dos elementos a que aspiram comandar.

Mas, acima de tudo, é preciso amar, porque sem o amor, a vontade e o saber são incompletos e, muitas vezes, estéreis. O amor os ilumina, os fecunda, multiplica por cem seus recursos. Não se trata aqui do amor que contempla sem agir, mas daquele que se aplica a espalhar o bem e a verdade no mundo. A vida terrestre é um conflito entre as forças do bem e do mal. O dever de toda alma forte é tomar parte no combate, trazer-lhe todos os seus impulsos, todos os seus meios de ação, de lutar pelos outros, por todos aqueles que ainda se agitam no caminho obscuro. O mais nobre uso que se pode fazer de suas faculdades é trabalhar para se engrandecer, desenvolver no sentido do bem e do belo esta civilização, esta sociedade humana, que tem suas chagas e feiúras, sem dúvida, mas que é rica de esperança e de magníficas promessas. Essas promessas se transformarão em realidade viva no dia em que a humanidade tiver aprendido a se comunicar, pelo pensamento e pelo coração, com o foco de amor que é o esplendor de Deus.

Amemos, pois, com todo o poder de nosso coração; amemos até o sacrifício, como Joana d'Arc amou a França, como Cristo amou a humanidade, e todos aqueles que nos rodeiam, envolvidos pela nossa influência, sentir-se-ão nascer para uma nova vida.

Homem, procure ao seu redor as chagas sobre as quais pensar, os males a curar, as aflições a consolar. Alargue as inteligências; guie os corações transviados; associe as forças e as almas. Trabalhe para construir a alta cidade de paz e de harmonia que será a cidade de amor, a cidade de Deus! Ilumine, levante, purifique! Que importa se rirem de você; que importa se a ingratidão e a maldade se levantarem no seu caminho? Aquele



que ama não recua por tão pouco; mesmo que colha apenas espinhos e pedras, continue sua obra, porque seu dever está aí. Ele sabe que a abnegação nos engrandece.

E depois, o sacrifício também tem suas alegrias; feito com amor, transforma as lágrimas em sorriso, faz nascer em nós alegrias desconhecidas do egoísta e do mau. Para aquele que sabe amar, as coisas mais banais são de interesse: tudo parece se iluminar; mil sensações novas despertam nele.

São necessárias à sabedoria e à ciência longos esforços, uma lenta e difícil ascensão para nos conduzir às altitudes do pensamento. O amor e o sacrifício nos fazem chegar lá de um pulo só, com um único bater de asas. Em seu ímpeto, conquistam a paciência, a coragem, a benevolência, todas as virtudes fortes e doces. O amor purifica a inteligência, engrandece o coração, e é pela soma de amor acumulado em nós que podemos avaliar o caminho que temos percorrido para Deus.

*

A todas as interrogações do homem, a suas hesitações, a seus temores, a suas blasfêmias, uma grande voz, poderosa e misteriosa, responde: Aprende a amar! O amor é a síntese de tudo, o objetivo de tudo, o final de tudo. Dessa maneira, estende-se e desdobra-se sem cessar, no universo, a imensa rede de amor, tecida de ouro e de luz. Amar é o segredo da felicidade. Com uma só palavra, o amor resolve todos os problemas, dissipa todas as obscuridades. O amor salvará o mundo; seu calor fará derreter os gelos da dúvida, do egoísmo, do ódio; enternecerá os corações mais duros, os mais refratários.

Em todas as suas magníficas variantes, o amor é sempre um esforço para a beleza. Nem mesmo o amor sexual, do homem e da mulher, deixa, por mais material que pareça, de poder aureolar-se de ideal e de poesia, de perder todo caráter vulgar, se nele houver um sentimento de estética e um pensamento superior. E isso depende principalmente da mulher. Aquela que ama sente e vê coisas que o homem não pode conhecer. Possui em seu coração inesgotáveis reservas de amor, uma espécie de intuição que pode dar uma idéia do amor eterno.

A mulher é sempre, de algum modo, irmã do mistério, e a parte de seu ser que toca o infinito parece ter mais extensão do que nos homens. Quando o homem responde como a mulher



aos apelos do invisível, quando seu amor é isento de todo desejo brutal, se o sentem mais pelo Espírito que pelo corpo, então, no abraço desses dois seres que se penetram, se completam para transmitir a vida, passará como um relâmpago, como uma chama, o reflexo das mais altas felicidades que se podem sentir. Todavia, as alegrias do amor terrestre são fugitivas e misturadas de amarguras. Não existem sem decepções, sem recuos e sem quedas. Apenas Deus é o amor em sua plenitude. É o braseiro ardente e, ao mesmo tempo, o abismo do pensamento e da luz, de onde saem e para quem remontam, eternamente, a quente emanção de todos os astros, a ternura apaixonada de todos os corações das mulheres, mães, esposas, e as afeições vigorosas de todos os corações dos homens. Deus gera e chama o amor, pois é a beleza infinita, perfeita, e é próprio da beleza provocar o amor.

Quem é que, num dia de verão, quando o sol brilha, quando a imensa cúpula azulada se desenrola sobre nossas cabeças e, dos prados e bosques, dos montes e do mar sobem a adoração, a prece muda dos seres e das coisas, não sentiu essas radiações de amor enchendo o infinito?

É preciso nunca ter aberto sua alma a essas influências para ignorá-las ou negá-las. Muitas almas terrestres, é verdade, permanecem hermeticamente* fechadas às coisas divinas. Ou então, se sentem sua harmonia e beleza, escondem cuidadosamente o segredo em si mesmas. Elas parecem ter vergonha de confessar o que conhecem ou o que experimentam de maior e de melhor.

Mas tentai a experiência! Abri o vosso ser interior, abri as janelas da prisão da alma às vibrações da vida universal e, de repente, essa prisão se encherá de claridade, de melodia; todo um mundo de luz penetrará em vós. Vossa alma arrebatada conhecerá êxtases, felicidades que não podem ser descritas; compreenderá que há ao seu redor um oceano de amor, de força e de vida divina, no qual pode penetrar, e que lhe basta querer para ser banhada por suas águas regeneradoras. Sentirá no

* Hermeticamente: relativo a hermético, que é inteiramente fechado, de maneira que não deixe penetrar o ar (N.E.).

universo um poder soberano e maravilhoso que nos ama, nos envolve, nos sustenta, que vela sobre nós como um avarento sobre a jóia preciosa, e invocando-o, ao lhe dirigir um ardente apelo, será logo envolvida por sua presença e seu amor. Essas coisas se sentem, mas se exprimem dificilmente; só as podem compreender os que as saboreiam. Entretanto, todos podem chegar a conhecê-las, a possuí-las, ao despertar o que há de divino em si; não há homem tão tenebroso, tão mau que, na hora de abandono e de sofrimento, não veja abrir-se uma fresta, por onde um pouco da claridade das coisas superiores, um pouco de amor se filtrem até ele.

Basta ter experimentado uma única vez essas impressões para não mais as esquecer. E quando chega o declínio da vida com seus desencantos, quando as sombras crepusculares se acumulam sobre nós, então essas sensações poderosas se revelam com a memória de todas as alegrias sentidas. E essa lembrança das horas em que amamos verdadeiramente cai como delicioso orvalho sobre nossas almas dissecadas pelo vento áspero das provas e da dor.





7

A DOR

Tudo o que vive neste mundo sofre: a natureza, os animais e o homem. E, entretanto, o amor é a lei do universo, e é pelo amor que Deus formou os seres. Contradição aparentemente formidável, problema angustiante, que perturbou tantos pensadores e os levou à dúvida e ao pessimismo!

O animal está sujeito à implacável luta pela vida. Entre as ervas do prado, sob a folhagem e a ramagem dos bosques, nos ares, no seio das águas, por toda a parte, se desenrolam dramas ignorados. Depois, no seio da civilização, prossegue sem cessar a matança dos pobres animais inofensivos, sacrificados às nossas necessidades ou submetidos nos laboratórios ao suplício da vivissecação*.

Quanto à humanidade, sua história é uma longa lista de mártires. No decorrer dos tempos, pairando sobre os séculos, rola a triste cantiga dos sofrimentos humanos; a queixa dos infelizes vem à tona com tanta intensidade quanto a força das marés.

A dor segue todos os nossos passos; ela nos espreita em todas as voltas do caminho. E diante dessa esfinge que o fita com seu olhar estranho, o homem se faz a eterna pergunta: Por que a dor?

É, no que lhe diz respeito, uma punição, uma expiação, como dizem alguns? É a reparação do passado, o resgate das faltas cometidas?

* Vivissecação: operação praticada em animais vivos para estudo dos órgãos e das funções orgânicas (N.E.).



No fundo, a dor é apenas uma lei de equilíbrio e de educação. Sem dúvida, as faltas do passado recaem sobre nós com todo o seu peso e determinam as condições de nosso destino. O sofrimento nada mais é do que a repercussão das violações cometidas à ordem eterna; mas, sendo partilhado por todos, deve ser considerado como uma necessidade de ordem geral, como um agente de desenvolvimento, uma condição do progresso. Todos os seres devem passar por ele. Sua ação é benfazeja para quem sabe compreendê-lo. Mas somente podem compreender o sofrimento os que sentem seus efeitos poderosos. É, sobretudo, a esses que dirijo estas páginas, a todos os que sofrem, sofreram ou são dignos de sofrer!

*

A dor e o prazer são as duas formas extremas da sensação. Para suprimir uma ou outra, seria preciso suprimir a sensibilidade. São, portanto, inseparáveis, em princípio, e ambas necessárias à educação do ser, que, em sua evolução, deve experimentar todas as formas ilimitadas do prazer e da dor.

A dor física produz sensações; o sofrimento moral, sentimentos. Mas, assim como dissemos anteriormente, no “sensorium” íntimo, sensação e sentimento se confundem e são um só.

O prazer e a dor residem bem menos nas coisas exteriores do que em nós mesmos. E é por isso que cabe a cada um de nós, ao regular suas sensações, ao disciplinar seus sentimentos, dominá-los e limitar seus efeitos. Epicteto dizia: “*As coisas são apenas o que imaginamos que são*”. Assim, pela vontade, podemos domar, vencer a dor, ou pelo menos tirar dela proveito, fazendo-a um instrumento de elevação.

A idéia que fazemos da felicidade e da desgraça, da alegria e da dor, varia ao infinito, de acordo com a evolução de cada um. A alma pura, boa, sábia, não pode ser feliz à maneira da alma vulgar. O que encanta uma deixa a outra indiferente. À medida que evolui, o aspecto das coisas muda. Como a criança, ao crescer, deixa de lado os brinquedos que a cativaram, a alma que se eleva procura satisfações cada vez mais nobres, graves e profundas. O homem que julga com superioridade e considera o objetivo grandioso da vida encontrará mais felicidade, paz serena num belo pensamento, numa boa obra, num ato de virtude e





Homero: escritor clássico grego.

mesmo na infelicidade que purifica, do que em todos os bens materiais e no brilho das glórias terrestres, porque essas o perturbam, corrompem, embriagam de um modo mentiroso.

É muito difícil fazer os homens entenderem que o sofrimento é bom. Cada um desejará fazer e embelezar a vida a seu modo, adorná-la com todos os con-

sentimentos, sem pensar que não há bem sem dor, ascensão sem esforço.

A tendência geral consiste em fecharmo-nos no círculo estreito do individualismo, do cada um por si; dessa forma, o homem se diminui; reduz a estreitos limites tudo o que nele é grande, destinado a desenvolver-se, a se dilatar, a desferir vôo: o pensamento, a consciência, numa palavra, toda a sua alma. Acontece que os gozos, os prazeres, a ociosidade estéril não fazem mais do que apertar esses limites, tornar mais estreitos nossa vida e nosso coração. Para quebrar esse círculo, para que todas as virtudes escondidas se manifestem à luz, é preciso a dor. A dor, as provações fazem jorrar em nós as fontes de uma vida desconhecida e mais bela. A tristeza e o sofrimento nos fazem ver, ouvir, sentir mil coisas, delicadas ou poderosas, que o homem feliz, o homem preso à ilusão da matéria, não pode perceber. O mundo material se obscurece; um outro se desenha. Vagamente a princípio, mas que se tornará cada vez mais distinto, à medida que nosso olhar se desprender das coisas inferiores e mergulhar no ilimitado.

O gênio não é somente o resultado de trabalhos seculares; é também a apoteose, a coroação de sofrimento. De Homero a Dante, a Camões, a Tasso, a Milton*, e não só esses, mas todos os grandes homens sofreram. A dor fez vibrar suas almas; inspirou-lhes essa nobreza de sentimento, essa intensidade de emoção que souberam traduzir com os acentos do gênio que os imortalizaram. A alma canta melhor na dor, que, ao atingir as profundezas do ser, faz brotar de lá os gritos eloqüentes, esses apelos poderosos que comovem e arrastam as multidões.

* Dante Alighieri (1265-1321): poeta italiano, autor de *A divina comédia*. Luis Vaz de Camões (1524-1580): poeta português autor de *Os Lusíadas*. Torquato Tasso (1544-1595): poeta italiano autor de *Jerusalém libertada*. John Milton (1608-1674): poeta inglês autor de *O paraíso perdido* (N.E.).



Acontece o mesmo com todos os heróis, com todos os grandes caracteres, com todos os corações generosos, com os espíritos mais destacados. Sua elevação mede-se pela soma dos sofrimentos enfrentados. Diante da dor e da morte, a alma do herói, do mártir se revela em sua beleza comovente, em sua grandeza trágica que toca às vezes o sublime, e coroa-o com uma luz inesgotável.

Suprimi a dor e suprimireis, ao mesmo tempo, o que é mais digno de admiração neste mundo, ou seja, a coragem de suportá-la. O mais nobre ensinamento que se pode propor aos homens não é a memória daqueles que sofreram e foram mortos pela verdade e pela justiça? Haverá coisa mais respeitável, mais venerável que os seus monumentos fúnebres? Nada se iguala ao poder moral que daí provém. As almas que deram esses exemplos avultam a nossos olhos com os séculos e parecem, de longe, mais imponentes ainda. São outras tantas fontes de força e de beleza onde vão retemperar-se as gerações. Através do tempo e do espaço, sua irradiação, como a luz dos astros, se estende ainda sobre a Terra. Sua morte gerou a vida, e sua lembrança, como um sutil aroma, vai lançar em todos os lugares a semente dos entusiasmos futuros.

Essas almas nos ensinaram que é pela dedicação, pelos sofrimentos dignamente suportados que se sobem os caminhos do céu. E a história do mundo não é outra coisa do que a exaltação do Espírito pela dor. Sem ela não pode haver virtude completa, nem glória eterna.

É necessário sofrer para adquirir e conquistar. Os atos de sacrifício aumentam as radiações psíquicas. Há como uma esteira luminosa que segue, no espaço, o Espírito dos heróis e dos mártires.

Aqueles que não sofreram mal podem compreender essas coisas, porque neles somente a superfície do ser está lapidada, colocada em valor. Seus sentimentos não têm amplitude, seu coração não vibra amor; seu pensamento alcança apenas horizontes estreitos. São necessárias as desventuras, as angústias, para dar à alma seu aveludado, sua beleza moral, para despertar seus sentimentos adormecidos. A vida dolorosa é um alambique onde se destilam os seres para os mundos melhores e a forma como o



coração se embeleza por ter sofrido. Há, já nesta vida, alguma coisa de grave e de comovedor nos rostos em que as lágrimas correram muitas vezes. Tomam uma expressão de beleza austera, uma espécie de majestade que impressiona e seduz.

Michelangelo adotava por regra de conduta o seguinte: *“Concentra-te em ti mesmo e faz como o escultor faz à obra que quer tornar bela; suprime tudo o que é supérfluo, torna claro o obscuro, difunde a luz em todos os lugares e não pares de esculpir tua própria estátua”*.

Máxima sublime, que contém o princípio de todo o aperfeiçoamento íntimo. Nossa alma é nossa obra, de fato, obra capital e fecunda, que supera em grandeza todas as manifestações parciais da arte, da ciência, do gênio.

Todavia, as dificuldades da execução estão em relação com o esplendor do objetivo. E diante dessa penosa tarefa da reforma interior, do combate incessante travado com a paixão, com a matéria, quantas vezes o artista não se desencoraja? Quantas vezes não abandona o cinzel*? É então que Deus lhe envia uma ajuda, a dor! Ela cava ousadamente nessas profundezas da consciência a que o trabalhador hesitante e inábil não poderia ou não saberia chegar; desobstrui-lhe os recessos, modela-lhe os contornos; elimina ou destrói o que era inútil ou ruim.

E do mármore frio, sem forma, sem beleza, da estátua feia e grosseira que nossas mãos mal tinham esboçado, faz surgir, com o tempo, a estátua viva, a obra-prima incomparável, as formas harmônicas e suaves da divina psique!

*

A dor não atinge apenas os culpados. Em nosso mundo, o homem honesto sofre tanto quanto o mau. E isso se explica. Primeiramente, porque a alma virtuosa, sendo mais evoluída, é mais sensível. Além disso, muitas vezes ama e procura a dor para lhe conhecer todo o valor.

Há entre essas almas as que só vêm a este mundo para dar a todos o exemplo de grandeza no sofrimento. São missionárias e sua missão não é menos bela e tocante do que a dos grandes descobridores. Encontram-se em todos os tempos e ocupam todos os planos da vida. Estão em pé nos cimos resplandecentes

* Cinzel: instrumento de aço utilizado pelos escultores (N.E.).

da História, e, para encontrá-las, humildes e ocultas, é preciso procurá-las entre as multidões.

Admiramos o Cristo, Sócrates, Antígona*, Joana d'Arc; mas quantas vítimas obscuras do dever ou do amor caem todos os dias e sobre as quais se fazem o silêncio e o esquecimento. Entretanto, seus exemplos não são perdidos; eles iluminam toda a vida dos poucos homens que os testemunharam.

Para ser completa e fecunda, não é indispensável que uma vida seja semeada de grandes atos de sacrifício e coroada por uma morte que a exalte aos olhos de todos. Uma existência comum na aparência, modesta e apagada, é, na realidade, um esforço contínuo, uma luta de todos os instantes contra a infelicidade e o sofrimento. Não sabemos tudo o que se passa no segredo das almas; muitas por pudor ocultam chagas dolorosas, males cruéis que as tornariam tão veneráveis aos nossos olhos quanto os mártires mais célebres. Pelo combate incessante que travam contra o destino, essas almas também são grandes e heróicas! Seus triunfos permanecem ignorados, mas todos os tesouros de energia, de paixão generosa, de paciência ou de amor que acumularam nesse esforço de cada dia lhes constituirão um capital de força, de beleza moral que pode torná-las, no além, iguais às mais nobres figuras da História.

Na oficina magnífica onde se forjam as almas, o gênio e a glória não bastam para fazê-las verdadeiramente belas. Sempre, para dar-lhes o último traço sublime, foi necessária a dor. Se algumas existências obscuras se tornaram tão santas e sagradas quanto as dedicações célebres, é que nelas o sofrimento foi contínuo. Não foi somente uma vez, em determinada circunstância ou na hora da morte, que a dor as elevou acima de si mesmas e as apresentou à admiração dos séculos; é porque toda a sua vida foi de sacrifício constante.

E essa obra de purificação lenta, esse lento desfilar de horas dolorosas, essa afinação misteriosa dos seres que se preparam, assim, para as últimas ascensões, causam admiração aos próprios Espíritos. É esse espetáculo comovente que lhes inspira a

* Antígona: heroína grega considerada o modelo da piedade filial e fraternal. Foi imortalizada por Sófocles, clássico autor grego, na peça teatral que leva o seu nome. Deu em sacrifício sua vida por amor a seu pai, Édipo, e seu irmão Polínicos (N.E.).



vontade de renascer entre nós, a fim de sofrer e de morrer outra vez por tudo o que é grande, para tudo o que amam e, por esse novo sacrifício, tornarem mais vivo seu próprio brilho.

*

Após essas considerações de ordem geral, retomemos a questão em seus elementos primários.

A dor física é, na maioria das vezes, um aviso da natureza, que procura preservar-nos dos excessos. Sem ela, abusaríamos de nosso organismo a ponto de destruí-lo antes da hora. Quando uma doença grave nos atinge, o que aconteceria se não lhe sentíssemos logo os efeitos desagradáveis? Ganharia cada vez mais terreno, nos invadiria e destruiria em nós a fonte da vida.

Porém, se persistirmos em menosprezar os avisos repetidos da natureza, deixaremos a doença se desenvolver em nós, podendo resultar ainda num benefício se, causada por nossos abusos e nossos vícios, nos ensinar a detestá-los e a nos corrigir. É preciso sofrer para se autoconhecer e para conhecer bem a vida.

Epicteto, que gostamos de citar, dizia: *“É uma idéia falsa pretender que a saúde seja um bem, a doença, um mal. Usar bem a saúde é um bem; usá-la mal é um mal. Usar bem a doença é um bem; usá-la mal é um mal. Tira-se o bem de tudo, até mesmo da própria morte”*.

Às almas fracas, a doença vem ensinar a paciência, a sabedoria, o governo de si mesma. Às almas fortes, pode oferecer compensações de ideal, ao deixar ao Espírito o livre vôo de suas aspirações, a ponto de esquecer os sofrimentos físicos.

A ação da dor não é menos eficaz para as coletividades do que para os indivíduos. Não foi graças a ela que se constituíram os primeiros agrupamentos humanos? Não foi a ameaça das feras que levou o homem a procurar seus semelhantes para se associarem? E de sua vida comum, de seus sofrimentos comuns, de sua inteligência e de seu trabalho saíram toda a civilização, com suas artes, suas ciências, sua indústria!

A dor física, pode-se também dizer, resulta da desproporção entre nossa fraqueza corporal e o conjunto das forças que nos rodeiam, forças colossais e fecundas, manifestações da vida universal e das quais podemos assimilar apenas uma parte ínfima; mas ao agir sobre nós, trabalham para aumentar, para engrandecer sem parar a esfera de nossa atividade e a gama de



nossas sensações. Sua ação sobre o corpo orgânico repercute sobre a forma fluídica; contribui para enriquecê-la, dilatá-la, torná-la mais impressionável, em uma palavra, apta para novos aperfeiçoamentos.

O sofrimento, por sua ação química, sempre tem um resultado útil, mas esse resultado varia ao infinito, segundo os indivíduos e seu estado de adiantamento. Ao purificar nosso envoltório material, dará a uns mais força ao ser interior, mais facilidade para se separar das coisas terrestres. Em outros, mais evoluídos, agirá no sentido moral. A dor é como uma asa dada à alma escravizada pela carne, para ajudá-la a se desprender e a se elevar mais alto.

*

A primeira reação do homem infeliz é de se revoltar sob o golpe do destino. Porém, mais tarde, depois de o Espírito ter subido as encostas e contemplado o árduo caminho percorrido, o desfiladeiro movediço de suas existências, é com um enternecimento alegre que se lembra das provas, das tribulações que o ajudaram a alcançar o cimo.

Se nas horas das provas soubéssemos observar o trabalho interior, a ação misteriosa da dor em nós, em nosso eu, em nossa consciência, compreenderíamos melhor sua obra sublime de educação e de aperfeiçoamento. Veríamos que ela fere sempre o local sensível. A mão que dirige o cinzel é a do artista incomparável; ela não se cansa de agir até que os ângulos de nosso caráter estejam arredondados, polidos, aperfeiçoados. Para isso, voltará tantas vezes à carga quantas forem necessárias. E sob os golpes repetidos do martelo, em um será preciso que a arrogância e a personalidade excessiva caiam; será preciso que a moleza, a apatia, a indiferença desapareçam em outro; a dureza, a cólera, o furor, num terceiro. Para todos, haverá processos diferentes, variados ao infinito segundo os indivíduos, mas para todos agirá com eficácia, de modo a fazer nascer ou desenvolver a sensibilidade, a delicadeza, a bondade, a ternura, a fazer sair das dilacerações e das lágrimas alguma qualidade desconhecida que dormia silenciosa no fundo do ser, ou então uma nobreza nova, adorno da alma, para sempre adquirida.

E quanto mais a alma se eleva, se engrandece, se faz bela, mais a dor se espiritualiza e torna-se sutil. Os maus precisam de



numerosas provas, como as árvores precisam de flores para produzir alguns frutos. Mas quanto mais o ser humano se aperfeiçoa, mais os frutos da dor se tornam admiráveis nele. Os sofrimentos físicos, as dores violentas tocam as almas degeneradas, imperfeitas; às egoístas, às avarentas caberão as perdas da fortuna, as terríveis inquietações, os tormentos do Espírito. Depois, aos seres delicados, às mães, aos amantes, às esposas, as torturas ocultas, as feridas do coração. Aos nobres pensadores, aos inspirados, a dor sutil e profunda que faz brotar o grito sublime, o relâmpago do gênio!

Sim, por trás da dor há algo de invisível que conduz sua ação e a regula segundo as necessidades de cada um, com uma arte, uma sabedoria infinita, trabalhando assim para aumentar nossa beleza interior nunca acabada, sempre perseguida, de luz em luz, de virtude em virtude, até que tenhamos nos tornado Espíritos celestes.

Por mais espantoso que isso possa parecer à primeira vista, a dor é apenas um meio do poder infinito para nos chamar a si e, ao mesmo tempo, nos fazer ascender mais rapidamente à felicidade espiritual, a única duradoura. É realmente por amor a nós que Deus nos enviou o sofrimento. Ele nos fere, nos corrige como a mãe corrige seu filho para educá-lo e torná-lo melhor. Ele trabalha sem parar para abrandar, purificar, embelezar nossa alma, que só pode ser verdadeira e completamente feliz na medida de suas perfeições.

E para isso, Deus colocou nessa terra de aprendizagem, ao lado das alegrias raras e fugidias, as dores freqüentes e prolongadas, a fim de nos fazer sentir que nosso mundo é um lugar de passagem e não o ponto de chegada. Alegrias e sofrimentos, prazeres e dores. Deus repartiu essas coisas na existência como um grande artista que, em sua tela, uniu a sombra e a claridade para produzir uma obra de arte.

*

O sofrimento para os animais já é um trabalho de evolução para o princípio de vida que está neles; adquirem, por esse modo, os primeiros rudimentos da consciência. E acontece o mesmo com o ser humano em suas reencarnações sucessivas. Se desde



as primeiras etapas terrestres, a alma vivesse isenta da dor do mal, ficaria inerte, passiva, ignorante das coisas profundas e das forças morais que estão nela.

Nosso objetivo está à nossa frente; nosso destino é de marchar para esse objetivo, sem nos demorarmos no caminho. Acontece que as felicidades deste mundo nos imobilizam, há atrasos, esquecimentos. Mas quando a demora é excessiva, vem a dor e impele-nos para a frente.

Quando para nós se abre uma fonte de prazeres, por exemplo na juventude, o amor, o casamento, e nos inebriamos no encantamento das horas abençoadas, é muito comum que logo depois uma circunstância imprevista sobrevenha, e com ela o sofrimento.

À medida que avançamos na vida, as alegrias diminuem e as dores aumentam. O corpo e o fardo da vida tornam-se mais pesados. Quase sempre a existência começa na felicidade e termina na tristeza. O declínio traz para a maioria dos homens o período tristonho da velhice, com seu cansaço, enfermidades, abandono. As luzes se apagam, as simpatias, as consolações se retiram; os sonhos, as esperanças se desvanecem. Os abismos se aprofundam cada vez mais ao redor de nós. Então se abrem longas horas de imobilidade, de inércia, de sofrimento. Elas nos obrigam a entrar em nós mesmos, a passar muitas vezes em revista os atos e as lembranças de nossa vida. Está aí uma prova necessária para que a alma, antes de deixar o corpo, adquira a maturidade, o julgamento, a clarividência das coisas que serão a coroação de sua carreira terrestre. Assim, quando amaldiçoamos as horas aparentemente estéreis e desoladas da velhice enferma, solitária, desconhecemos um dos maiores benefícios que a natureza nos oferece. Esquecemos que a velhice dolorosa é a época em que se completa a purificação.

Nesse momento da existência, os raios e as forças que durante os anos de juventude e de virilidade dispersamos para todos os lados, em nossa atividade e nossa exuberância, concentram-se, dirigem-se para as profundezas do ser, ativam a consciência e proporcionam ao homem mais sabedoria e maturidade. Pouco a pouco, a harmonia se faz entre os nossos pensamentos e as radiações exteriores; a melodia íntima desperta com a melodia divina.



Há, então, na velhice resignada, mais beleza e grandeza serena do que no brilho da juventude e no vigor da maturidade. Sob a ação do tempo, o que há de profundo, de imutável em nós, se manifesta, e a fronte dos velhos se auréola de claridades do além.

A todos aqueles que perguntam: “Por que a dor?” Respondo: “Por que polir a pedra, esculpir o mármore, fundir o vidro, martelar o ferro? É a fim de construir e de ornar o templo magnífico, cheio de raios, de vibrações, de hinos, de perfumes, onde todas as artes se combinam para exprimir o divino, preparar a apoteose do pensamento consciente, celebrar a libertação do Espírito!”

E vede o resultado obtido! Com o que eram em nós elementos esparsos, materiais disformes e, às vezes, até no vicioso e decaído, nas ruínas e destroços, a dor levantou, construiu no coração do homem um altar esplêndido à beleza moral, à verdade eterna.

A estátua, em suas formas ideais e perfeitas, está escondida no bloco grosseiro. Quando o homem não tem a energia, o saber, a vontade de prosseguir na obra, então, dissemos, vem a dor. Ela pega o martelo, o cinzel e, pouco a pouco, com golpes violentos, ou então sob o lento e persistente trabalho do buril*, faz a estátua viva se desenhar em seus contornos flexíveis e maravilhosos; sob o quartzo despedaçado, a esmeralda cintila!

Sim, para que a forma se desenvolva em suas linhas puras e delicadas, o Espírito triunfe da substância, o pensamento se manifeste em ímpetos sublimes e o poeta encontre seus acentos imortais, o músico seus suaves acordes, é preciso no coração as dores da vida, do luto e das lágrimas, a ingratidão, as traições da amizade e do amor, as angústias e as discórdias; são necessárias urnas funerárias com os seres adorados descendo à sepultura, a juventude que foge, a velhice que chega, as decepções, as tristezas amargas que se sucedem. É preciso ao homem sofrimentos, como o fruto da vinha precisa da moenda para que dele se extraia o licor precioso!

*

Consideremos ainda o problema da dor do ponto de vista das medidas penais.

* Buril: instrumento de gravador, usado na execução de gravuras em metal e em madeira (N. E.).



Censuram Allan Kardec por ter insistido muito em suas obras sobre a idéia de castigo e de expiação. Isso levantou numerosas críticas. Diz-se que ela dá uma noção falsa da ação divina; implica um exagero de punições incompatíveis com a suprema bondade.

Esse julgamento resulta de um exame muito superficial das obras do grande codificador. A idéia, a expressão de castigo, excessiva talvez em certas passagens isoladas, mal interpretadas em muitos casos, atenua-se e apaga-se, quando se estuda a obra inteira.

É sobretudo na consciência, sabemos, que está a compreensão do bem e do mal. Ela registra minuciosamente todos os nossos atos e, cedo ou tarde, ergue-se em juiz severo para o culpado, que, por conseqüência de sua evolução, acaba sempre por entender-lhe a voz e sofrer suas sentenças. Para o Espírito, as lembranças do passado se unem ao presente na vida espiritual e formam um todo inseparável. Vive fora da duração, além dos limites do tempo e sofre tão vivamente as faltas há muito cometidas quanto as mais recentes. Por isso pede muitas vezes uma reencarnação rápida e dolorosa, em que resgatará o passado, conquanto dê tréguas às suas lembranças inoportunas.

Com a diferença de plano, o sofrimento mudará de aspecto. Na Terra se tornará ao mesmo tempo físico e moral e constituirá um modo de reparação. Mergulhará o culpado em sua chama para purificá-lo; tornará a forjar na bigorna das provas a alma deformada pelo mal. Assim, cada um de nós pôde ou poderá apagar do seu passado as tristes páginas do início de sua história, as faltas graves cometidas quando era apenas um Espírito ignorante ou exaltado. Pelo sofrimento aprendemos a humildade, e ao mesmo tempo a indulgência e a compaixão para com todos aqueles que sucumbem ao redor de nós sob o impulso dos instintos inferiores, como tantas vezes nos sucedeu em vidas passadas.

Não é, portanto, por vingança que a lei nos pune, mas porque é bom e proveitoso sofrer, uma vez que o sofrimento nos liberta ao dar satisfação à consciência, cujo veredicto executa.

Tudo se resgata e se repara pela dor. Já vimos que há uma profunda sabedoria nos processos que executa para modelar a alma humana e, quando essa se extravia, reconduzi-la à ordem sublime das coisas.



Muitas vezes se tem falado de uma lei de talião*. Na realidade, a reparação nem sempre se apresenta sob a mesma forma que a falta cometida. As condições sociais e a evolução histórica se opõem a isso, da mesma forma que os suplícios da Idade Média e muitos outros flagelos têm desaparecido. Entretanto, a soma dos sofrimentos humanos, sob suas formas variadas, inumeráveis, se apresenta sempre proporcional à causa que os produziu e, apesar de progressos se realizarem, a civilização se estender, a higiene e o bem-estar se desenvolverem, doenças novas aparecem e o homem é impotente para curá-las. É preciso reconhecer nisso a manifestação dessa lei superior de equilíbrio de que falamos. A dor será necessária enquanto o homem não tiver colocado seus pensamentos e seus atos em harmonia com as leis eternas e só deixará de se fazer sentir quando tiver sido estabelecido esse equilíbrio. Todos os nossos males provêm de agirmos em sentido oposto à corrente divina; se tornarmos a entrar nessa corrente, a dor desaparece com as causas que a fizeram nascer.

Por muito tempo ainda a humanidade terrestre, ignorante das leis superiores, inconsciente do futuro e do dever, terá necessidade da dor para ser estimulada em seu caminho e transformar o que nela predomina, os instintos primitivos e grosseiros, em sentimentos puros e generosos. Por muito tempo o homem terá que passar pela iniciação amarga para chegar ao conhecimento de si mesmo e de seu objetivo. Presentemente ele só cogita aplicar seu conhecimento e sua energia para combater o sofrimento no plano físico, aumentar o bem-estar e a riqueza e tornar mais agradáveis as condições da vida material. Mas isso será em vão. O sofrimento poderá variar, mudar de aspecto, mas a dor persistirá enquanto o egoísmo e o interesse regerem a sociedade terrestre, enquanto o pensamento se desviar das coisas profundas, enquanto a flor da alma não tiver desabrochado.

Todas as doutrinas econômicas e sociais serão impotentes para reformar o mundo, para aliviar os males da humanidade, porque assentam em base muito estreita e colocam na vida presente a única razão de ser, o objetivo dessa vida e de todos

* Lei de talião: mais conhecida como pena de talião. Pena imposta na Antiguidade, pela qual se vingava o delito infligindo ao delincente o mesmo dano ou mal que ele praticara (N.E.).



os nossos esforços. Para extinguir o mal social é preciso elevar a alma humana à consciência de seu papel, fazê-la compreender que seu destino depende somente dela e que sua felicidade será sempre proporcional à extensão de seus triunfos sobre si mesma e de sua dedicação às outras.

Então a questão social será resolvida pela substituição do personalismo exclusivo e estreito, pelo desprendimento. Os homens se sentirão irmãos, irmãos e iguais diante da lei divina que distribui a cada um o bem e o mal necessários para a sua evolução, os meios de vencer a si mesmo e de apressar a sua ascensão. Somente a partir daí a dor verá diminuir o seu império. Fruto da ignorância e da inferioridade, do ódio e da inveja, do egoísmo, de todas as paixões inferiores que se agitam ainda no fundo do ser humano, a dor desaparecerá com as causas que a produzem, graças a uma educação mais alta, à realização em nós da bondade moral, da justiça e do amor.

O mal moral subsiste na alma apenas pelas suas dissonâncias com a harmonia divina. Mas, à medida que ela evolui para uma claridade mais viva, uma verdade mais ampla, uma sabedoria mais perfeita, as causas do sofrimento se atenuam, ao mesmo tempo que se desfazem suas vãs ambições, seus desejos materiais. E de etapa em etapa, de vida em vida, a alma penetra na grande luz e na grande paz, onde o mal é desconhecido, onde reina apenas o bem!

*

Muitas vezes ouvimos certas pessoas, cuja existência foi difícil e semeada de provas, dizer: “Eu não queria nascer em uma nova vida; não quero voltar para a Terra”. Quando se sofreu muito, quando se foi violentamente sacudido pelas tempestades deste mundo, é muito legítima a aspiração ao repouso. É compreensível que uma alma fraca recue perante o pensamento de recomeçar a batalha da vida, em que recebeu feridas que ainda sangram. Mas a lei é implacável. Para subir mais alto na hierarquia dos mundos, é preciso ter deixado na Terra toda a bagagem embaraçosa dos gostos, dos apetites que nos prendem à Terra. Muitas vezes levamos esses laços conosco para o além e são eles que nos retêm nas regiões inferiores. Por vezes, nos julgamos capazes e dignos de ganhar as altitudes e, sem o sabermos,



mil cadeias nos acorrentam ainda a este planeta inferior. Não compreendemos nem o amor em sua sublime essência, nem o sacrifício tal como é praticado nessas humanidades purificadas, onde ninguém vive para si ou para alguns, mas para todos. Acontece que somente os que estão preparados para uma vida assim podem alcançá-la. Para nos tornarmos dignos dela, será preciso que desçamos de novo ao cadinho, à fornalha onde se fundirão como cera as durezas de nosso coração. E quando as impurezas de nossa alma tiverem sido rejeitadas, eliminadas, quando nossa essência tiver se tornado isenta de mesclas, então Deus nos chamará a uma vida mais alta, a uma tarefa mais bela.

Acima de tudo, é preciso medir em seu justo valor as inquietações, as tristezas deste mundo. Para nós, são coisas bem cruéis; mas tudo isso se amesquinha e apaga se as observamos a distância, se o Espírito, elevando-se acima dos detalhes da existência, alcançar com um só olhar as perspectivas de seu destino. Só assim saberá pesar e medir essas coisas, que o seu pensamento avaliará sem se perturbar perante os dois oceanos do espaço e do tempo: a imensidão e a eternidade!

Vós todos que vos queixais amargamente das decepções, das pequenas misérias, das tribulações de que toda existência é semeada e que vos sentis invadidos pelo cansaço e pelo desânimo; se quereis novamente encontrar a resolução, a coragem perdida, se quereis aprender a desafiar alegremente a adversidade, a suportar resignados o destino que vos toca, lançai um olhar atento ao redor de vós.

Considerai a dor completamente ignorada dos humildes, dos deserdados, o sofrimento de milhares de seres, homens como vós; considerai essas aflições sem conta: cegos privados da luz que guia e conforta; paráliticos impotentes, corpos que a existência torceu, aleijou, quebrou, que padecem de males hereditários! E os que carecem do necessário, sobre quem sopra, glacial, o inverno! Pensai em todas essas vidas tristes, obscuras, miseráveis; comparai vossos males muitas vezes imaginários com as torturas de vossos irmãos de dor e vos julgareis menos infelizes; ganhareis paciência e coragem, e de vosso coração descerá sobre a multidão dos humanos, sobre todos esses peregrinos da vida que se arrastam em sofrimento no caminho árido, o sentimento de uma piedade sem limites e de um imenso amor!





8 REVELAÇÃO PELA DOR

É principalmente diante do sofrimento que se mostra a necessidade, a eficácia de uma crença robusta, poderosamente baseada, ao mesmo tempo, na razão, no sentimento e nos fatos, e que explica o enigma da vida, o problema da dor.

Que consolações podem o materialismo e o ateísmo oferecer ao homem diante de um mal incurável? Que dirão para acalmar o desespero, preparar a alma daquele que vai morrer? De que linguagem usarão com o pai, a mãe ajoelhados diante do berço de um filho morto, e com todos aqueles que vêm descer à sepultura os seres queridos? Aqui se evidencia toda a pobreza, toda a insuficiência das doutrinas do nada.

A dor não é somente o critério, acima de tudo, da vida, o juiz que pesa os caracteres, as consciências, e mede a verdadeira grandeza do homem. É também um processo infalível para se reconhecer o valor das teorias filosóficas e das doutrinas religiosas. A melhor será evidentemente a que nos reconforta, a que diz o porquê as lágrimas são a herança da humanidade e fornece os meios de estancá-las. Pela dor descobre-se mais seguramente o lugar de onde emana o mais belo, o mais doce raio da verdade, aquele que não se apaga.

Se o universo é apenas um campo fechado, à mercê de forças caprichosas e cegas da natureza, uma odiosa fatalidade que nos esmaga; se não há nele nem consciência, nem justiça, nem bondade, então a dor não tem sentido, não tem utilidade; não comporta consolações. Só resta impor silêncio ao nosso coração



despedaçado, porque seria pueril e vão importunar os homens e o céu com os nossos lamentos!

Para todos aqueles cuja vida é limitada pelos horizontes estreitos do materialismo, o problema da dor é insolúvel; não há esperança para aquele que sofre.

Não é verdadeiramente de estranhar a impotência de tantos sábios, filósofos, pensadores, há milhares de anos, para explicar e compreender a dor, e para nos fazer aceitá-la quando é inevitável? Uns a negaram, o que é uma ingenuidade. Outros aconselharam o esquecimento, a distração, o que é vão, o que é covarde quando se trata da perda dos que amamos. Em geral, têm-nos ensinado a temê-la, a receá-la, a detestá-la. Bem poucos a têm compreendido; bem poucos a explicaram!

Assim, ao redor de nós, nas relações de cada dia, como se tornaram pobres, banais, infantis as palavras de simpatia, as tentativas de consolação que se oferecem àqueles que a desgraça tocou. Que frias palavras nos lábios, que ausência de calor e de luz nos pensamentos e nos corações! Que fraqueza, que vazio nos procedimentos empregados para reconfortar as almas enlutadas, procedimentos que antes lhes agravam e duplicam os males, a tristeza. Tudo isso resulta unicamente da obscuridade que reina sobre o problema da dor, das falsas noções disseminadas nos espíritos pelas doutrinas negativas e certas filosofias espiritualistas. De fato, é próprio das teorias errôneas desencorajar, amedrontar, escurecer a alma nas horas difíceis, em vez de lhe proporcionar os meios de fazer frente ao destino com uma firme resolução.

“E as religiões?” Poderão perguntar-me. Sim, sem dúvida, as religiões têm contribuído com ajuda espiritual para as almas aflitas; entretanto, a consolação que oferecem firma-se numa concepção muito estreita do objetivo da vida e das leis do destino; como já demonstramos suficientemente, para não ter de voltar a recordá-la.

As religiões cristãs, especialmente, compreenderam o papel grandioso do sofrimento, mas exageraram-no, desnaturando-lhe o sentido. O paganismo exprimia a alegria; seus deuses se coroa-
vam de flores e presidiam as festas. Entretanto, os estóicos*, e

* Estóico: que pertence ou pratica a filosofia dos estóicos, fundada por Zenon (Grécia) no século 4 a.C., cujos princípios são: austeridade do caráter, da moral e a compreensão da dor (N.E.).



com eles algumas escolas secretas, já consideravam a dor como um elemento indispensável à ordem do mundo. O Cristianismo glorificou-a, deificou-a na pessoa de Jesus. Diante da cruz do calvário, a humanidade achou menos pesada a sua. A lembrança do grande supliciado ajudou os homens a sofrer e a morrer. Todavia, ao levar as coisas ao extremo, o Cristianismo deu à vida, à morte, à religião, a Deus, aspectos fúnebres, por vezes terrificantes. É necessário reagir e tornar a pôr as coisas em seus termos, porque em razão dos excessos das religiões, elas vêem todos os dias diminuir sua autoridade. O materialismo ganha pouco a pouco o terreno que elas perderam; a consciência popular se obscurece; a noção do dever desaba por falta de uma doutrina adaptada às necessidades do tempo e da evolução humana.

É por isso que diremos aos sacerdotes de todas as religiões: “Alargai o círculo de vossos ensinamentos; dai ao homem uma noção mais extensa de seu destino, uma visão mais clara do além, uma idéia mais alta do objetivo que o espera. Fazei-lhe compreender que sua obra consiste em construir a si mesmo com a ajuda da dor, sua consciência, sua personalidade moral, e isso no decorrer do infinito do tempo e do espaço. Se, no presente momento, vossa influência se enfraquece, se vosso poder está abalado, não é por causa da moral que ensinais, é em consequência da impotência de vossa concepção de vida, que não mostra nada da justiça nas leis e nas coisas e, por conseguinte, não mostra Deus. Vossas teologias encerraram o pensamento num círculo que o abafa; elas lhe fixaram uma base muito restrita e sobre essa base todo o edifício vacila e ameaça desabar. Parai de discutir sobre os textos e de oprimir as consciências; saí das criptas onde sepultastes o pensamento; caminhai e agi!”

Uma nova doutrina se levanta, engrandece, se estende, e ajudará o pensamento a realizar sua obra de transformação. A Doutrina Espírita contém todas as fontes necessárias para consolar as aflições, enriquecer a filosofia, regenerar as religiões, atrair conjuntamente a afeição do mais humilde discípulo e o respeito do gênio mais altivo.

Pode satisfazer os mais nobres impulsos da inteligência e as aspirações do coração e, ao mesmo tempo, explica a fraqueza humana, o lado obscuro, atormentado da alma inferior entregue



às paixões e proporciona-lhe os meios de se elevar ao conhecimento e à plenitude.

Enfim, constitui o remédio moral mais poderoso contra a dor. Na explicação que dá, na consolação que vem oferecer ao infortúnio, se encontra a prova mais evidente, a mais tocante de seu caráter verídico e de sua solidez inabalável.

Melhor do que qualquer outra doutrina filosófica ou religiosa, revela-nos o grande papel do sofrimento e nos ensina a aceitá-lo. Ao fazer dele um procedimento educativo ou reparador, nos mostra a justiça e o amor divino intervindo até em nossas provas e em nossos males. Em vez dos desesperados que as doutrinas negativistas fazem de nós, em vez desses abatidos, condenados ou malditos, o Espiritismo mostra nos infelizes, aprendizes principiantes, que a dor ilumina e inicia, candidatos à perfeição e à felicidade.

Ao dar à vida um objetivo infinito, o Espiritismo oferece-nos uma razão de viver e de sofrer que merece verdadeiramente que se viva e que se sofra, em uma palavra, um objetivo digno da alma e digno de Deus. Na desordem aparente e na confusão das coisas, mostra-nos a ordem que, lentamente, se delineia e se realiza, o futuro que se elabora no presente e, acima de tudo, a manifestação de uma imensa e divina harmonia.

E vede as conseqüências desse ensinamento. A dor perde seu caráter assustador; não é mais um inimigo, um monstro temido; é uma ajuda, um auxiliar, e seu papel é providencial. Purifica, engrandece, refunde o ser em sua chama, reveste-o de uma beleza que não se lhe conhecia. O homem, a princípio admirado, inquieto em seu aspecto, aprende a conhecê-la, a apreciá-la, a se familiarizar com ela; acaba quase por amá-la. Certas almas heróicas, em vez de se afastarem da dor, de a evitarem, vão-lhe ao encontro para nela livremente se embeberem e regenerarem.

O destino, sendo ilimitado, prepara-nos possibilidades sempre novas de melhoramento. O sofrimento é apenas um corretivo aos nossos abusos, aos nossos erros, um estimulante em nossa marcha. Assim as leis soberanas se mostram perfeitamente justas e boas. Não aplicam a ninguém castigos inúteis ou desmerecidos. O estudo do universo moral nos enche de admiração por um poder que, mediante o emprego da dor, transforma pouco a pouco as forças do mal em forças do bem, faz sair do vício a virtude, do egoísmo o amor!



Daí em diante, certo do resultado de seus esforços, o homem aceita com coragem as provas inevitáveis. A velhice pode vir, a vida declinar e rolar pelo declive rápido dos anos, sua fé o ajuda a atravessar os períodos acidentados e as horas tristes da existência. À medida que essa decai e se envolve de bruma, a grande luz do além se faz mais viva e o sentimento da justiça, da bondade, do amor que preside o destino de todos os seres torna-se para ele uma força nas horas de desalento; torna-lhe mais fácil a preparação para a partida.

*

Para o materialista e até mesmo para muitos crentes, o falecimento dos seres amados cava entre eles e nós um abismo que nada pode preencher, abismo de sombra, trevas, onde não brilha nenhuma luz, nenhuma esperança. O protestante, incerto do destino deles, nem mesmo por seus mortos ora. O católico, não menos angustiado, receia para os seus o juízo que separa os eleitos dos condenados.

Mas eis a doutrina nova com suas certezas inabaláveis. Para aqueles que a têm adotado, a morte, como a dor, não traz pavores. Cada sepultura que se abre é uma porta de libertação, uma saída aberta para os livres espaços; cada amigo que desaparece vai preparar a morada futura, demarcar o caminho a seguir, no qual todos nos havemos de reunir. A separação é apenas aparente. Sabemos que essas almas não nos deixarão sem retorno; uma comunhão íntima ainda pode se estabelecer entre elas e nós. Se suas manifestações, na ordem sensível, encontram obstáculos, podemos pelo menos corresponder-nos com elas pelo pensamento.

Conheceis a lei telepática. Não há grito, lágrima, apelo de amor que não tenha sua repercussão e sua resposta. Solidariedade admirável das almas para quem oramos e que oram por nós, permuta de pensamentos vibrantes e de apelos regeneradores que atravessam o espaço, penetram os corações angustiados de radiações, de força e de esperança e nunca deixam de alcançar o objetivo!

Julgáveis sofrer sozinho, mas não: junto de vós e até na extensão sem limites há seres que vibram ao vosso sofrimento e participam de vossa dor. Não a torneis muito viva, por amor a eles.



À dor, à tristeza humanas, Deus deu por companheira a simpatia celeste. E essa simpatia muitas vezes toma a forma de um ser amado que, nos dias de provação, desce, cheio de solicitude, e recolhe cada uma de nossas dores para com elas nos tecer uma coroa de luz no espaço.

Quantos esposos, noivos, amantes separados pela morte vivem em uma união nova, mais estreita e mais íntima. Nas horas de aflição, o Espírito de um pai, de uma mãe, todos os amigos do céu se inclinam para nós e banham nossas frentes com seus fluidos doces e afetuosos; envolvem nosso coração com quentes palpitações de amor. Como nos entregarmos à dor ou ao desespero na presença de tais testemunhas, certos de que elas vêm as nossas inquietações, lêem nossos pensamentos, nos esperam e se aprontam para nos receber nos campos da imensidade!

Ao deixar a Terra, iremos encontrá-los todos, e com eles ainda maior número de Espíritos amigos, que havíamos esquecido durante nossa última estada terrestre, a multidão daqueles que participaram de nossas vidas passadas e compõem nossa família espiritual.

Todos os nossos companheiros da grande viagem eterna se agruparão para nos acolher, não como pálidas sombras, vagos fantasmas animados de uma vida indecisa, mas na plenitude de todas as suas faculdades aumentadas; como seres ativos, ainda se interessando pelas coisas da Terra, participando da obra universal, cooperando para os nossos esforços, para os nossos trabalhos, para os nossos projetos.

Os laços do passado se reatarão com uma força nova. O amor, a amizade, a paternidade planejados outrora, em múltiplas existências, se cimentarão com os compromissos novos tomados em vista do futuro, a fim de aumentar sempre e de elevar à suprema potência os sentimentos que nos unem a todos. E as tristezas das separações passageiras, o afastamento aparente das almas causado pela morte, tudo se fundirá em efusões de felicidade, no arrebatamento dos retornos e das reuniões de alegria indescritível.

Reneguemos as sombrias doutrinas que falam de leis ferrenhas ou então de condenação, do inferno e do paraíso, afastando-nos uns dos outros e para sempre daqueles que amamos.



Não há abismo que o amor não possa encher.

Deus, todo amor, não podia condenar à extinção o sentimento mais belo, o mais nobre dentre todos que vibram no coração do homem. O amor é imortal como a própria alma.

Nas horas de sofrimento, de angústia, de abatimento, concentrai-vos e, por um apelo ardente, atraí a vós esses seres que foram, como nós, homens, e que são agora Espíritos celestes, e forças desconhecidas penetrarão em vós; e vos ajudarão a suportar vossas misérias e vossos males.

Homens, pobres viajantes que trilhais penosamente a subida dolorosa da existência, sabeí que por toda parte, em nosso caminho, seres invisíveis, poderosos e bons, caminham a nosso lado. Nos momentos difíceis, seus fluidos nos amparam, sustentam nossa marcha vacilante. Abri-lhes vossas almas; colocai vossos pensamentos de acordo com os deles e logo sentireis a alegria de sua presença; uma atmosfera de paz e de bênção vos envolverá; suaves consolações descerão para vós.

*

Em meio às provações, as verdades que acabamos de recordar não dispensam emoções e lágrimas; isso seria contra a natureza. Porém nos ensinam a não lamentar, a não permanecer abatidos sob o peso da dor e afastam de nós esses pensamentos nocivos de revolta, de desespero ou de suicídio que muitas vezes envolvem o cérebro dos descrentes. Se continuamos a chorar, é sem amargura e sem blasfêmia.

Mesmo quando se trata do suicídio de jovens arrebatados pelo ardor de suas paixões, diante da dor imensa de uma mãe, o Espiritismo não fica impotente. Ainda derrama a esperança nos corações desolados proporcionando-lhes, pela prece, pelo pensamento ardente, a possibilidade de aliviar essas almas que se situam nas trevas espirituais entre a Terra e o espaço, ou permanecem confinadas, por seus fluidos grosseiros, aos meios em que viveram. Atenua-lhes seu sofrimento ao lhes dizer que não há nada irreparável, nada de definitivo no mal; toda evolução entravada retoma seu curso quando o culpado resgata sua dívida à justiça.

Por toda parte e em tudo, a Doutrina Espírita nos oferece uma base, um ponto de apoio em que a alma pode tomar seu impulso



para o futuro e se consolar com o presente pela perspectiva das coisas futuras. A confiança e a fé em nossos destinos projetam diante de nós uma luz que ilumina o sentido da vida, nos fixa o dever, engrandece nossa esfera de ação e nos ensina a agir com os outros. Sentimos que há no universo uma força, um poder, uma sabedoria incomparáveis; mas também que nós mesmos fazemos parte dessa força e desse poder de que descendemos.

Compreendemos que os desígnios de Deus sobre nós, seu objetivo, tudo tem princípio e origem em seu amor. Em todas as coisas Deus quer nosso bem e o persegue por caminhos ora claros, ora misteriosos, mas constantemente apropriados às nossas necessidades. Se nos separa daqueles que amamos, é para nos tornar mais vivas as alegrias do retorno. Se permite as decepções, os abandonos, as doenças, os reveses, é a fim de nos obrigar a desprezar a vista da Terra e elevá-la para Ele, a procurar alegrias superiores àquelas que podemos provar neste mundo.

O universo é justiça e amor; na espiral infinita das ascensões, a soma dos sofrimentos, divina alquimia, converte-se, lá em cima, em ondas de luz e em feixes de felicidade.

Não tendes notado, ao fim de algumas dores, um sabor particular e renovador em que não há como deixar de reconhecer uma intervenção benfazeja? Algumas vezes a alma atingida vê brilhar uma claridade desconhecida, tanto mais viva quanto maior é o desastre. Com um único golpe, a dor faz com que nos elevemos a tais alturas que seria preciso muitos e muitos anos de estudo e esforço para atingi-las.

Não posso resistir ao desejo de citar dois exemplos, entre muitos outros que me são conhecidos. Trata-se de dois homens que depois se tornaram meus amigos, pais de duas maravilhosas meninas que eram toda a sua alegria neste mundo, e que a morte arrebatou brutalmente em alguns dias. Um é oficial superior na Região do Leste. Sua filha mais velha possuía todos os dons da inteligência e da beleza. De um caráter sério, desprezava voluntariamente os prazeres de sua idade e tomava parte nos trabalhos de seu pai, escritor, militar e publicista de talento. O pai havia-lhe dedicado uma afeição que ia até ao culto. Em pouco tempo, uma doença sem remédio arrebatou a garota à ternura dos que a amavam. Entre os seus papéis foi encontrado um caderno de notas



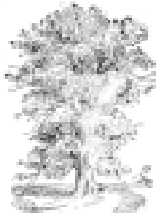
com o seguinte título: “Para meu pai quando eu já não existir!” Embora gozasse de perfeita saúde no momento em que traçara essas palavras, tinha o pressentimento de sua morte próxima e dirigia a seu pai consolações comovedoras. Graças a um livro que descobriu entre os pertences da filha, entramos em relação. Pouco a pouco, ao proceder com método e persistência, tornou-se médium vidente, e hoje possui não somente a graça de estar iniciado nos mistérios da sobrevivência da alma, mas também a de rever muitas vezes a filha perto de si e de receber os testemunhos de seu amor. O Espírito de Yvonne – esse era o seu nome – se comunica igualmente com o seu noivo e com um de seus primos, oficial subalterno no regimento de seu pai. Essas manifestações se completam e se confirmam umas pelas outras e são também percebidas por dois animais domésticos, conforme o atestam as cartas do general¹⁸.

O segundo caso é o de M. Debrus, comerciante de Valence. Sua única filha, Rose, nascida muitos anos depois do casamento, era ternamente amada. Todas as esperanças do pai e da mãe repousavam na querida filha. Mas, aos 12 anos, a menina foi bruscamente atacada por uma meningite aguda que a levou. O desespero dos pais foi inexplicável e a idéia do suicídio perseguiu, mais de uma vez, o espírito do pobre pai. Recobrou, porém, ânimo devido a alguns conhecimentos do Espiritismo e teve a alegria de tornar-se médium. Hoje, comunica-se sem intermediário, livremente e com segurança com sua filha. Ela intervém freqüentemente na vida íntima dos seus e produz às vezes, ao redor deles, fenômenos luminosos e de grande intensidade.

Ambos pouco sabiam das coisas do além e viviam numa indiferença total a respeito dos problemas da vida futura e do destino. Agora tudo se esclarece aos seus olhos. Após ter sofrido, foram consolados e consolam os outros por sua vez, trabalhando para difundir a verdade em volta de si, impressionando todos os que deles se aproximam, pela elevação de seus conceitos e pela firmeza de suas convicções. Sua filha voltou transfigurada e radiante. E eles chegaram a compreender por que Deus os

18 - Essas cartas estão publicadas no *L'au-delà et la survivance de l'être (O além e a sobrevivência do ser)*.





Carvalho: árvore muito comum no Hemisfério Norte, de porte majestoso, que pode alcançar 35 metros de altura por 6 de diâmetro. Sua madeira é de grande utilidade e de múltiplas aplicações por sua dureza e resistência ao tempo. Há aproximadamente 300 espécies de carvalho. Ele simboliza a perseverança e a resistência.

havia separado e como lhes prepara uma vida comum na luz e na paz do espaço. Eis a obra da dor!

*

Para o materialista, dissemos, não há explicação para o enigma do mundo, nem para o problema da dor. Toda a magnífica evolução da vida, todas as formas de existência e de beleza lentamente desenvolvidas no decorrer dos séculos, tudo isso, a seus olhos, é a resultante do capricho de um acaso cego e não tem outra destinação além do nada. No final dos tempos, será como se a humanidade nunca houvesse existido. Todos os esforços que tenha feito para se elevar a um estado superior, todas

as suas queixas, sofrimentos, misérias acumuladas, tudo desaparecerá como uma sombra, tudo terá sido inútil e em vão.

Mas em vez dessa teoria da esterilidade e do desespero, nós, que temos a certeza da vida futura e do mundo espiritual, vemos no universo o imenso laboratório onde se afina e se purifica a alma humana, pelas existências alternativamente celestes e terrestres. O objetivo das últimas é um só: a educação das inteligências associadas aos corpos. A matéria é um instrumento de progresso. O que chamamos mal, dor, é apenas um modo de elevação.

O eu é algo odioso, tem-se dito. Entretanto, permita-me uma confissão. Cada vez que o anjo da dor me tocou com as suas asas, senti agitarem-se em mim potências desconhecidas; ouvi vozes interiores entoarem o cântico eterno da vida e da luz. E agora, após ter compartilhado de todos os males de meus companheiros de viagem, abençoou o sofrimento; foi ele que harmonizou meu ser; proporcionou-me um julgamento mais seguro, um sentimento mais preciso das altas verdades eternas. Minha vida foi mais de uma vez sacudida pela infelicidade, como o carvalho pela tempestade; mas nenhuma prova deixou de me ensinar um pouco mais a adquirir maior conhecimento de mim.

Chega a velhice. O fim de minha obra aproxima-se. Após 50 anos de estudos, de trabalhos, de meditação, de experiências, é



doce para mim poder afirmar a todos os que sofrem, a todos os aflitos deste mundo, que há no universo uma justiça infalível. Nenhum de nossos males é inútil; não há dor sem compensação, trabalho sem proveito. Todos marchamos em meio às instabilidades e lágrimas para um objetivo grandioso, fixado por Deus, e temos ao nosso lado um guia seguro, um conselheiro invisível para nos sustentar e consolar.

Homem, meu irmão, aprende a sofrer, porque a dor é santa! É o mais nobre agente da perfeição. Penetrante e fecunda, é indispensável à vida de todo aquele que não queira permanecer petrificado no egoísmo e na indiferença. É uma verdade filosófica: Deus envia o sofrimento aos que ama. “*Sou escravo, aleijado – dizia Epicteto – um outro Irus* na pobreza e na miséria e, todavia, amado por Deus.*”

Aprende a sofrer! Não te direi: procura a dor. Mas quando ela parecer inevitável em teu caminho, acolhe-a como a um amigo, aprende a conhecê-la, a apreciar sua beleza austera, a entender-lhe os ensinamentos secretos. Estuda sua obra oculta; em vez de te revoltares contra ela ou de permaneceres abatido, inerte e cego sob sua ação, associa tua vontade, teu pensamento ao objetivo que ela traz, procura retirar de sua passagem, pela tua vida, toda lição que pode oferecer a teu espírito e a teu coração.

Esforça-te para seres, a teu modo, um exemplo para os outros; por tua atitude no sofrimento, tua aceitação voluntária e corajosa, tua confiança no futuro, torna-o mais aceitável aos olhos dos outros.

Numa palavra, faz a dor mais bela. A harmonia e a beleza são leis universais e, nesse conjunto, a dor tem seu papel estético. Seria pueril praguejar contra esse elemento necessário à beleza do mundo. Exaltemo-la antes com compreensão e esperanças mais altas! Vejamos nela o remédio supremo para todos os vícios, todas as decadências, todas as quedas!

Vós todos que andais vergados sob o fardo das provas ou que chorais no silêncio, aconteça o que acontecer, nunca vos desespereis. Lembrai-vos de que nada acontece em vão nem sem

* Irus ou Iro: personagem muito pobre da *Odisseia*, de Homero, em que são narradas as aventuras do herói grego Ulisses (N.E.).



causa. Quase todas as nossas dores vêm de nós mesmos, de nosso passado, e nos abrem os caminhos do céu. O sofrimento é um iniciador e um mestre. Ele nos revela o sentido grave, o lado sério e imponente da nossa existência, que não é uma comédia frívola, mas antes uma tragédia dolorosa; é a luta para a conquista da vida espiritual, e nessa luta, o que há de maior é a resignação, a paciência, a firmeza, o heroísmo. No fundo, as lendas alegóricas de Prometeu, dos Argonautas, de Niebelungen*, os mistérios sagrados do Oriente não têm outro sentido.

Um instinto profundo faz admirar aqueles cuja existência é apenas um combate perpétuo contra a dor, um esforço constante para escalar as íngremes ladeiras que conduzem aos cumes luminosos, aos tesouros inviolados. E não admiramos somente o heroísmo, as ações que provocam o entusiasmo das multidões, mas é admirável também a luta obscura e oculta contra as privações, a doença, a miséria, contra tudo o que nos escraviza aos laços materiais e às coisas transitórias.

Orientar as vontades; temperar os caracteres para o combate da vida; desenvolver a força da resistência; afastar da alma da criança tudo o que pode enfraquecê-la; elevar o ideal a um nível superior de força e de grandeza: eis o que a educação moderna deveria adotar por objetivo essencial. Mas, em nossa época, perdemos o hábito das lutas morais, enquanto se exaltam os prazeres do corpo. Assim, a sensualidade extravasa em nossos dias, os caracteres se deprimem, a decadência social se acentua.

Ergamos o coração, os pensamentos, as vontades! Abramos nossa alma aos grandes sopros do espaço! Levantemos nossos olhares para o futuro sem limites; lembremo-nos que esse futuro nos pertence: nossa tarefa é conquistá-lo.

Vivemos em tempos de crise. Para que as inteligências se abram às novas verdades, para que os corações falem, serão necessários avisos ruidosos. Serão necessárias as duras lições do sofrimento. Conheceremos dias sombrios e períodos difíceis. A infelicidade deve reaproximar os homens. Só se sentirão verdadeiramente irmãos pela dor.

* Prometeu: lenda da mitologia grega que exalta a coragem e a esperança; Argonautas: também da mitologia grega, exalta o heroísmo; Niebelungen: lenda germânica que exalta o perdão (N.E.).



Parece que a sociedade humana segue um caminho margeado de precipícios. O alcoolismo, a imoralidade, o suicídio, o crime, vícios de toda ordem exercem seus estragos. A cada instante, escândalos surgem, despertando curiosidades malfazejas, remexendo o lodo em que fermentam corrupções. O pensamento rasteja sem se elevar. Também a alma da França, que tantas vezes foi o símbolo dos povos, o seu guia na vida sagrada, essa sofre por sentir que vive em um corpo viciado.

Alma viva da França, liberta-te desse envoltório corroído, evoca as grandes lembranças, os altos pensamentos, as inspirações sublimes de teu gênio! Pois teu gênio não está morto; dormita. Amanhã, se levantará!

A decomposição precede a renovação. Da fermentação social pode vir uma nova vida, mais pura e mais bela. Sob o influxo da idéia nova, a sociedade encontrará a crença e a confiança. Ela se revelará maior e mais forte para realizar sua obra neste mundo!





PROFISSÃO DE FÉ DO SÉCULO 20

No ponto de evolução a que o pensamento humano chegou; considerando do alto os sistemas filosóficos e religiosos, o problema formidável do ser, do universo e do destino, em que palavras poderiam se resumir as noções adquiridas; numa palavra, qual poderia ser o *Credo* filosófico do século 20?

Já tentei resumir no livro *Depois da morte*, de maneira conclusiva, os princípios essenciais do Espiritismo. Se dermos a esse trabalho uma outra forma, ao adotar por base, como o fez Descartes*, a própria noção do ser pensante, mas desenvolvendo-a e ampliando-a, poderemos dizer:

1. O primeiro princípio do conhecimento é a idéia do Ser (Inteligência e Vida). A idéia do ser impõe-se: Eu sou! Essa afirmação é indiscutível. Não podemos duvidar de nós mesmos. Mas só essa idéia não é suficiente; ela deve se completar pela idéia da ação e da vida progressiva: Eu sou e quero ser, sempre mais e melhor!

*O Ser, em seu eu consciente: a alma é a única unidade viva, a única mônada** indivisível e indestrutível da substância simples, que se procura em vão na matéria, porque existe apenas em nós mesmos. A alma permanece invariável em sua unidade,*

* René Descartes (1596–1650): filósofo francês. Revolucionou os princípios filosóficos com o seu “penso, logo existo”, com base em que só se podem admitir como idéias certas as que a inteligência não pode separar do pensamento. Demonstrou filosoficamente a existência de Deus, de onde vêm todos os princípios morais e os racionais (N.E.).

** Mônada: segundo o filósofo Leibniz, cada uma das substâncias simples e de número infinito, de natureza psíquica e que não têm qualquer relação umas com as outras, que se agregam harmoniosamente por predeterminação da divindade, constituindo as coisas de que a natureza se compõe (N.E.).



nas milhares de formas, nos milhares de corpos de carne que constrói e anima para as necessidades de sua evolução eterna; e sempre diferente pelas qualidades adquiridas e o progresso realizado, cada vez mais consciente e livre, na espiral infinita de suas existências planetárias e celestes.

2. *Todavia, a alma só em metade pertence a si mesma. A outra metade pertence ao universo, ao todo do qual é parte. É por isso que só pode chegar ao inteiro conhecimento de si mesma estudando o universo.*

A busca desse duplo conhecimento é a própria razão e o objetivo de sua vida, de todas as suas vidas, e a morte é apenas a renovação das forças vitais necessárias para uma nova etapa adiante.

3. *O estudo do universo demonstra, a princípio, que uma ação superior, inteligente, soberana, governa o mundo.*

O caráter essencial dessa ação, pelo próprio fato de que ela se perpetua, é a duração. Pela necessidade de ser absoluta, essa duração não saberia comportar limites: daí a eternidade.

4. *A eternidade, viva e ativa, implica o ser eterno e infinito: Deus, causa primeira, princípio gerador, origem de todos os seres. Dizemos eterno e infinito, porque o ilimitado na duração implica matematicamente o ilimitado na extensão.*

5. *A ação infinita é ligada às necessidades da duração. Acontece que onde há ligação, relação, há lei.*

A lei do universo é a conservação, é a ordem e a harmonia. Da ordem resulta o bem; da harmonia resulta a beleza.

O objetivo mais elevado do universo é a beleza, sob todos os seus aspectos: material, intelectual, moral. A justiça e o amor são seus meios. A beleza, em sua essência, é inseparável do bem e ambas, por sua estreita união, constituem a absoluta verdade, a suprema inteligência, a perfeição!

6. *O objetivo da alma, em sua evolução, é atingir e realizar nela e ao redor dela, no decurso dos tempos e estações ascendentes do universo, pela expansão dos poderes que possui em gérmen, essa noção eterna do belo e do bem, que exprime a idéia de Deus, a própria idéia de perfeição.*

7. *Da lei de ascensão, bem entendida, resulta a explicação de todos os problemas do ser: a evolução da alma, que recebe,*



primeiramente, pela transmissão atávica, todas as suas qualidades ancestrais, depois as desenvolve por sua própria ação para acrescentar a elas qualidades novas; a liberdade relativa do ser relativo no Ser absoluto; a lenta formação da consciência humana no decorrer dos séculos e seus desenvolvimentos sucessivos nos infinitos do futuro; a unidade da essência e da solidariedade eterna das almas em sua marcha para a conquista dos altos cimos.*

* Atávico: fator de caráter, tendência ou talento herdado de antepassado (N.E.).





TESTEMUNHOS CIENTÍFICOS

Opinião do senhor William Crookes, célebre físico inglês que descobriu o Talium, fez conhecer o estado radiante, inventou o radiômetro, experimentou raios catódicos e facilitou o estudo dos raios X (tubos de Crookes):

“Estando certo da realidade dos fenômenos espíritas, seria uma covardia moral lhes recusar meu testemunho.”

Após seis anos de experiência sobre o Espiritismo, seis anos durante os quais inventou numerosos aparelhos destinados seja para permitir um controle científico, seja para registrar os fenômenos, William Crookes disse o seguinte sobre os fatos espíritas:

“Não digo que isso é possível: digo que é.”

Opinião do senhor Oliver Lodge, outro grande físico inglês, cujos trabalhos no domínio da eletricidade, notadamente a teoria dos íons, são conhecidos no mundo inteiro:

“Falando por minha conta e com todo o sentimento de minha responsabilidade, tenho a constatar que, como resultado de minha investigação no psiquismo, tenho gradualmente adquirido a convicção e estou agora convencido, após 20 anos de estudos, não somente que a continuação da existência pessoal é um fato, mas que uma comunicação pode, ocasionalmente, mas com dificuldade e em condições especiais, nos alcançar através do espaço. Esse assunto não é daqueles que permitem uma conclusão fácil; as provas podem ser adquiridas por aqueles que consagram a isso tempo e um sério estudo.”

Prosseguindo em suas pesquisas, o mesmo sábio, que foi ao mesmo tempo reitor da Universidade de Birmingham e membro da Academia Real, ainda escreveu:



“Eu me afirmo espírita, pois tive de aceitar os fenômenos como realidade.”

Opinião do professor César Lombroso, da Universidade de Turin, o ilustre criminalista italiano que combateu por muito tempo as teorias espíritas, mas que acabou por concordar em estudá-las:

“Sou forçado a formular minha convicção de que os fenômenos espíritas são de uma importância enorme e que é dever da ciência dirigir sua atenção, sem prazo, sobre essas manifestações.”

Esse sábio ainda emite um precioso testemunho:

“Trata-se do Espiritismo de fraude, o que dispensa atenções. Estou confuso por ter combatido a possibilidade dos fenômenos espíritas.”

Opinião do naturalista Russel Wallace, que era tão renomado quanto Darwin e presidente da Sociedade Inglesa de Antropologia:

“Eu era um materialista tão completo e tão convencido que não podia abrigar em meu espírito nenhum lugar para uma existência espiritual. Mas os fatos são coisas teimosas e eles me venceram. Os fenômenos espíritas são tão provados quanto os fatos de todas as outras ciências.”

Opinião de Camille Flammarion, célebre astrônomo francês:
“Não hesito em dizer que aquele que declara os fenômenos espíritas contrários à ciência, não sabe do que fala. De fato, na natureza não há nada de oculto, de sobrenatural, há o desconhecido; mas o desconhecido de ontem se torna a verdade de amanhã”.

No terceiro volume de sua grande obra, *A morte e seu mistério*, ele conclui nesses termos: *“A alma sobrevive ao organismo físico e pode se manifestar após a morte”.*

Ao terminar a leitura deste livro, provavelmente você tenha ficado com algumas dúvidas e perguntas a fazer, o que é um bom sinal. Sinal de que está em busca de explicações para a vida. Todas as respostas de que você precisa estão nas Obras Básicas de Allan Kardec.

Se você gostou deste livro, o que acha de fazer com que outras pessoas venham a conhecê-lo também? Poderia comentá-lo com aquelas do seu relacionamento, dar de presente a alguém que talvez esteja precisando ou até mesmo emprestar àquele que não tem condições de comprá-lo. O importante é a divulgação da boa leitura, principalmente a literatura espírita. Entre nessa corrente!

O problema da Dor

O homem se depara com a dor em diversos momentos de sua vida e, diante dessa "inimiga" que impõe sua presença nas horas menos esperadas, ele se faz a eterna pergunta:

Por que a dor?

Raras são as pessoas que reconhecem no sofrimento um instrumento de equilíbrio e de educação, um agente de desenvolvimento, uma condição de progresso.

A nossa vida é feita de momentos bons e ruins, e só conseguiremos ser felizes quando aceitarmos esse fato de maneira natural, quando entendermos que o sofrimento faz parte da vida, vencendo-o e tirando proveito dele, tornando-nos, assim, mais sábios e experientes.

O Problema da Dor, de Léon Denis, é uma análise ampla e profunda sobre a dor, um relato das implicações positivas que ela traz no curso das existências. De leitura agradável e enriquecida com notas explicativas, torna-se um livro reconfortante, ideal para todos aqueles que buscam entendimento e paz para viver.



www.petit.com.br
petit@petit.com.br

petit
editora

Uma passagem segura para o terceiro milênio